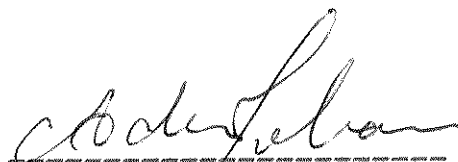


HELOISA TURINI BRUHNS <sup>†/c</sup>

Este exemplar corresponde à redação  
final da Tese defendida por Heloísa  
Turini Bruhns e aprovada pela  
comissão julgadora em 16/12/92.  
Campinas, 16/12/92



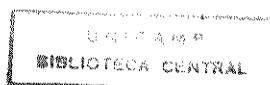
Prof. Dr. Ademir Gebara <sup>†</sup>

O CORPO JOGA, TRABALHA, DANÇA E FESTEJA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

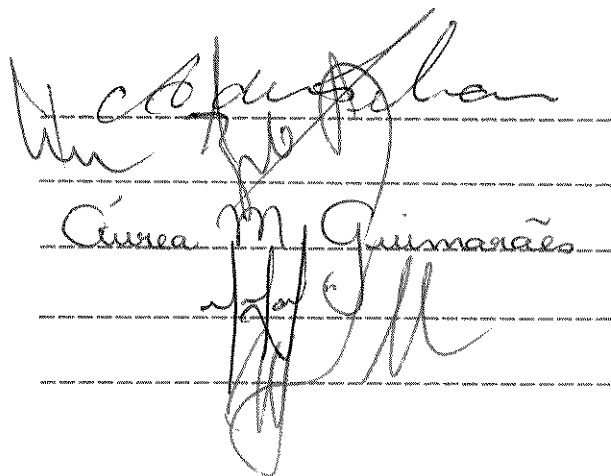
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1992



Tese de Doutorado apresentada  
à Universidade Estadual de  
Campinas, Departamento de  
Filosofia e História da  
Educação (FE), como exigência  
parcial para obtenção do  
título de Doutor em Educação.  
Orientador: Prof. Dr. Ademir  
Gebara.

Comissão Julgadora

  
Cícera M. Guimarães

## RESUMO

Este trabalho refere-se a um estudo sobre algumas atividades ludomotoras (jogos, esportes, festas) num contexto cultural específico, envolvendo questões mais amplas, como a dinâmica da relação produção-consumo e intervenções externas ao local pesquisado, valorizando uma visão de conjunto.

A questão central incide na tentativa em demonstrar que essas atividades não se constituem em fenômenos isolados, não podendo ser introduzidas e instaladas mecanicamente em diversos contextos sociais, obedecendo a uma forma padronizada e única, quanto a organização e execução. Isto porque traduzem determinados valores e visão de mundo, com nuances próprias, quando comparadas a outras realidades sociais.

Com o intuito de observar e compreender como as formas peculiares de revelação dessas atividades se processam, foi eleita a região do subdistrito de Campinas, denominada Joaquim Egídio, por esboçar aspectos culturais distintos do grande centro, ou seja, características não-industriais, área comercial limitada e urbanização diferenciada, quanto à ocupação do espaço (ausência de prédios, trânsito restrito e outros).

Agradeço a todos aqueles que acompanharam, torceram e estimularam, para a concretização desse trabalho. Seus nomes, seus rostos, suas expressões, estão presentes em todas essas páginas e estarão para sempre no meu coração...

Para todos aqueles que, muito além do conhecimento, possuem sabedoria, pois eles reconhecem a necessidade da abertura, para a compreensão e transformação necessárias, na busca de um mundo melhor.

## ÍNDICE

|                                                                               |     |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO .....                                                              | 01  |
| <br>                                                                          |     |
| CAPÍTULO I - PERCORRENDO O TEMA A SER INVESTIGADO.....                        | 10  |
| <br>                                                                          |     |
| CAPÍTULO II - ATIVIDADES LUDOMOTORAS NUM CONTEXTO CULTURAL<br>ESPECÍFICO..... | 36  |
| <br>                                                                          |     |
| 1 - Um pouco de História.....                                                 | 37  |
| <br>                                                                          |     |
| 2 - Na cidade.....                                                            | 47  |
| 2.1 - A espacialidade.....                                                    | 47  |
| 2.2 - Perturbações na espacialidade.....                                      | 54  |
| 2.3 - A "invasão" e a "resistência".....                                      | 58  |
| 2.4 - Implicações entre bares, turistas e<br>região.....                      | 62  |
| 2.5 - Formas de organização de população....                                  | 75  |
| <br>                                                                          |     |
| 3 - Nas Fazendas.....                                                         | 90  |
| 3.1 - As fazendas e o espaço de lazer.....                                    | 93  |
| 3.2 - Percorrendo as fazendas.....                                            | 96  |
| 3.3 - O povoado surgido na fazenda.....                                       | 104 |
| 3.3.1 - O futebol no povoado.....                                             | 105 |

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| 3.3.2 - Além do futebol.....         | 110 |
| 3.3.3 - As mulheres.....             | 116 |
| 3.3.4 - Um jeito de viver.....       | 121 |
| 3.3.5 - O Político e a comunidade... | 125 |

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| CAPÍTULO III - AS FESTAS..... | 133 |
|-------------------------------|-----|

|                         |     |
|-------------------------|-----|
| 1 - Festas Juninas..... | 142 |
|-------------------------|-----|

|                                           |     |
|-------------------------------------------|-----|
| 2 - Festa de São Joaquim e São Roque..... | 160 |
|-------------------------------------------|-----|

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| 2.1 - O Clube dos Cavaleiros..... | 191 |
|-----------------------------------|-----|

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| 3 - A Festa da Primavera..... | 194 |
|-------------------------------|-----|

|                           |     |
|---------------------------|-----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 200 |
|---------------------------|-----|

|                   |     |
|-------------------|-----|
| BIBLIOGRAFIA..... | 211 |
|-------------------|-----|

|             |     |
|-------------|-----|
| Livros..... | 211 |
|-------------|-----|

|                                             |     |
|---------------------------------------------|-----|
| Jornais, Artigos de Jornais e Revistas..... | 221 |
|---------------------------------------------|-----|

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho representa uma continuidade dos estudos desenvolvidos no Mestrado em Educação, cujo tema polarizou-se em torno de uma análise teórico-histórica do jogo, na tentativa de diferenciação entre o jogo e o esporte profissional.

Agora a pesquisa refere-se a um estudo interpretativo de certas manifestações presentes no lazer (jogos, esportes, festas), para as quais adotei a denominação ludomotoras, direcionando para seus aspectos sócio-culturais.

Algumas constatações conduziram à necessidade da realização desse estudo, como a percepção do fato de a Educação Física (com a qual tenho estreita relação), não vir demonstrando devida preocupação quanto à compreensão e análise dessas atividades ludomotoras, nos seus contextos culturais específicos, as quais delineiam formas peculiares de apresentação, no grupo social a que pertencem.

Em seu processo educativo, a Educação Física vem dirigindo um tratamento uniformizado a essas manifestações, apoiada numa teoria geral e abstrata, centralizando seus propósitos, em grande medida, sobre aspectos técnicos e treinamento.

Portanto, o foco da pesquisa incide em justificar que elementos (jogos, esportes, danças), estudados por essa área do conhecimento, não são fenômenos sociais isolados, não podendo ser

introduzidos e instalados mecanicamente em diversos contextos sociais, obedecendo a uma forma padronizada e única, quanto à organização e execução. Isto porque traduzem determinados valores e visão de mundo próprias, quando comparadas a outras realidades sociais.

Na ausência de tal consideração, agentes do processo educativo tendem a transmitir essas atividades, de forma desigual (pois não houve mediação de saberes) e impositiva, não percebendo o vínculo estreito existente entre essas manifestações e a realidade sócio-cultural dos sujeitos envolvidos.

Com o intuito de observar e compreender como as formas peculiares de revelação dessas atividades se processam, foi eleita a região do subdistrito de Campinas, denominada Joaquim Egídio, por esboçar aspectos culturais distintos do grande centro, ou seja, características não industriais, área comercial limitada e urbanização diferenciada quanto à ocupação do espaço (ausência de prédios, trânsito restrito, por exemplo, na tentativa de buscar semelhanças e diferenças com o centro industrial urbano, em termos valorativos e cognitivos).

A problemática inicial agrupava-se em torno de algumas questões relacionadas com o tema a ser investigado, ou seja, como as atividades pertinentes ao estudo eram vivenciadas enquanto um conjunto de valores; o modo como os aspectos existenciais (conceitos de si mesmo, da natureza, da sociedade) estavam presentes na comunicação entre as pessoas durante as manifestações lúdicas; quais os obstáculos enfrentados pela população na realização dos eventos.

Supunha-se encontrar manifestações lúdicas pouco subvertidas pela indução ao consumo, e pouco influenciadas pela comunicação de massa, como também acentuada proximidade entre parentes e amigos, expressando não somente relações sociais de reciprocidade e solidariedade, mas igualmente, de conflitos, traduzidos nas formas de organização do grupo social.

Além disso, suponho que um estudo situando essas atividades ludomotoras, em determinado contexto, pode ser um veículo de reflexão sobre nossa realidade social, voltada para um individualismo, estimulando a produção e o consumo.

Nesse sentido, uma reorientação de projetos existentes (devido à melhor compreensão do significado dos esportes, jogos, danças) no processo educativo, ou orientação de novos (propostas educativas considerando as atividades previamente desenvolvidas no grupo social) pode ser realizada.

Foram articuladas à análise, certas conclusões provenientes de alguns estudos de comunidade<sup>1</sup>, sobre aspectos recreativos das localidades pesquisadas, verificando o tratamento dispensado, e relacionando-os às atividades investigadas na pesquisa aqui proposta.

As manifestações da população estudada foram abordadas como sendo reveladoras e, ao mesmo tempo, decifradoras de si mesmas.

---

1 - Podemos citar NOGUEIRA (62) nos estudos sobre Itapetininga, WILLEMS (61) nos estudos sobre Cunha e WAGLEY (57) quanto à comunidade amazônica

Foram examinadas como momento de um determinado todo, como fenômenos sociais, cujos elementos encontram-se em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo. Esse todo se cria em si mesmo na interação das partes<sup>2</sup>. Houve uma intenção pela busca das contradições entre as partes e o todo, pretendendo captar o movimento histórico-social.

Igualmente, certos elementos, como a cooperação e o antagonismo, revelaram-se através das atividades estudadas e nelas se esconderam. O intuito foi indagar e compreender como essas manifestações ocorreram, através de uma análise interpretativa.

Tentei evitar "armadilhas positivistas", procurando não me deter unicamente à visão da realidade imediata e experiência vivida dos grupos pesquisados, seguindo a orientação de DURHAM, em não nos contentarmos com a "descrição da forma pela qual os fenômenos se apresentam, mas investigando o modo pelo qual são produzidos"<sup>3</sup>. Assim, busquei contextualizar as atividades no seu processo histórico-social, numa problemática preocupada com questões mais amplas, como a dinâmica da relação produção-consumo e intervenções externas ao local pesquisado, valorizando uma visão de conjunto.

---

2 - Estamos nos baseando aqui, nas discussões sobre dialética, do autor KOSIK (s/d).

3 - DURHAM (86, p.33)

Estou consciente das limitações impostas pelo objeto do estudo (a relação entre cultura, seu componente lazer, de modo específico, no processo educativo amplo), as quais resultaram em recortes (elegendo as atividades ludomotoras), evidentemente restritivos pela seleção de certos ângulos e perspectivas, através da qual se operou analiticamente na construção de juízos sobre a realidade.

Concordo com GEERTZ na discussão sobre considerar o homem não de forma fictícia, porém situado histórica e socialmente, afirmando a necessidade de abordagem de "uma teoria de valor que olha o comportamento de pessoas reais em sociedades reais, vivendo em termos de culturas reais, procurando tanto o seu estímulo como sua validade", pois dessa forma seriam evitados argumentos abstratos e doutrinas dogmáticas e intransigentes, completando: "o papel de uma ciência tão especial como a Antropologia na análise dos valores não é substituir a investigação filosófica, mas sim torná-la relevante"<sup>4</sup>.

As observações de PRADO quanto à representação de homem em cada sociedade, segundo critérios específicos que a caracterizam, vêm aqui ilustrar: "...o conceito 'humanidade' seria uma abstração. Haveria sim, vários modos de ser". Não obstante, SCHAFF vem elucidar a questão, apontando a impossibilidade de se supor um pensamento antropológico "fora do

---

4 - GEERTZ (89, p.159) - Exemplificando, quando nos referimos ao jogador de futebol, devemos situá-lo em sua realidade sócio-cultural. Ao contrário, incidiremos num jogador de futebol abstrato"

5 - PRADO (72, p.5)

'princípios filosóficos' "6.

O trabalho foi constituído em três momentos. No primeiro, a intenção foi discutir questões pertinentes a conexões entre educação e cultura, buscando implicações com a temática proposta para investigação. Este se constituiu como um aprofundamento da problemática em pauta, com o propósito de esclarecer, por exemplo, a causa da busca de situações educativas informais, no cotidiano, e não das formais ou não formais, em instituições. Cumpriu a função de aprofundamento e reflexão em torno do objeto de estudo, ou seja, como as atividades ludomotoras possuem um significado, sendo por este modificadas, ao mesmo tempo que se modificam. Nesse processo, está envolvido um conhecimento da realidade social, expresso através da organização do grupo social em torno das preferências, costumes, motivações e concepções.

No segundo momento, entro no cenário da investigação, o subdistrito Joaquim Egídio. Com a pretensão de situar o local onde foi realizada a pesquisa, bem como de compreender as causas que o mantiveram com a aparência atual, foi necessária uma breve retomada dos movimentos histórico-sociais, geradores de tal situação. Para tal propósito, foram utilizados arquivos de jornais, depoimentos pessoais e um suporte bibliográfico

referente à região de Campinas, com a intenção de explicar as variáveis e condicionantes que contribuíram para determinada ocupação e distribuição do solo. Dessa forma, tornou-se possível a compreensão da situação peculiar da região.

Prosseguindo, realizei uma análise da espacialidade, percebendo a distribuição e movimentos das pessoas, na cidade.

Tomando como suporte um artigo de jornal sobre o grande trânsito de pessoas estranhas ao lugar, nos finais de semana, com a nítida intenção de frequentar os bares locais, direcionei a exposição analisando a resistência dos moradores sobre tal fato, numa primeira instância; em seguida para as relações entre os bares, turistas e região, na busca da compreensão da causa da "invasão" local; em terceiro, para a organização do grupo social através da sua Associação de Moradores; e em quarto, para a organização dos jovens em torno de suas propostas (criação da Comunidade Jovem, grupos ecológicos), com a finalidade de evitar a depredação ambiental pelos visitantes.

Atrreladas a essas interpretações, considereei as atividades ludomotoras implicadas, tanto às resistências como as organizações internas do grupo - jogos de baralho, acampamentos, futebol e outras.

O estudo restringiu-se ao espaço da cidade, num primeiro momento, sendo no momento posterior, centralizado nas fazendas. Esta divisão construída sobre o espaço geográfico, facilita, de certa forma, a exposição dos dados obtidos, porém não é válida para os movimentos sociais, os quais integram num só espaço, as mútuas influências do rural e do urbano.

Na análise sobre as fazendas, igualmente, o ponto de partida reincidiu sobre um artigo de jornal, cujo conteúdo girava em torno da perspectiva da integração da comunidade rural, com uma proposta de política cultural.

A partir do percurso pelas fazendas, os dados obtidos foram expostos e interpretados, de modo a captar o significado atribuído, assim como a organização dos trabalhadores rurais quanto a algumas atividades observadas como o futebol, jogos de baralho, jogos infantis e outros.

A exposição transpôs a crônica do cotidiano, caminhando da complexidade do concreto para a essencialidade da teoria<sup>7</sup>, concomitantemente, verificando como certos conceitos (integração, legitimidade, visão de mundo e outros) se aplicavam ao concreto<sup>8</sup>.

A investigação, visando a obtenção desses dados, seguiu uma trajetória traçada pelos atores sociais envolvidos, os quais iam me direcionando para locais e pessoas mais diretamente relacionados aos acontecimentos de jogos, festas e esportes. Assim, fui me deslocando da cidade para as fazendas e vice-versa,

---

7 - BRUIT (87, p.65) discutindo sobre espaço regional, levanta a questão dessa passagem mútua, no processo da análise, do concreto para a teoria.

8 - GEERTZ (89, p.40) posiciona-se no mesmo sentido, argumentando que conceitos mais globais ganham uma atualidade sensível, quando verificadas "tentativas particulares de pessoas particulares" situando-os em "alguma espécie de estrutura compreensiva e significativa"

participando de reuniões em casas de família, eventos e entrevistas com os moradores, tendo como objetivo compreender a organização, o significado, as transformações e adaptações das atividades pertinentes ao estudo, bem como suas histórias, de acordo com a lógica apresentada por essa realidade, expressa através do modo de vida das pessoas, no seu contexto social.

Num terceiro momento, por perceber, na minha inserção como pesquisadora, a relevância das festas para a comunidade estudada, dediquei esta etapa a sua análise específica, procurando enfocar aquelas das quais participei durante o ano da pesquisa.

Três espécies de festas foram analisadas na seguinte sequência: Festas Juninas, Festa de São Joaquim e Festa da Primavera.

A festividade presente no local demonstrava ser um instrumento fértil de investigação, na medida em que a festa agrega, necessariamente, atividades ludomotoras como a dança, o jogo e outras relacionadas ao modo de vida local (procissão, rezas, leilão, comida, trabalho), as quais poderiam auxiliar na reconstrução das redes de significado tecidas pelo grupo social.

Implicadas nesses últimos eventos, outras manifestações mostraram-se importantes, no sentido de revelarem aspectos pertinentes ao tema aqui estudado, como o clube de cavaleiros, o clube de mães e outros, para os quais tributo igual empenho de interpretação.

## CAPÍTULO I

## PERCORRENDO O TEMA A SER INVESTIGADO

Para nos situarmos dentro do tema proposto neste trabalho, ou seja, a investigação das atividades ludomotoras<sup>1</sup>, numa perspectiva sócio-cultural, salientando tanto a importância da compreensão do significado implícito nessas atividades, do sentido provocado por elas, como a consideração desse fato numa proposta educativa, devemos tecer algumas considerações preliminares, as quais serão relevantes para o entendimento das questões desenvolvidas no decorrer da exposição.

De imediato, percebe-se a necessidade de discussão em torno da relação educação-cultura, bem como de explicitação de alguns conceitos pertinentes a essa relação, pela própria intimidade com o tema a ser desenvolvido. Daí, advêm outras considerações sobre aspectos formais e informais do processo educativo, uma vez que a pesquisa será enfocada em situações informais do cotidiano.

Igualmente, tentarei uma aproximação com propostas formuladas por outros autores, as quais trazem em seu bojo,

---

1 - Para melhor entendimento do termo ludomotricidade, recorreremos a SÉRGIO (86, p.22): "Comportamento motor típico das atividades lúdicas. O jogo não é uma fase, mas uma dimensão da própria vida, que gera a cultura, a arte, o desporto, sob um clima de improdutividade, liberdade e festa".

certas semelhanças com a apresentada. Como não poderia deixar de ocorrer, questões filosóficas pertinentes à educação, serão levantadas, apesar de estarem presentes no transcorrer da exposição como um todo, explícita ou implicitamente.

Finalmente, nessa viagem sobre o tema, serão tecidas observações no que tange à escolha do local e sua importância dentro dos propósitos aqui pretendidos.

Optei por uma abordagem dessas atividades ludomotoras (jogos, festas, danças), não de forma isolada, separadamente, porém inseridas no contexto analisado, numa comparação com teorias voltadas para situações mais gerais, pertinentes aos centros urbanos industrializados.

Nessa opção, deixo esclarecida a tentativa de mostrar o fenômeno cultural, não voltado para si mesmo, porém mantendo relações com os demais fenômenos, uma vez que seu sentido é polissêmico, simbólico, modificando-se em situações específicas (um mesmo jogo de cartas pode apresentar formas diferentes, num clube de elite ou num bar de periferia). Nesse quadro, os conflitos subjetivos afloram, traduzindo as intenções humanas dos indivíduos e grupos. O reducionismo dogmático, adotando posições únicas ou "verdades" eternas, conduz como indica REZENDE, a "uma das manifestações da desestruturação cultural do ensino"<sup>2</sup>.

Vários autores têm se manifestado sobre a relação educação-cultura, esclarecendo a necessidade, no processo

---

2 - REZENDE (83, p.52)

educativo, em considerar a especificidade cultural dos envolvidos.

Com referência à educação infantil, MARCELLINO discute a submissão dos corpos das crianças a rotinas estafantes, mesmo quando tarefas ou obrigações não são pesadas, como também a falta de sentido, a desvinculação com a cultura vivida, potencializando o grau de desgaste<sup>3</sup>.

A relação entre educação, a ação cultural e o desenvolvimento, torna-se evidente na fala de REZENDE, para o qual "há toda uma aprendizagem da percepção do sentido, da interpretação das mensagens, do discernimento de seu alcance pessoal e social, da criatividade em respostas que estabeleçam o diálogo vital e nos definam como membros de uma comunidade de sentido, em ato de comunicação cultural"<sup>4</sup>.

Já DUARTE JR. enfatiza o fato de a compreensão radicar-se na vivência do mundo e "quando a educação se fundamenta na realidade existencial dos educandos, a aprendizagem significativa tem maior possibilidade de ocorrência"<sup>5</sup>. Completa o autor, esclarecendo sobre a multiplicidade de sentidos de nossa cultura, onde o educando "somente pode apreender e aprender aqueles que auxiliem-no a compreender-se"<sup>6</sup>. Integrando-se na cultura e

---

3 - MARCELLINO (90, p.93)

4 - REZENDE (83, p.13)

5 - DUARTE JR. (88, p.61)

6 - IDEM

conhecendo o seu conteúdo, o indivíduo pode compreendê-la e criar o seu sentido.

A educação não tem demonstrado muito empenho na vinculação com a cultura do povo brasileiro, desconhecida para ele próprio, discute MENDES, "porque se encontra apartado, separado dela"<sup>7</sup>. O autor alerta para o perigo dessa separação do homem de sua cultura, podendo "alargar-se até a extrema alienação"<sup>8</sup>.

Tal separação pode conduzir indivíduos e grupos a não perceberem o sentido real de suas vidas, à não consciência de si, do outro e da natureza.

Esse sentido não emerge de um idealismo, mas dos acontecimentos. Não de maneira simplesmente expositiva, "mas dialética e crítica, isto é, pondo em questão esses mesmos acontecimentos e seu sentido"<sup>9</sup>.

Quanto à consciência, BOSI nos mostra ser esta "o verdadeiro vestibular das Ciências do Homem e das Ciências da Natureza e das Artes e Letras. Sem ela, o letrado cairá no mundo do receituário e da manipulação"<sup>10</sup>.

Essa ausência de preocupação com uma aprendizagem

---

7 - MENDES (83, p. 93)

8 - IDEM

9 - REZENDE (83, p.13)

10 - BOSI (87, p. 173)

significativa traduz uma concepção de educação voltada para uma adequação ao mundo, um adestramento, pois desprezam-se as experiências de vida, as quais conduzem a novos significados.

Neste modelo educativo relega-se a existência dinâmica dos indivíduos, ou seja, "se norteia através dos sentidos 'abstratos', não conectados a experiências vitais"<sup>11</sup>.

As experiências vividas pelos indivíduos ou grupos, a referência a elas, conduzem símbolos e conceitos a adquirirem significação, porque ajudam essas pessoas a pensar sobre o que já conhecem "num nível vivido, ainda não refletido"<sup>12</sup>.

A educação apresenta dificuldades na veiculação de suas mensagens, quando estas nada têm a ver com os acontecimentos. O professor invoca sentido, escreve REVZENDE, "sem possibilidade de encontrá-lo no 'lugar' em que está. E como os acontecimentos dizem respeito às pessoas nele implicadas, o sentido histórico é prontamente o da vida daquelas pessoas (...). O desconhecimento da situação histórica real das pessoas faz com que o ensino seja ou possa ser estranho, alienado e alienante"<sup>13</sup>.

Como REZENDE, reconhecemos a ambiguidade existente nas noções de integração e alienação. Assim, esclarecemos alguns aspectos para dissolver dúvidas. Segundo o autor, e concordo com

---

11 - DUARTE JR. (88, p.60)

12 - Ibid., p.63

13 - REZENDE (83, p.54)

ele, "quando se trata de uma integração através do processo de reprodução imitativa, não significativa, a alienação se torna sinal da própria fisionomia do grupo em questão: ele integra alienando, isto é, estabelecendo uma relação acrítica entre seus membros e a imagem que lhes é proposta"<sup>14</sup>.

Na medida da ocorrência pela busca do sentido nos acontecimentos, nas experiências de vida das pessoas implicadas, ou seja, nas vivências do cotidiano, como o trabalho com a terra, com instrumentos, com máquinas, com o próprio grupo de trabalho, com a família, "o homem se inicia no conhecimento do real e no drama da vida em sociedade, que as ciências e as artes formalizam, às vezes, precocemente"<sup>15</sup>. Assim, afirma BOSI, "a cultura fundamental deve ser um prolongamento e uma reflexão do cotidiano"<sup>16</sup>.

As diversas manifestações da existência humana estruturam-se numa cultura. No geral, verifica-se uma ruptura com a cultura, no processo educativo (crianças e adultos), não implicando em "continuidade da formação cultural pelo contato com a 'tradição', mas em negação, envolvendo substituição/imposição"<sup>17</sup>,

---

14 - REZENDE (83, p.54)

15 - BOSI (87, p.173)

16 - IDEM

17 - MARCELLINO (90, p.101)

escreve MARCELLINO, que, embora esteja se referindo ao início do processo de escolarização, o argumento dos autores com os quais estamos dialogando, e minha própria experiência com educação, conduzem a estender essa fala para outros níveis. Temos, então, um universo de referência, de certa forma, abafado e desintegrado.

Aqui há uma dupla negação: da própria experiência axiológica, e da possibilidade de vivência dessa experiência axiológica, fundada em valores de referência dos elementos da cultura. Com a negação dos valores existentes nos acontecimentos da vida das pessoas e grupos, teremos imposição de outros valores, apresentados como certos, sem a devida reflexão<sup>18</sup>.

Nesse sentido, entramos com REZENDE, identificando o "subdesenvolvimento cultural" como axiológico, "na medida em que a hierarquia de valores que caracteriza a imagem de homem e o modelo de vida, põe em primeiro lugar alguns valores sem dar chances a outros"<sup>19</sup>.

Com esses esclarecimentos constatamos a importância de se considerar a cultura dos indivíduos e grupos, no processo educacional, no mínimo como ponto de partida.

Analisando os conceitos de educação e cultura, poderemos visualizar melhor as conexões desenvolvidas até então.

---

18 - MARCELLINO (90, p.101)

19 - REZENDE (83, p.26)

Considerando a noção de cultura num sentido amplo, esta consiste "... num conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolizações e por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve"<sup>20</sup>.

O significado das atividades dá sentido à existência humana e, então, nos aproximamos de REZENDE na conceituação de cultura como "o sentido que a existência humana apresenta, historicamente, como fruto do relacionamento entre o homem e o mundo"<sup>21</sup>, ou dizendo com outras palavras, é a fisionomia própria dos grupos humanos através da sua história.

Cada um dos elementos constituidores de uma cultura, definindo-a enquanto forma (mitos, tecnologia, jogos e outros), concretiza determinados valores, tornando-os significantes; o conjunto de todos eles compõe a visão de mundo (a forma) da cultura<sup>22</sup>.

Abrindo um parênteses, uma vez que o termo "visão de mundo" estará presente em muitas passagens deste trabalho, vale a pena nos debruçarmos um pouco sobre ele. Visão de mundo, explica MORAIS, "não é a maneira de abrir os olhos e atentar para a realidade circundante, senão que, bem mais além, é a forma pela qual o mundo foi percebido e transformado em representações que

---

20 - MACEDO (82, p.35)

21 - REZENDE (83, p.42)

22 - DUARTE JR. (88, p.54)

passaram a reger a dinâmica emocional e a estrutura cognitiva de um povo"<sup>23</sup>.

Fechando parênteses, vamos verificar a estreiteza existente entre os conceitos da cultura e educação, centrando agora sobre a educação.

Se antes, o conceito de cultura referiu-se a um conjunto de modos de fazer, ser, interagir, envolvendo simbolização, implicando no modo do desenvolvimento da vida social, REZENDE vem posicionar o conceito de educação como o "processo pelo qual os membros de um determinado grupo humano adquirem, progressivamente, a maneira de ser, pensar e agir desse mesmo grupo"<sup>24</sup>. Envolve a assimilação e a vivência da imagem de homem veiculada por suas respectivas culturas.

Se antes, como apresentado por DUARTE JR., a visão de mundo da cultura era composta por determinados valores, concretizados pelos elementos constituidores de uma cultura, agora o autor expõe o educar-se como sendo, primeiramente, a aquisição da visão de mundo da cultura a que se pertence: "educar-se diz respeito ao aprendizado dos valores e dos

---

23 - MORAIS (89, p.15)

24 - REZENDE (83, p.7)

sentimentos que estruturam a comunidade na qual vivemos"<sup>25</sup>.

A educação é tratada por REZENDE como "fenômeno da aprendizagem da cultura", na busca pela compreensão do mundo e da apreensão do seu sentido, através da maneira como ele é vivido, constatando uma determinada realidade.

Implica a recusa da dominação como sentido inaceitável para a existência<sup>26</sup>, uma vez que, como já discutimos, a dominação é reducionista, pois impõe determinados valores como certos e únicos, não dando chance a outros.

REZENDE apresenta um desafio a ser vencido pela educação: tornar-se uma aprendizagem humana e significativa, da cultura e das culturas<sup>27</sup>.

O ensino-aprendizagem, enquanto ato cultural, "é a vivência da cultura em termos de sua transmissão" e um dos objetivos da educação está em inserir-se "na trama dos acontecimentos precisamente enquanto pondo em questão o sentido da existência"<sup>28</sup>. Não no caminho de uma integração passiva, mas compreendendo a ambiguidade de situações na qual se encontra a condição humana, transformando a imagem de homem veiculada pela

---

25 - DUARTE JR. (88, p.59)

26 - REZENDE (90, p.65)

27 - Ibid., p.66

28 - Ibid., p.84

cultura, em projeto. Vamos elucidar melhor essa posição.

Discutindo sobre a educação não apresentar-se somente como conhecimento, MENDES a identifica também como re-conhecimento, na direção de "cobrir essa lacuna com o reconhecimento de uma cultura na qual devam integrar-se todos que dela participam em níveis crescentemente iguais de consciência e lucidez"<sup>29</sup>. Porém, MARCELLINO avança no rumo do projeto mencionado acima por REZENDE, argumentando não bastar somente o re-conhecimento, pois "a educação implica também no posicionamento frente ao reconhecido, no questionamento e no exercício da recriação do elemento dado. Não é só a cultura entendida como produto-conteúdo acabado e transmitido. é também processo-participação cultural"<sup>30</sup>.

Retomando algumas palavras e termos utilizados até então, ou seja, "receituário", "manipulação", "adestramento", "adequação", "desvinculação da cultura", entre outros, é possível o entendimento da minha proposta de trabalho, pois eles parecem "luvas" na observação em situações de ensino-aprendizagem de esportes, danças e jogos na escola ou outra instituição, de modo geral.

---

29 - MENDES (83, p.93)

30 - MARCELLINO (90, p.98)

A ênfase, geralmente, é colocada no desenvolvimento motor, aspectos orgânicos e musculares, adestramento físico e outros, não se atendo ao significado dessas atividades para o grupo social envolvido, significado este, proporcionando sentido (ou ausência dele), para esse grupo. Desta forma, muitos não entendem a repulsa dos educandos por determinados conteúdos veiculados nas aulas de Educação Física.

Exemplificando, podemos recorrer à aprendizagem de um esporte, onde muitas vezes devo me adequar aos valores e visão de mundo de um professor (pertinentes à sua posição de classe e outros), como "vencer é importante", "os mais fracos devem ser eliminados", "o direito é do mais forte", "disciplina e obediência fazem o campeão" e outros, não sendo necessariamente os meus valores e do meu grupo. Além disso, se essa "aprendizagem" sedimentar-se num receituário de qualquer manual, conduzindo a gestos mecânicos, à repetição enfadonha, aos quais igualmente eu devo me adequar, qual será o significado possível de ser atribuído a ela? Talvez "monótona", "adestradora" (possibilitando a identificação com um animal), "castradora" (identificando-a com a carência de espaço para criação). A partir de qualquer um desses significados, qual o sentido dessa atividade para minha existência? Não será ela, possivelmente, desprovida de sentido?

Essa forma de ensino-aprendizagem exposta acima contradiz a minha posição até o momento, condizente com as dos autores citados, frente à relação educação-cultura, porém, identifica-se com seus ataques e críticas.

De modo bastante perturbador, isso vem ocorrendo no processo educativo (ou deseducativo) quanto aos conteúdos denominados aqui de ludomotores.

A situação ensino-aprendizagem, oferecendo resistência à vinculação com a cultura, torna-se problemática, como tentei demonstrar através do exemplo desenvolvido, podendo conduzir a um impasse, ou seja, a imposição do professor e a negação da participação pelos alunos. Tentar uma superação através de "aprimoramentos metodológicos", nem sempre significa alcançar os resultados desejados, pois, lembrando a fala de BRANDÃO, "é a partir de uma compreensão do modo de vida e da lógica do pensar de cada cultura, em cada sociedade, que é possível equacionar métodos proveitosos e realizar um ensino criativo e, ao mesmo tempo eficaz"<sup>31</sup>.

A partir do panorama apresentado até o momento, posicionarei o tema a ser investigado.

Trata-se de um ponto de partida no processo educativo, considerando um universo cultural de referência, verificando a presença de certas atividades ludomotoras como elementos culturais, tradutores de valores e determinada visão do mundo, através de seus significados.

Alguns autores têm demonstrado a possibilidade da realização da leitura de uma certa sociedade através de danças,

---

31 - BRANDÃO (85a, p.119)

jogos, e esportes.

Em relação ao futebol, DA MATTA expõe em seus estudos, um lado deste esporte que fala do "nosso estilo de ser, do modo como classificamos as coisas, da maneira pela qual gostamos de viver e deixar viver"<sup>32</sup>. Nessa direção, argumenta ser esta, uma faceta rara e pouco mencionada nos debates politizados e nas discussões eruditas do universo acadêmico.

BOURDIEU diferencia a demanda burguesa da demanda popular (empregando os termos utilizados por ele), quanto às atividades esportivas na sociedade francesa. Segundo o autor, referindo-se à ginástica, a primeira encontra satisfação em atividades com função higiênica (significado de "corpo são"), enquanto a segunda encontra satisfação em atividades que desenvolvam a força (significado de "corpo forte").

Reamentando-se aos esportes coletivos, afirma sobre sua maior parte (basquete, futebol, handball e outros) somar todas as razões para não atrair a demanda burguesa, justificando: "a composição social de seu público, que redobra a vulgaridade que sua divulgação implica; os valores em jogo, como a exaltação da competição e das virtudes exigidas, força, resistência, disposição à violência, espírito de 'sacrifício', de docilidade e de submissão à disciplina coletiva, antítese perfeita da

---

32 - DA MATTA (86, p.88)

'distância em relação ao papel' que os papéis burgueses implicam"<sup>33</sup>. Contrapõe com os esportes atraídos pela demanda burguesa, os quais significam acúmulo de capital social, como o golfe, a caça, o pólo, o bridge e outros.

Num texto versando sobre a tradição na África colonial, RANGER vem nos mostrar o críquete como o esporte adotado pela pequena burguesia africana de Kimberley. Porém, este não se constituía apenas num esporte, mas numa instituição britânica, englobando os valores e idéias aspirados pelos pequenos burgueses, representando um espaço de treinamento social: "a analogia entre o críquete e a vida era amplamente aceita, sendo inquestionável seu valor na formação do caráter - cautela, cuidado, paciência e decisão - O críquete personificava e propagava a idéia do império"<sup>34</sup>.

Nessa mesma ótica de análise, GARAUDY, no seu estudo sobre a dança, demonstra como esta fala do amor, da luta, da morte e outros temas, expressando a dança como uma fala utilizada pelo homem sobre coisas honradas, ou sobre o que o emociona.<sup>35</sup>

Outros podem ser citados como GEERTZ<sup>36</sup>, o qual realiza

---

33 - BOURDIEU (83, pp.149-150)

34 - RANGER (84, p.246)

35 - GARAUDY (80, p.27)

36 - GEERTZ (89)

uma leitura do jogo da briga de galos na sociedade balinense, verificando como essa sociedade se revela através dessa atividade; CARVALHO<sup>37</sup>, numa pesquisa sobre o jogo das bolinhas de gude, onde associa esse jogo à construção do gênero masculino, no grupo social observado; JURADO FILHO<sup>38</sup>, interpretando cantigas de roda, concluiu sobre estas deixarem transparecer preconceitos, temores, desejos, diferenças de classe, expressos nas sociedades dos grupos infantis analisados, dentre outros.

Verificando a relevância desses estudos para a Educação Física (e para a educação em geral), bem como a importância da relação educação-cultura no entendimento dos conteúdos veiculados por ela, através de jogos, esportes, danças e festas (estas podendo envolver todos esses elementos), optou-se por estudá-los num grupo social com especificidades determinadas (ficando mais nítidas no próximo capítulo), buscando identificar essas especificidades (modos de ser, fazer, interagir), concomitantemente com a verificação de como elas moldavam atividades ludomotoras, dando-lhes significado e sentido.

Na tentativa de conhecer a realidade social onde estas atividades se desenvolvem e o porquê delas se desenvolverem desta forma, busquei o embrião do processo educativo, posteriormente

---

37 - CARVALHO (s/d)

38 - JURADO FILHO (85)

possível de utilização pela escola, nas suas propostas, num nível refletido<sup>39</sup>, auxiliando no pensar sobre o conhecido.

A análise teve como objetivo o nível vivido, ou seja, as tramas sociais envolvidas no cotidiano, possibilitando a realização de determinados eventos. Embora não refletido pela população, está presente um conhecimento, podendo ser denominado de saber da prática cotidiana, onde "a sociedade se transmite a si mesma"<sup>40</sup>.

Nessa mesma linha de pensamento, BOSI exemplifica através do "homem pobre, rústico ou suburbano", no seu dia-a-dia, o qual conhece por força das obrigações, o uso de instrumentos, lida com terra, estabelece relações pessoais, como seu meio de sobrevivência. Daí, diz autor, "lhe vem um realismo, uma praticidade, um senso vivo dos limites e das possibilidades da sua ação que convergem para uma sabedoria empírica muito arraigada, e que é a sua principal defesa numa economia diversa"<sup>41</sup>.

---

39 - BOSI (87, p. 153) tomando como ponto de referência a Universidade, comenta sobre os bens culturais, no mundo extra-universitário, não se constituírem em objeto de "análise detida ou de interpretação sistemática. Eles são 'vividos' e pensados esporadicamente, mas não tematizados em abstrato"

40 - SALVADOR (71, p.225)

41 - BOSI (87, p. 158)

O saber da comunidade é analisado por BRANDÃO, como implicando "situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva"<sup>42</sup>.

A convivência conduz a uma aprendizagem advinda da sabedoria do grupo social, como da força das normas e dos costumes desse grupo.

Está implícita nessa discussão, os aspectos formais e informais da educação, constituindo no modo como as culturas veiculam a imagem de homem, segundo a qual passarão a viver.

Na educação informal, esclarece REZENDE, "todo o grupo que educa, veiculando na vida e nas diversas circunstâncias do dia-a-dia, a imagem de homem, o estilo de vida que deve caracterizar a todos"<sup>43</sup>.

Nessa situação, fazem parte do processo educativo, trabalhos manuais, jogos, festas, algumas danças, práticas religiosas e outros, os quais têm como fontes informais de educação, o cotidiano, a experiência de vida.

Apesar dos sujeitos, desde crianças, nesta situação informal, interiorizarem um mundo já interpretado, discute CURY, "passam a rever o mundo de acordo com essa interpretação e a

---

42 - BRANDÃO, (91, p.20)

43 - REZENDE (83, p.47)

expressá-lo segundo a situação social que os condiciona<sup>44</sup>.

Na complexa gama cultural da educação informal, a instituição existe (no sentido clássico do termo), esclarece BOSI, pois as "manifestações são grupais e obedecem a uma série de cânones, mas elas não dispõem da rede do poder econômico vinculante, nem de uma força ideológica expansiva como a Universidade e as empresas de comunicação. São micro instituições dispersas no espaço nacional, e que guardam boas distâncias da cultura oficial. Servem à expressão de grupos mais fechados, apesar de seus membros estarem também expostos aos meios de comunicação de massa<sup>45</sup>.

Por outro lado, a educação formal é conceituada por REZENDE, como "institucionalizada e oficialmente encarregada de veicular a mensagem cultural, em particular, através da escola<sup>46</sup>.

Além da formal e informal, é identificada igualmente para fins de análise, a educação não-formal, posicionada por CURY, como aquela "que se pode definir educativamente em projetos de outras áreas. Por exemplo, há aspectos basicamente educativos em uma política sanitária, previdenciária. A política do controle da natalidade, através do Programa da Gravidez de Alto Risco,

---

44 - CURY (85, p.104)

45 - BOSI (87, p.156)

46 - REZENDE (83, p. 47)

pretende desenvolver uma ação educativa sobre a população, especialmente os casais, no sentido de um planejamento familiar<sup>47</sup>. Esclarece o autor esta não se definir fundamentalmente pelo grau de institucionalização, mas quando comparada com a educação formal, pela maior elasticidade, consequência de maior distanciamento das "regras burocráticas da sociedade política"<sup>48</sup>.

A investigação do tema escolhido teve como palco, situações informais do cotidiano. Naturalmente, essas não deixam de interagir com as formais, e essa preocupação esteve presente no decorrer da análise, buscando as influências mútuas do lazer (espaço onde situam-se nossas atividades de interesse) e do trabalho.

O distanciamento da educação informal pela formal tem sido motivo de crítica por especialistas da área, pois justamente na informal, a aproximação estreita do educando com sua realidade (na qual irá atuar), ocorre de forma intensa, e como mostramos anteriormente, a educação fundamentada na realidade existencial dos educandos tem maior probabilidade de ser significativa.

Esse distanciamento da cultura do cotidiano, da cultura da rua, pelos intelectuais puramente acadêmicos, tem conduzido estes profissionais a tomarem contato com ela, escreve BOSI,

---

47 - CURY (85, p.105)

48 - IDEM

"vendo-a transposta para a televisão, ou no intervalo de lazer de suas excursões turísticas"<sup>49</sup>. Desta maneira, prossegue o autor, "recebem uma imagem no nível do espetáculo, imagem que só acentua o ponto de vista elitista de desprezo ou de pena pelo atraso do povo brasileiro"<sup>50</sup>. Eu acrescentaria, além desses fatores, a possível distorção dessa cultura do cotidiano, através das mensagens veiculadas pela televisão, simplesmente pela visão parcial da realidade transmitida.

Ainda quanto a esta questão, BRANDÃO se posiciona, alertando para o fato de que somente "formalistas pedagógicos podem enxergar educação apenas dentro dos sistemas restritos da pedagogia"<sup>51</sup>.

Para estes, questões da educação limitam-se a problemas de método, programação sistemática e outros. Instrumentos úteis, revela o autor, "mas pequenas algemas de controle quando empregados sem a crítica do lugar e do sentido de tudo isso"<sup>52</sup>.

---

49 - BOSI (87, p. 168)

50 - IDEM

51 - BRANDÃO (91, pp. 109-110)

52 - IDEM

Essas considerações não significam privilégio único centrado na educação informal, mas sim atentar para o fato de sua importância, ao menos como ponto de partida, para uma posterior mediação, pela educação formal, entre o conhecido e o refletido.

Nessa perspectiva, identifico-me com a proposta da "pedagogia da animação", formulada por MARCELLINO. O autor expõe a tarefa educativa da proposta, a qual "seria efetuada, em termos de conteúdo, a partir do cotidiano local, fornecendo o instrumental necessário no sentido de contribuir para a superação do 'senso comum', a partir dele. E isso poderia ocorrer mesmo na atual organização curricular - o que vale dizer - mesmo sem as 'condições ideais' que implicariam uma mudança de estrutura dos currículos"<sup>53</sup>.

A "pedagogia da animação", atuando no plano cultural (o autor aborda também o plano social), "seria orientada por princípios de valorização da cultura popular, em todas as áreas analisadas - artística, física, manual, social e intelectual -, o que vale dizer, buscando o equilíbrio entre os vários conteúdos e a sua identificação com as suas bases locais e regionais"<sup>54</sup>.

Nessa proposta, bem como nos posicionamentos anteriores, está presente uma determinada visão de homem, seu

---

53 - MARCELLINO (87, p.147). No livro posterior do autor, cujo título recebeu a denominação "Pedagogia da Animação", essa proposta é mais detalhada.

54 - MARCELLINO (87, p.149)

papel dentro da história e uma visão de sociedade, tendo como consequência certa concepção da educação. Certamente, pelo apresentado até então, não se trata de uma concepção da educação direcionada para uma adequação a uma sociedade onde se presencia determinada hierarquia de valores, privilegiando aqueles voltados para certa produção e consumo, visando acumulação, "o ter", desprezando outros, considerados improdutivos (geralmente aqueles condizentes com o "ser"). Igualmente, não se trata de uma concepção de educação, onde muitos acreditam num saber pronto e acabado fundado em verdades únicas, mas uma educação preocupada com o conhecimento como processo, e com o homem que responde, se renova e propõe.

Refletindo sobre o papel de homem na história, sua sociedade e a concepção da educação, várias questões surgem como, por exemplo, qual o objetivo do conhecimento? A quem está servindo? Como está contribuindo (ou não) para alterar a atual ordem das coisas? Esta última, no sentido da busca pela superação das injustiças sociais.

Se o homem reflexivo e criador exige participação e posicionamento pelo discutido, ficamos com BOSI sobre uma "filosofia da educação brasileira" não dever "ser elaborada abstratamente fora de uma 'prática da cultura brasileira' e de uma 'crítica da cultura contemporânea'"<sup>55</sup>. Como consequência, novas questões devem ser refletidas: "Educar para qual cultura?", a qual conduz e deve dar elementos para refletir sobre uma outra:

---

55 - BOSI (87, pp.1873-174)

"Estamos educando e sendo educados em qual cultura?"<sup>56</sup>

As colocações e as reflexões anteriores, nos permitem supor que um estudo e a discussão das lógicas internas de uma dada realidade cultural, com suas especificidades quanto a modos de fazer, ser interagir e representar, proporcionam uma reflexão sobre nossa própria realidade cultural, uma vez que nos depararemos com atividades portando significados diferentes daqueles atribuídos a elas, em nossa sociedade, isto conduzindo a atribuições diferentes de sentido à existência humana.

Por outro lado, tal estudo nos detém na observação do cotidiano dos homens, conduzindo-nos a uma atenção dirigida para seu modo de pensar, dizer e ver, traduzindo um saber implícito, com o qual não estamos familiarizados e temos certa dificuldade em identificar. Aprender tal procedimento é fundamental na ação educativa.

Dessa forma, optei pela realização desse estudo num local com características diferentes dos grandes centros urbanos, buscando peculiaridades relativamente acentuadas, e dessa forma, tentando assegurar a possibilidade de uma análise comparativa quanto a aspectos cognitivos e valorativos.

A investigação do tema proposto, o estudo das atividades ludomotoras numa perspectiva sócio-cultural, igualmente mostrava-se mais fértil, se realizada num contexto

distinto, onde essas mesmas atividades recebessem tratamentos específicos pelo grupo social envolvido, devido à atribuição de significados próprios.

Por se constituir num local pequeno, predominando relações domésticas moldando o espaço, representadas por redes sociais de parentesco, amizade e vizinhança, provavelmente as atividades analisadas não seriam tanto alvo, na mesma dimensão de intervenções voltadas interesses econômicos e políticos, como ocorre nos grandes centros, onde intervenções dessa natureza comumente relacionam-se a instituições públicas (prefeituras e suas secretarias, escolas e outros) e privadas (empresas, clubes, escolas e outros). Essas intervenções podem exercer certa pressão, articulando novas posições, novas organizações internas, modificando o significado anterior atribuído pelo grupo social às suas ações.

O local escolhido deveria proporcionar um espaço possível para o desenvolvimento das atividades ludomotoras, garantindo, em menor grau, a intervenção dessa natureza, de modo a proporcionar uma investigação, assegurando a representação do grupo social baseada na rede de relações sociais exposta acima, e nas pressões e conflitos consequentes delas.

Dessa forma, optei por Joaquim Egídio, local com o qual nos familiarizaremos no decorrer das páginas seguintes.

Porém, como para conhecer uma realidade cultural, devemos nos remeter à sua história, uma vez que ela enfatiza a relevância dos acontecimentos, iniciaremos com uma breve história sobre o local onde a pesquisa se desenrolou.

## CAPÍTULO II

## ATIVIDADES LUDOMOTORAS NUM CONTEXTO CULTURAL ESPECÍFICO

### 1. Um Pouco de História

Nosso cenário refere-se ao sub-distrito da cidade de Campinas-SP, denominado Joaquim Egídio<sup>1</sup>. O local mantém características peculiares há anos, ou seja, uma pequena localidade com características não-industriais, área comercial restrita e urbanização diferenciada dos grandes centros em relação à ocupação do espaço. Parte dos frequentadores da cidade vem das fazendas e sítios, arredores, muitas vezes utilizando-se de cavalos, carroças ou charretes.

Caberia aqui a utilização do termo região, no sentido explicitado por GEBARA, como "um conceito descritivo de uma unidade na qual se verifica a diversidade"<sup>2</sup>. Para elucidar o termo, o autor delinea traços significativos da história de Campinas, mostrando o abandono, na segunda metade do século XVIII, das características de espaço geográfico (parada obrigatória na estrada de Goiás, constituindo-se na passagem de

---

1 - A Pesquisa foi realizada de março a dezembro de 1988, com retornos posteriores para coletas de dados suplementares.

2 - O Autor esclarece não ser região um conceito teórico da economia política.  
GEBARA (87, p.15)

mercadorias e metais), para tornar-se um "pólo regional" com singularidade própria.

Uma ressalva deve ser feita no sentido de esclarecer sobre a região não se confundir, na sua totalidade, com o espaço geográfico, por este se apresentar como fixo, embora seus elementos integrem e às vezes definam a região<sup>3</sup>. Porém, esta não possui forma definida, limites determinados, características precisas, sendo suas identidades históricas, culturais e sociais, submetidas e complementadas pela identidade nacional.

O importante aqui, escreve BRUIT, é a "idéia de dimensão espacial, como dimensão social, na medida em que o espaço não é neutro. Entretanto, a dimensão do espaço não é apenas um tamanho, uma largura, um comprimento ou uma fundura. É tudo isso mais a dimensão temporal no sentido histórico e não físico. Mas sendo a dimensão um sentido, inclui o homem que, em si mesmo abrange muitos sentidos: existencial, grupal, de classe, transcendental, cultural, estético, etc."<sup>4</sup>.

A região de Joaquim Egídio constituía-se num bairro do sub-distrito de Sousas, do qual desmembrou-se no dia 31 de dezembro de 1.958.

O território possui uma área de 80 Km<sup>2</sup>. O censo demográfico de 1.959 apontava um total de 2.760 pessoas, sendo 554 na zona urbana e 2.206 na zona rural. Segundo o último censo

---

3 - BRUIT (87, p.63)

4 - Ibid. (p.64)

demográfico realizado (em 1980), moravam 2.820 pessoas divididas

entre 1.065 na zona urbana e 1.755 na zona rural. A partir desses dados é possível constatar o pouco crescimento demográfico nesse espaço de 21 anos.

Segundo informações obtidas junto à sub-prefeitura (1988), tínhamos por volta de 4.000 moradores, sendo 1.500 na zona urbana e o restante na zona rural<sup>5</sup>.

Na segunda metade do século XIX, com o café, a cidade teve seu auge quanto à prosperidade econômica, como contaram os moradores, apontando naqueles tempos, a existência na cidade, de alfaiatarias e armazéns.

Fatores históricos, estruturais e conjunturais contribuíram para a manutenção bucólica do local, conforme passaremos a elucidar.

No início do século XIX, a côrte portuguesa chegava ao Brasil com mestres de obras, objetivando a construção de casas e prédios de seus interesses. Nessa mesma época, fazendeiros do país enriqueciam-se com o comércio cafeeiro, contratando os mesmos mestres para construir as grandes casas e senzalas de suas

-----

5 - Devo esclarecer sobre a dificuldade em encontrar documentos históricos sobre a região. Essa breve história foi articulada, através de arquivos de jornais na biblioteca de Sousas, revistas e alguns livros sobre a história de Sousas e Campinas, onde constava referência á Joaquim Egídio.

fazendas<sup>6</sup>.

No final do século XIX, Campinas era grande produtora de café e as fazendas de Joaquim Egídio contribuíram grandemente para essa produção.

Em 1.862, foi criada na Fazenda Laranjal (atualmente dividida entre descendentes do fundador), um internato para meninos, intitulado "Colégio São João Batista", que era frequentado pelos filhos dos fazendeiros.

Em 1.894, foi construída a Estação de Joaquim Egídio, do Ramal Férreo Campineiro, com percurso de Campinas a Cabras<sup>7</sup>, com o objetivo de escoamento da produção cafeeira, devido à intensidade do comércio local.

Essas grandes fazendas tiveram a marca de três épocas na dominação do café paulista<sup>8</sup>: 1- A plantação do período escravocrata, 2- A abolição e a imigração italiana e 3- A mudança na utilização do solo, diversificando a produção, ou mantendo a terra como potencial para investimentos futuros.

A burguesia cafeeira permaneceu no poder, após a abolição, por mais quarenta anos. Ergueram-se casas de colonos no

---

6 - Revista Manchete, artigo "Nos tempos da Casa Grande e Senzala - 27/07/1982.

7- GOMES (73)

8- Esses dados constam num artigo publicado pela revista Manchete ("Nos tempos da casa grande e senzala") especificamente sobre as fazendas da região, cedida para consulta, por um dos entrevistados

lugar do curro (reunião de senzalas).

Com a crise de 29, a situação inverteu-se. A prosperidade recua rapidamente e a estrada de ferro aos poucos vai terminando.

Ainda hoje o local é todo cercado por essas fazendas, a maioria restaurada e adquirida por novos proprietários. Elas não constituem apenas monumentos históricos, mas representam os primórdios da base econômica brasileira sedimentada num sistema peculiar de cultura, resistindo por anos às transformações universais<sup>9</sup>.

Essas casas de fazenda e suas senzalas, na análise de DA MATTA<sup>10</sup>, são espaços significativos de nossa estrutura social, "espaços que reproduziam em suas divisões internas a própria sociedade com seus múltiplos códigos e perspectivas".

Atualmente, muitas dessas fazendas implementaram a pecuária leiteira exclusiva.

Seus proprietários não se desvencilharam de suas

---

9 - Bacal (88, p. 67) em sua pesquisa sobre lazer, elucida sobre industrialização, quando, na maior parte das culturas integradoras da civilização ocidental, predominava a valorização do trabalho. Porém, nessa mesma época, no Brasil, ainda mantinha-se mão de obra escrava e a tendência ao enaltecimento do ócio conspícuo, justificando e explicando o modo de vida das classes dominantes.

10- Da Matta (87, p. 58)

terras, desfavorecendo dessa forma a especulação financeira e impedindo a implantação de indústrias, devido à limitação do espaço.

Antigos moradores apontaram esses fatores como causa da impossibilidade de absorção de mão-de-obra pelo local<sup>11</sup>. Porém, segundo o sub-prefeito da época, em 1975, a população organizou um abaixo-assinado, protestando contra a construção de uma indústria na região<sup>12</sup>.

Ainda no ano de 1.975, é recebida a notícia da transferência do Observatório de Capricórnio, da capital paulista para o Pico das Cabras<sup>13</sup>, e a municipalidade campineira autoriza o loteamento de sítios próximos em pequenas chácaras, que seriam colocadas à venda, não à população local de baixa renda, mas para fins turísticos<sup>14</sup>, com nítida intenção de manutenção do lugar como refúgio de uma classe social com poder aquisitivo diferenciado da classe trabalhadora rural.

O espaço foi sendo organizado em função da manutenção da ordem social existente, ou seja, grandes proprietários rurais e colonos residentes em pequenas casas, nessas grandes propriedades.

Reforçando essa situação, em 78 é criado um decreto

---

11- Jornal Correio Popular (22/10/78)

12- Jornal Diário do Povo (14/09/75)

13- Jornal Diário do Povo (14/09/75)

14- Jornal Diário do Povo (14/09/75)

proibindo a instalação e o funcionamento de indústrias poluentes na região<sup>15</sup>.

Nesse sentido, não houve preocupação em dotar a área com infraestrutura, visando instalação de grandes indústrias, muito menos com determinados incentivos para esse fim, como cessão de terrenos, asfaltamento de estradas secundárias (a única estrada asfaltada de acesso à região, passa por Sousas, originando-se em Campinas) ou isenção de tributos locais.

Joaquim Egídio não caminhou para um processo de urbanização industrial, com suporte de serviços públicos e urbanos. Assim, a conhecida dinâmica urbana balizada pela relação entre centro e periferia, típica desse processo, ou seja, "a transformação dos 'arrabaldes' em bairros tipicamente populares e operários"<sup>16</sup>, não ocorreu.

Outro fator, igualmente contribuindo para essa organização do espaço, referiu-se à proibição legal da construção de prédios na zona urbana<sup>17</sup>.

Aqui temos uma situação diversa da história da cidade de Campinas, quando, a partir da segunda metade dos anos 40, a imprensa local expressava reportagens ufanistas, exaltando "a riqueza e o potencial de crescimento da cidade, sempre antevendo-

---

15- Jornal Correio Popular 21/06/78

16- BITTENCOURT (90, p.172)

17- Decreto do ex-prefeito Francisco Amaral - Jornal Correio Popular 06/04/86

lhe o destino de grande metrópole. Neste clima, a Associação dos Amigos da Cidade passou a 'reclamar' através de artigos, a 'necessidade' de Campinas possuir 'arranha-céus', 'evidência da modernidade dos grandes centros mundiais'".<sup>18</sup>

Mais recentemente, iniciou-se um processo de tombamento histórico. Com a concretização desse fato, os proprietários de casas na rua principal estarão impedidos de alteração nas fachadas, tendo somente permissão para restaurá-las.

Quanto a esta questão, vale introduzir uma discussão sobre a consideração da região como possível patrimônio cultural, emergindo aqui o entendimento do significado de patrimônio cultural, o qual conduzirá a certas ações sociais.

Numa primeira instância, comumente o patrimônio refere-se a coisas que perderam o uso e utilidade (objetos mortos), bens que o domínio público não deseja ou não pode proteger ou aquilo que os turistas gostam (refere-se ao pitoresco, exótico, antigo).

A consequência do entendimento sob esse prisma, conduz a considerar o patrimônio cultural, segundo VARINE-BOHAN, como um domínio não prioritário, "porque não serve para mais nada, é para

---

18- ZIMMERMANN (89, p. 125). Maiores dados sobre a história de Campinas podem ser obtidos em LAPA (66) - "Primeiras notas para uma bibliografia da História de Campinas".

os estrangeiros, os turistas<sup>19</sup>. Portanto, a prioridade dirige-se a outros setores sociais.

Sob outro prisma, poderíamos não considerá-lo isoladamente, porém "fazendo parte de um conjunto cujo valor e realidade dependem da referência que é o homem"<sup>20</sup>. Neste caso, o homem passa a ser o crítico final do conjunto cultural, percebendo a sua interferência enquanto consumidor e a importância relativa em usufruir, conhecer e agir sobre esse patrimônio.

A dimensão dos elementos expostos, processou determinada configuração espacial (entendendo a dimensão espacial como dimensão social) na região, mantendo um encurtamento de suas fronteiras. Esse espaço regional apresenta uma densidade, uma dimensão e um significado histórico, que, embora aparentemente diferenças quando visualizados sob determinados ângulos (econômico, político, jurídico, etc.), resultam de "uma complexa rede de relações entre agentes que se reproduzem e agem com uma dimensão espacial diferente, mas que formam ao mesmo tempo parte integrante da região"<sup>21</sup>

Hoje o sub-distrito tem aparência de localidade essencialmente agrícola, apresenta um comércio pequeno com indústrias resumindo-se à extração de pedra e barro. Há uma área

---

19- VARINE-BOHAN (74, p.4)

20- Ibid., p.12

21- BRUIT (op.cit.,p.62)

principal constituída de pequenos bares e pequenas lojas, onde os moradores e não moradores concentram-se. Não possui açougues, bancas de jornal, farmácia. Quando os habitantes locais necessitam desses serviços, dirigem-se até Sousas, outro sub-distrito de Campinas, com um comércio mais amplo, distante aproximadamente seis quilômetros.

Ao contrário do que muitos afirmam - "Joaquim Egídio parou no tempo" - o tempo parece ter parado para dar passagem a essa pequena localidade, não "perdida no espaço", porém encontrada num outro espaço, onde a vida ainda consegue se fazer presente de um modo onde se nota "alguma coisa diferente". Alguns dizem: "Você sai de Campinas e entra num outro mundo".

Talvez a grande invasão verificada por pessoas não moradoras, nos finais de semana, alterando o ritmo da vida local, seja a curiosidade neste "outro mundo", o qual tentarei explorar nas próximas páginas, no que tange a algumas atividades de lazer.

## 2. NA CIDADE

Iniciaremos a exposição pela análise da espacialidade, ou seja, como nossos atores sociais se distribuem pelo "centro" da cidade. Em seguida discutiremos a problemática envolvida com a invasão dos "turistas" e a "resistência" dos moradores quanto aos finais de semana.

Prosseguindo, nos envolveremos nas implicações entre os bares, os turistas e região, na busca do entendimento da invasão. Por último, nos deteremos nas organizações locais da população em torno de associações e clubes de futebol.

Devo esclarecer que as atividades ludomotoras não surgirão separadamente, porém atreladas a esses aspectos da vida local, buscando a compreensão do seu significado e sentido.

### 2.1 - A Espacialidade

Não é minha pretensão trabalhar com diferenças estanques entre campo e cidade, visto estar presente uma constante interação entre eles, mas com a percepção sempre presente de soluções misturando um passado rural com o presente urbano e práticas tradicionais com técnicas modernas. Esse assunto será retomado no início da abordagem sobre as fazendas.

Devo deixar presente, prosseguindo, a não intencionalidade no desenvolvimento de uma visão romântica do local pesquisado, tratando-o numa redoma inviolável, num sistema comportando estruturas harmônicas, sem conflitos.

A influência constante de interesses políticos, econômicos, religiosos e outros indicaram certa complexidade envolvendo correlações de forças, nem sempre conduzindo a uma coerência e unidade. Percebeu-se um conjunto fragmentado de normas e valores coexistindo crenças religiosas, costumes rurais, saberes empíricos e valores de um centro industrial urbano.

Estou considerando como referência teórica o conceito de espacialidade desenvolvido por BARBUY, que especifica a suficiência do espaço tridimensional na vida física e fisiológica do ser humano, mas a insuficiência para sua vida anímica, a qual requer a transformação da dimensionalidade morta em espacialidade viva.

Assim, o encontro das pessoas limita-se aos problemas do mundo físico, no espaço tridimensional. Porém, na espacialidade, a relação desse encontro, pode conduzi-las a viver o mundo da poesia, da imaginação, da intuição<sup>22</sup>.

-----

22 - No espaço tridimensional, BARBUY (80, p. 19) argumenta sobre a possibilidade de "transitar, comerciar, construir, amontoar, nascer e morrer" e na espacialidade, a de "pensar, meditar, imaginar, sonhar, contemplar..."

Os contrastes entre a casa como espaço da família, de intimidade, do privado, da identidade, e a rua como espaço de trabalho, do anônimo, do público, não se apresentaram tão marcantes nesse local onde constantemente mulheres foram observadas colocando cadeiras nas calçadas, esperando alguma companheira para sentar e conversar. Enquanto isso não acontecia, passavam o tempo tricotando ou fazendo crochê. Isso ocorria principalmente e com mais intensidade nas manhãs dos sábados e domingos, quando também suas crianças brincavam por perto nas calçadas ou na praça da rua principal. Os maridos e homens em geral, saíam de suas casas, atravessando as ruas em trajes bastante informais (bermudas, camisetas, chinelos), encontrando-se em frente a um dos diversos bares existentes, para conversar, beber cerveja em pé na calçada, formando a "rodinha dos amigos". Para visualizar suas casas, mulheres e crianças, às vezes era necessário somente realizar meia-volta com o corpo.

Os mais jovens mostraram sua preferência, instalando-se nos bancos da pequena praça ou encostados junto aos carros de seus amigos (muitos deles não moram ali), com as portas abertas, ouvindo música. Explicaram essa predileção argumentando que no bar conversavam com poucas pessoas, sendo portanto melhor a praça, pois ali todos encontravam-se, observando o movimento.

Os moradores expressaram bem essa situação quando colocaram a frase "estar em casa", "sentir-se em casa", não referindo-se ou limitando-se unicamente ao espaço interno da moradia, mas ao sub-distrito como um todo, sendo o local onde "se encontram" "sentem-se bem", "todos se conhecem". Assim parece

haver uma inversão naquilo que DA MATTA<sup>23</sup> denomina de tempos internos e externos, referindo-se aos centros urbanos. Os internos relativos à casa e à família (sábados e domingos) e os externos aos "dias comuns da semana" marcados pelo trabalho, influenciando no universo feminino.

Quanto a esse aspecto, entrevistando alguns jovens, pude constatar o fato de o trabalho de seus pais localizar-se fora dali, em empresas públicas, privadas, escolas e outros. Dos jovens entrevistados, somente um possuía pais que trabalhavam no sítio onde eram proprietários e vendiam leite, queijo e doces.

Dessa forma, o externo, o cotidiano, marcado pelo trabalho, ocorre fora da cidade, sendo que a rua da cidade, nos finais de semana, engloba<sup>24</sup> a casa e a família.

---

23 - DA MATTA (87, p.39)

24 - Estamos usando aqui o termo "englobamento" no sentido desenvolvido por DA MATTA (87, p. 17) como "uma operação lógica na qual um elemento é capaz de totalizar o outro em certas situações específicas". Porém devemos estar atentos, como aponta o autor, aos discursos populistas "tratando a sociedade brasileira como se ela fosse uma 'grande família', vivendo debaixo de um amplo e generoso teto', obedecendo, naturalmente, às leis e seguindo a liderança de quem produz o discurso que é, naquele momento, o 'nosso líder' e o 'nosso guia e pai'"

Os grupos sociais que ocupavam a casa não eram radicalmente opostos ou diversos dos encontrados na rua. Nessa situação, pessoas consanguíneas também se encontraram fora da casa e a rua tornava-se um espaço nem sempre possibilitador da escolha voluntária de pessoas para conversar, pois estes "laços" muitas vezes implicavam a obrigação da aproximação.

O local de encontro envolvendo a praça, os bares, as calçadas e as casas nos arredores constituía-se uma espécie de sala de visitas<sup>25</sup>. Portanto, havia um prolongamento da casa na rua, sendo o mundo social, "centralizado pela metáfora doméstica"<sup>26</sup>.

Foi bastante comum a observação dos moradores não se dirigirem ao nome das ruas, como ponto de referência, mas sim a determinados locais como "atrás da igreja", "em frente à praça", "na rua da casa de fulano, etc.

Essas colocações, expressões e depoimentos dos moradores, nos remetem a TUÂN, quando da distinção, pelo autor, entre espaço e lugar, embora tenham uma íntima relação enquanto elementos do meio ambiente. Lugar seria a segurança, enquanto espaço é a liberdade. Como é observado, "estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro"<sup>27</sup>, porém espaço é mais abstrato do que lugar. O que inicia "como espaço indiferenciado transforma-se em lugar "à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de

---

25- DA MATTA (83, p.72)

26- Ibid., p.79

27- TUAN, YI-FU (83, p.3)

valor<sup>28</sup>, quando adquire definição e significado.

Quanto à idéia de lugar, o autor discute ser a permanência, um elemento importante.

As pessoas, em algumas ocasiões, declararam estar presas ao lugar, mas na realidade, prendem-se às pessoas, a certos recursos, o que lhes proporcionam um sentido à sua vida.

Observou-se uma complementaridade de domínios, não muito presente nos grandes centros, marcados pela "competição, luta e contradições entre as diversas esferas da realidade social"<sup>29</sup>, onde há uma prevalência do indivíduo (através das formações sociais individualistas e igualitárias, sendo a parte mais importante que o todo) sobre a pessoa, esta última marcante na sociedade tradicional, encerrando a união complementar e não-contraditória da parte com a totalidade. Nas primeiras (urbanas industriais), o indivíduo torna-se pessoa através da rede de parentesco, compadrio e amizade, sendo que o espaço típico onde isso ocorre é a casa<sup>30</sup>. Já nas segundas (tradicionais), essa situação (passagem do indivíduo para pessoa) ocorre na própria rua, no cotidiano, na vida local, pois aí o grupo social e as relações nele contidas legitimam o indivíduo como membro daquele

---

28- Ibid., p. 6

29- Ibid., p. 78

30- Como esclarece DA MATTA (87, p. 100) "moro nesta casa porque sou filho de 'X' e tenho o direito de usar dos recursos sociais ali alocados porque sou membro da família 'Y'".

espaço social, o qual está contido na sociedade e não o oposto.

É importante destacar que a aquisição de um nome, uma identidade e um papel social, bem como a maneira de vivê-los, numa situação em que a dicotomia lazer/trabalho apresenta-se acentuada (nos grandes centros urbanos), acontecem não nos momentos de trabalho, mas no tempo disponível dos trabalhadores, adquirindo esse tempo uma importância significativa para os envolvidos no grupo social e para a vida em sociedade<sup>31</sup>.

No trabalho, não importa se sou amigo de fulano, parente de quem quer que seja (a não ser na hora da venda da força do trabalho), casado ou solteiro, mas que eu seja um empregado. Essas relações pessoais identificando-me como pessoa, constituem-se na "casa", agora, no caso estudado não mais limitada ao espaço da moradia, mas entendida como a família, parentes, vizinhos e amigos e o local onde essas relações ocorrem. A "casa" nesse aspecto é o próprio local onde ocorre a identidade, ou seja, a cidade como um todo.

Para os propósitos desse estudo, estão sendo pesquisadas algumas atividades ludomotoras, desenvolvidas durante o lazer dos moradores de Joaquim Egídio, porém, não podemos deixar de

---

31 - CALDEIRA (84, p. 118), discute esse aspecto em sua pesquisa na periferia de São Paulo. Nesse sentido, a obra de MAGNANI (84) é igualmente significativa.

analisar conjuntamente, as atividades de trabalho, pois ambas constituem a existência humana com mútuas influências e, como já demonstrado em outros estudos<sup>32</sup>, a alienação num deles (trabalho ou lazer) provocará alienação no outro.

## 2.2 - Perturbações na espacialidade

Um fator de agitação da vida social em Joaquim Egídio, motivador de encontros, tanto para os moradores como para visitantes, tinha como causa os bares existentes, com frequência alta nos finais de semana.

Muito além da possibilidade de consumo como uma atividade de lazer<sup>33</sup> ou como ostentação, esses bares apresentaram-se como possibilidade de encontro, para os quais dedicarei atenção especial adiante.

Alguns molestavam-se com o tumulto causado pela invasão da cidade nos finais de semana. Apesar da consciência da contrapartida - a ausência de vários recursos que podem ser

---

32- Consultar MARCELLINO (83, Passim)

33- Sobre esse tema, consultar a pesquisa de ALBANO e LEMOS (s/d) abordando o consumo como forma de sociabilidade e lazer nos centros urbanos contemporâneos.

denominados urbanos, não eram poucos os que valorizavam a vida pacata e calma do local, constituindo-se num transtorno essa movimentação. Um morador comentou a chegada dos motoqueiros há aproximadamente um ano e meio: "Fazem muito barulho, passando às vezes com velocidade pela rua principal".

Dessa forma, o desenho urbano não se refere simplesmente à distribuição geográfica de casas, prédios, ruas, praças, igrejas, etc., mas como concorda BITTENCOURT, à "destinação compreendida e desejada, quer dizer, manifestação de um desejo que se manifesta na forma. Essa configuração formal tem poder de comunicação, revela o que uma sociedade pensa de si mesma"<sup>34</sup>.

Esses tumultos atingiram certa proporção, tornando-se comentário e notícia dos jornais locais, nos últimos anos.

O jornal Diário do Povo, numa notícia publicada sobre o subdistrito, justificou a alta frequência de visitantes pela "falta de opção de lazer em Campinas, condicionando a população a ficar trancada dentro de casa ou a procurar locais mais tranquilos, como os distritos de Sousas e Joaquim Egídio"<sup>35</sup>.

Prosseguindo, denunciou os congestionamentos provocados na rua principal, pelo aumento de veículos: "Acostumados às filas

---

34- BITTENCOURT (90, p.171)

35- Diário do Povo - "Joaquim Egídio terá novo espaço de lazer" - 07/10/1990

duplas que se formam em algumas avenidas de Campinas aos sábados e domingos, os frequentadores dos bares utilizam o mesmo recurso nas estreitas ruas do distrito". Essa situação, como demonstrou a reportagem, é bastante contrastante com o sossego durante a semana quando "Joaquim Egídio é uma típica cidade do interior (...) Os habitantes andam tranquilamente, sem as neuroses comuns dos grandes centros urbanos(...) Carros e cavalos transitam pacificamente, lado a lado (...) Porém, nos finais de semana, os cavalos são obrigados a dar lugar aos veículos ou a desviar para não serem atropelados"<sup>36</sup>.

O jornal Folha de São Paulo também publicou uma reportagem sob o título "Moradores de subdistrito protestam contra os turistas de fim-de-semana", nela constando o depoimento de um morador: "Durante a semana é tranquilo, mas depois de sexta-feira vira um inferno".

Entre os moradores, a notícia aponta três principais correntes defendendo uma reação contra a onda de invasores: "A Associação de Moradores de Joaquim Egídio preza a criação de leis que fixem o horário de funcionamento dos bares, tidos como vetores para os donos. Outras, do Grupo Ecológico Vitória Régia, defende a elaboração de um trabalho de conscientização dos turistas. Finalmente, um grupo de moradores também voltados à defesa do meio ambiente, adota uma postura mais agressiva de

---

36- Diário do Povo, "Joaquim Egídio terá novo espaço de lazer" - 07/10/1990

conscientização dos turistas<sup>37</sup>.

Entrevistando um visitante sobre os motivos da ida à Joaquim Egídio nos finais de semana, um estudante de 23 anos (a maior parte dos "invasores" encontra-se nessa faixa etária), o repórter identificou a indefinição sobre a causa do fascínio exercido pelo subdistrito: "Deve ser o verde, cidade pequena", respondeu.

A situação está conduzindo a um clima tenso, chegando à violência, causando até morte, após discussão com moradores<sup>38</sup>.

Através dessas reportagens e dos depoimentos dos moradores, algumas inferências podem ser realizadas. Constata-se, primeiro, a forte resistência dos moradores quanto a fatores perturbadores da calma do lugar; segundo, a procura dos visitantes pelo local, a qual certamente não deve se dar pela "falta de opções de lazer em Campinas", onde bares existem em grande número; terceiro, a organização dos moradores na tentativa de resolver o conflito através de sua associação de moradores e grupos ecológicos; quarto e último, a alteração da "ordem" causada pelos visitantes, alterando um quadro característico do local: a presença dos que vêm a cavalo das fazendas e arredores

\*\*\*

37 - Lourenço (92) - "Moradores de sub-distrito protestam contra os turistas de fim de semana - Caderno Folha Sudeste - Jornal Folha de São Paulo 09/02/92

38 - Lourenço (92, Folha Sudeste)

rurais e a imposição da fila dupla de carros, costume dos jovens campineiros quando elegem algum bar para as "paqueras" nos finais de semanas.

### 2.3 - A "Invasão" e a "Resistência"

Iniciando pela verificação da "resistência", poderíamos de imediato reafirmar sua presença nas sociedades rurais tradicionais, como fator característico, já demonstrado em outros estudos<sup>39</sup>. Para tal, desenvolvem mecanismos de controle peculiares.

Porém, essas resistências, que em Joaquim Egídio tornaram-se "verdadeiros casos de polícia", devem ser analisadas dentro desse contexto específico e seu significado.

De certa forma, por motivos já mencionados na explicação histórica, o local manteve-se ausente de um crescimento econômico, especulações, etc., conduzindo à manutenção de um equilíbrio conhecido há anos por seus moradores. O tumulto, o barulho, as brigas, roubos, assaltos, dificilmente estavam presentes na ordem estabelecida.

---

39 - Poderíamos citar aqui alguns estudos de comunidade como WILLEMS (61) sobre Cunha, NOGUEIRA (62) sobre Itapetininga e WAGLEY (57) sobre a comunidade amazônica.

O contraste com a cidade de Campinas, tão próxima, é enorme, onde se presencia todo um quadro social bastante conflituoso e caótico, crescimento desequilibrado, carências sociais, barulhos, etc. A presença de tudo isso está muito perto, demonstrada através da interrogação por alguns moradores de Campinas: "Como um lugar encostado pode ser tão diferente?"

Alguns habitantes chegam a expressar certo receio pela necessidade de realizar compras ou resolver algum negócio nesse grande centro.

Portanto, a presença do desequilíbrio, apesar de constante, é fator de estranhamento. Esses habitantes demonstraram estar sempre evitando e temendo fatores provocadores de tal quadro.

No geral, o ser humano evita o caos por meios técnicos e simbólicos, pois, pela sua própria natureza, não pode lidar com ele, apavorando-o o defrontamento com o incontrollável. Este código estruturador como mostra RODRIGUES, "gera a lei e a ordem, e a expectativa de organização responsabiliza-se por todo o medo à anarquia e à confusão de domínios que por definição devem se manter separados"<sup>40</sup>.

---

40 - RODRIGUES (86) nessa questão, retoma LÉVI-STRAUSS no ponto básico de sua teorização, para o qual "a atividade do espírito humano é a de um estruturador inconsciente que funciona como um ordenador do relacionamento entre o homem e o mundo, não principalmente porque necessite controlar a natureza ou os eventos, visando a fins módicos, mas porque precisa determinar e sistematizar" (p. 10). A cultura no entender do autor retomado, substitui o aleatório pelo organizado, "assegurando assim a existência do grupo humano como grupo". (pp.10 e 14).

Para defender-se da desordem, o grupo social legítimou estruturas institucionais.

No subdistrito, essas estruturas estavam representadas pela organização do próprio grupo social, através de suas associações, pois como comentou o presidente da Sociedade Beneficiente Amigos de Joaquim Egídio, "quem vai se preocupar com Joaquim Egídio, com tantas obras que a prefeitura de Campinas tem para realizar?", referindo-se especificamente ao abandono de um projeto municipal destinado a área de lazer no local, onde construiriam quiosques, piscina, "boccia" etc., completando com a indagação: "Quem liga para lazer?".

Por outro lado, continuando com RODRIGUES, "a sociedade necessita dos fenômenos que rejeita, porque por oposição exprime-se positivamente através deles, numa expressão em que seus conteúdos adquirem sentido através do que repelem, e através da qual ela faz-se significar a si própria"<sup>41</sup>.

Não seria por esse motivo que nessa localidade as festas são privilegiadas? Pois a festa, apesar de não romper com o cotidiano, aponta para uma inversão da ordem, excedendo a lógica da rotina, como veremos no próximo capítulo. Porém, nesse caso, a garantia do retorno à ordem, está presente, pois se tem a certeza de sua duração e que tudo se normalizará posteriormente.

---

41- Ibid., p.19

Um grupo de jovens moradores reunia-se à noite na praça, nos finais de semana e durante o período de férias escolares. Contaram sobre certa noite, quando estavam desenvolvendo um jogo de esconde-esconde entre eles, e chegou um carro de polícia para acabar com a brincadeira, chamado pelos vizinhos e o sub-prefeito da época. Reclamaram da intransigência dos mais idosos, tentando impedir essas brincadeiras, a abertura dos bares e a música do violão tocado na praça à noite.

Quanto a esse grupo de jovens moradores, o controle é possível devido ao fato de o grupo ser pequeno e pertencer a "nós". Porém, em relação aos visitantes nos finais de semana, o controle torna-se quase impossível: "Eles" não respeitam, pois são "de fora", é o que se costumava ouvir.

Às vezes, tinha-se a impressão de que mais do que prover a cidade de determinado comércio, abastecimento, caracterizando certo "progresso" para muitos, desejavam sua permanência como se encontra, ou seja, pacata e hospitaleira, onde o encontro com amigos, vizinhos e parentes fosse garantido, podendo "sentir-se em casa". Valores às vezes tão desprezados e desconsiderados, parafraseando WAGLEY<sup>42</sup> na sua pesquisa sobre uma comunidade amazônica, "pelos administradores 'práticos', responsáveis por programas de desenvolvimento econômico".

---

42- WAGLEY (57, p. 292)

A ênfase nos comportamentos do grupo social local consiste num sentido do pessoal, concreto, do local, daí a importância da idéia do "nós" e "ficar em casa" ser uma das principais formas de utilização do tempo disponível.

#### **2.4 - Implicações Entre Bares, Turistas e Região**

Dentre os bares, talvez o mais conhecido seja o bar do "Rubão", com 34 anos de existência. Sempre de um único proprietário (ex-jogador do Ideal Futebol Clube). Segundo o proprietário, o bar era organizado de maneira que as famílias do local (pai, mãe, filhos), o frequentassem, "sem discriminação de sexo", como salientou: "Trabalhava com minha esposa fazendo salgadinhos e bebidas diferentes no verão e inverno para agradar a todos". No ambiente, havia um campo de "boccia" ao lado, mesa de pebolim e snooker (estes últimos eram para os adolescentes). Alguns idosos jogavam baralho no fundo do bar.

As mesas de jogos foram retiradas porque a polícia "não entendia que é coisa de adolescente", e sempre o estava chamando no juizado de menores, como também o indagando sobre jogo de cartas. O campo de "boccia" não existe mais, pois "não havia gente para repartir o trabalho".

O bar está arrendado, mas quem o dirige, reclamou o proprietário, "não tem a preocupação de agradar as pessoas da cidade". Atualmente organiza pescarias com os amigos de Sousas e

Joaquim Egídio para Goiás. Aprendeu a arte de embalsamar, utilizando-a para os peixes maiores, expondo-os no galpão de sua casa.

Quanto aos "turistas", poderíamos indagar o que os traz para esse lugar "esquecido no tempo", "perdido no mundo", como muitos afirmam (isso demonstra certo isolamento, reforçando a noção de grupo e mantendo a concepção da divisão do mundo num "nós" local e num "eles" de fora).

Esse tema deve ser analisado, numa primeira instância, levando-se em conta toda uma reorganização do espaço nos últimos anos, ocorrendo em função das classes mais ou menos privilegiadas<sup>43</sup>. Os grandes condomínios de casas estão aí para confirmar o fato. Se antes, conjuntos de casas populares eram construídos numa zona propriamente considerada rural, vê-se uma inversão, com conjuntos de alto poder aquisitivo serem implantados na zona rural, com uma diferença: agora a atenção volta-se para a preservação do verde, enquanto que na implantação das casas populares, a devastação era total.

É interessante observar os apelos do marketing de venda dessas casas, associados a atividades corporais, muitas vezes utilizando-se das concepções orientais e atividades oriundas destas, como podemos constatar nos dizeres de um anúncio publicado na Folha de São Paulo, contendo essas intenções:

---

43 - BACAL (88, p. 57)

"Existir, reconhecer a complexidade do seu corpo e o poder de pensar, essa função mágica chamada vida. Perceber o universo e a si próprio como parte dele. Estar em equilíbrio, ser harmoniosamente um ser. E preservar, gerar e transcender. Tornar-se parte do infinito. Buscar todos os seus domínios, viver. Nada deve interferir. Concentre-se. A valorização do bem estar físico e mental é fundamental"<sup>44</sup>.

Retomando a fala do jovem entrevistado pelo jornal, "Deve ser o verde, cidade pequena", justificando a ida constante nos finais de semana ao local, poderíamos indagar sobre a não preferência por exemplo, a Barão Geraldo, outro subdistrito, constituindo-se igualmente numa pequena localidade.

Respondendo a essa questão, de forma hipotética, poderíamos argumentar que Joaquim Egídio favorece o contato íntimo pela proximidade obrigatória devido à limitação do espaço, diferentemente do outro, no qual já existe considerável comércio, o mesmo ocorrendo em Sousas, possuindo uma área bem maior.

BARBUY, quando da discussão sobre espacialidade, faz observações pertinentes à nossa questão. Quando uma cultura tende a saturar o espaço, não deixando lugares vazios, "deverá

---

44- Esse anúncio referia-se ao Sistema Residencial Tamboré, com acesso somente para a alta elite paulistana. Ao fundo estava estampada a figura de uma jovem trajando kimono e forjando um gesto de Tai-Chi-Chuan. Folha de São Paulo, 9/04/1989. p. B-10.

entender-se como pleno de programação e vazio de indeterminação"<sup>45</sup>. O autor tenta demonstrar a importância do vazio como o espaço do encontro humano, onde as relações sociais se produzem, preenchendo os ocios existentes entre os espaços cheios e sua importância residindo como "receptáculo indispensável para a expansão dos valores anímicos"<sup>46</sup>.

Refletindo sobre essas colocações, talvez pudéssemos situar nossa região como constituindo-se num espaço vazio.

Porém, além disso temos o traço original dos habitantes instalados há muitos anos. Traço esse notado pelas características demonstradas nas páginas anteriores como, por exemplo, a atitude de sossego dos moradores, o encontro das pessoas na rua, a nítida mesclagem entre o rural e o urbano. Os que chegaram nos últimos tempos, conforme pudemos observar através do crescimento demográfico, foram em número bastante reduzido.

Essa cultura local nem sempre foi bem compreendida pelos visitantes, adjetivando os habitantes de "caipiras", "domato" (por outro lado os "de dentro" acusam-nos de liberados demais, desrespeitosos e outros adjetivos), levando o grupo local a viver a experiência da segregação, não percebendo, os visitantes, a diferença do ritmo e dos valores centrados nas relações humanas,

---

45- BARBUY (80, p.9)

46- IDEM

como a visitação entre as casas, a hospitalidade, enfim, "as coisas boas da vida", como disseram. Quando os visitantes chegavam, às vezes através de grandes algazarras, apropriavam-se dos espaços fazendo com que tudo girasse em torno deles. Nisso os moradores perdiam o "status" de "donos da cidade", sentindo certo rancor quanto aos efeitos negativos desse "êxodo". Eram invadidos pela "grande cidade" (como são representados os que vêm de lá) com seu "progresso e crescimento" (admirado e temido), e ao mesmo tempo excluídos de tudo isso. Desejavam voltar a considerar onde vivem como "seu lugar" e não transformá-lo em palco reservado para outros desfrutarem.

A negação do outro, afirma MORAIS, "é uma espécie de constante nos processos de contatos culturais. Essa realidade radicada, que quase nada apresenta de semelhante à minha realidade radical, apresenta-se como um obstáculo, ou mais que isso, como uma ameaça"<sup>47</sup>. Os contatos subsequentes podem conduzir à "superação da negação do outro" ou a um "amordaçamento da cultura alheia", por tentativas de repressão ou atitudes de desdém.

Muitos iam em busca das cachoeiras, sabendo dessa existência através de algumas pessoas que tinham estado lá. Na verdade, quase todas as cachoeiras estão em propriedade particular, sofrendo constante invasão. Cheguei a observar

---

47- MORAIS 89, p.28

algumas pessoas jogando latas de cerveja na água, quebrando garrafas de vidro nas pedras, não recolhendo os cacos, e alguns homens tirando a roupa, permanecendo somente de cuecas para tomar banho. Essas atitudes levaram o proprietário, cuja permissão para banho no rio sempre houve, a fechar o local com grandes cercas de arame.

Considerando esses efeitos nocivos, não podemos perder de vista essa busca pelo "pequeno", expressando o contrário do lazer-consumo, ou da massificação de certas ofertas para o tempo disponível das pessoas, esta última contendo uma organização racionalizada e excesso de padronização, evitando relações humanas com trocas de saberes e mantendo certa distância entre as pessoas.

Por outro lado, a busca pela aventura, pelo novo, pelo desconhecido, longe dos padrões urbanos, tem-se mostrado presente em algumas atividades de lazer como o montanhismo, as travessias de bicicleta por trilhas, o campismo, etc.<sup>48</sup>.

---

48 - Esse fato tem se revelado em outros países, como na Alemanha, onde estudos de mercado apontaram grande massa de turistas abandonando a piscina, o bar do hotel, querendo realizar outras atividades na férias: "ao invés do conforto, a aventura; o esforço físico, os calafrios, o espírito de grupo e o companherismo. A última moda são as viagens de aventura" (KRIPPENDORF 89, p. 81)

Algumas garantias para o local deveriam ser priorizadas, como a preservação ambiental, cultural, regulamentação sobre a utilização do solo, traçados geográficos estabelecidos pela população, e também os locais para deixar cavalos, bancos colocados nas calçadas, cadeiras, passagens para "cortar caminhos", já incorporados pelo grupo social.

Esse assunto demonstra certa complexidade, indicando a necessidade exposta por autores da área, como VARINE-BOHAN, da realização de um "inventário das formas culturais dos moradores tradicionais da região"<sup>49</sup>, ou seja, estudos sistemáticos dirigidos, não numa tentativa de tudo conservar, mas como conhecimento da tipologia e da inserção das formas locais, orientando os que chegam e os moradores que constroem, buscando não romper com o desenvolvimento cultural.

A frequência nas cachoeiras era constituída em sua grande maioria por pessoas estranhas. Muitos jovens moradores afirmaram não conhecê-las. As moças explicaram ser a polícia sempre solicitada devido ao uso de maconha na cachoeira e delatarem o perigo de frequência pelo fato de haver "gente que mexe"<sup>50</sup>.

---

49- VARINE-BOHAN (74, p.13)

50- A água dessas cachoeiras é barrenta, não muito própria para banho, às vezes utilizada pelo gado nas fazendas, por isso apresentando um cheiro não muito agradável. Mesmo assim, frequentemente observam-se pessoas banhando-se.

Esses jovens declararam que Joaquim Egídio é um "paraíso para morar, mas para que vem de fora", e o local "é considerado turístico, mas não há turistas". Todos concordaram ser necessária a preservação da região e admiram sua beleza.

A relação desses jovens com a cidade onde vivem é bastante estreita e fortalecida, representada como veremos adiante, através de suas organizações e eventos realizados, revelando uma marca característica do grupo.

Não podemos deixar de considerar aqui a possibilidade de invasão nos finais de semana representar um mecanismo de defesa devido à evasão provocada pelos meios de comunicação, consequência de uma realidade cotidiana sem perspectivas de realização das necessidades afetivas e troca social. Evasão essa, muitas vezes, contribuindo em direção a um consumo alienado, visualizando o lazer como espaço para realizar objetivos de gratificação somente se atrelado a esse consumo.

Como demonstra BACAL (88)<sup>51</sup>, "os publicitários não recomendam lazeres que não exigem dinheiro. Nadar e ir à praia são atividades baratas, mas o que domina, enquanto conteúdo veiculado pelos meios de comunicação de massa, são os banhos de mar e praias longínguas, nos 'paraísos taitianos', etc..".

Atrelada a esse aspecto, temos a veiculação da mensagem

---

51- BACAL (88, p. 62)

do "mito da juventude" pelos meios de comunicação de massa (nas publicidades do lazer-consumo são veiculadas imagens de jovens praticando algum esporte ou outra atividade), impedindo o aparecimento de particularidades físicas e sociais do ser humano, mascarando as condições reais de existência do jovem numa sociedade de classes, na qual existem condições reais de vida própria, de acordo com as classes sociais às quais pertence. Esse mito "responde ao louco desejo dos homens de serem eternamente jovens, belos e felizes, numa sociedade supostamente homogênea, onde reina a igualdade e liberdade"<sup>52</sup>.

O slogan "o mundo é dos jovens" traduz toda uma concepção voltada para certo desprestígio em relação ao velho, aos seus costumes, considerando-os ultrapassados, almejando pelo moderno, pelo estilo jovem, sempre num sentido de oposição.

Talvez essa oposição seja indício de uma ausência de consciência histórica, perda de raízes, direcionando a uma falta de segurança e sentido à vida, sem saber onde se pretende chegar, o que amedronta. Percebe-se uma atitude política amorfa, estampada na apatia da sociedade urbana moderna<sup>53</sup>, não possibilitando o situar-se na construção histórica atual e nas condições de vida

---

52- PIETROCOLLA (87, p. 66)

53- Fazemos aqui uma analogia com a nova classe média, descrita por MILLS (49). Enfim, esses jovens de final de semana pertencem em sua maioria a essa classe.

dos membros de sua camada social.

Vamos retornar à busca pelo "pequeno" já comentada. A diversão propagada pela indústria cultural do lazer, esse lazer massificado pelas técnicas de produção, como discute MILLS<sup>54</sup>, "distraindo da monotonia impaciente do trabalho para lançá-lo na monotonia dos entretenimentos passivos, frutos de fascínio e emoções", argumentando que brincadeiras e divertimentos simples relaxam e tranquilizam, bem como refazem "a espontaneidade criadora para o trabalho, como no modelo artesanal". Talvez alguns desses jovens estejam buscando essa forma de lazer, não identificando esse fato conscientemente.

Uma faceta moralista ataca a tendência atual dos jovens de não privilegiarem o trabalho e os estudos (afinal estudar significa "vencer na vida" e "tornar-se rico", este último com duplo sentido: "ter mais e ser gente")<sup>55</sup>.

A ética do trabalho, tão presente nas gerações anteriores, parece ter perdido espaço para o despontamento da

---

54- Ibid., p.256

55- Numa pesquisa já discutida aqui sobre o lazer das elites, os jovens herdeiros mostraram valorização da experiência profissional de gestão empresarial e desvalorização das atividades universitárias. Gostam de ir à fábrica dos pais (aprendizado empírico que garantirá a continuidade do patrimônio, ao lado de educação formal) para ver a produção do ritmo e do trabalho (FORJAZ, op, p. 102).

ética do lazer. Esse fato pode ser situado historicamente, quando da aplicação das técnicas de produção em massa às diversões, escreve MILLS, como já antes haviam sido aplicadas ao trabalho. Embora o autor esteja se referindo aos países industrialmente desenvolvidos, esclarecendo o acesso das massas trabalhadoras ao lazer somente nos últimos cinquenta anos<sup>56</sup>, devemos considerar esse fato no nosso país, evidenciando-se a partir da década de 70, quando o censo demográfico aponta uma inversão a favor da supremacia numérica da população urbana<sup>57</sup>.

Esse fato indica uma urbanização crescente, processo ao qual o lazer encontra-se intimamente atrelado, pois o espaço do lazer é o espaço urbano, se a questão for situada em termos de vida diária da maioria da população, como esclarece MARCELLINO<sup>58</sup>. Conjuntamente, os meios de comunicação de massa, relacionados aos sistemas de produção e mercado consumidor, desenvolveram uma propaganda destinada a expandir práticas e instrumentos utilizados pelas pessoas, no seu tempo disponível.

A consequência da aplicação das técnicas de produção em massa no lazer, mostra MILLS, "implicou uma ruptura profunda e quase absoluta entre o trabalho e o lazer. Hoje, o trabalho é

56- A edição original americana data de 1951.

57- Dados obtidos a partir dos trabalhos de MARCELLINO (89, p. 46).

58- MARCELLINO (83, p.57)

julgado em termos de valores de lazer. O domínio do ócio fornece os critérios segundo os quais se julga o trabalho; é ele que dá ao trabalho a pouca significação que tem<sup>59</sup>.

Outra inversão interessante de ser observada foi indicada por NOGUEIRA em sua pesquisa sobre Itapetininga<sup>60</sup>. Refere-se à adoção de recintos fechados extradomésticos para a realização de atividades de lazer numa nova estrutura organizacional, implicando o auto-isolamento dos participantes, valorizando o cerimonial e servindo de pretexto (como os jantares empresariais) para intensificar a interação dos participantes. Dessa forma, "os banquetes ao ar livre cederam lugar, nos últimos tempos, aos churrascos, que se repetem, especialmente por ocasião das campanhas eleitorais. Em compensação, os banquetes em recinto fechado ganharam a frequência que outrora caracterizava os piqueniques. Nas classes dominantes e média, é o banquete com os imprescindíveis discursos, uma das formas mais solenes de 'homenagear um amigo...'".

---

59- MILLS (69, p. 254).

60- Essa pesquisa foi realizada por volta de 1.954 e situa-se entre os estudos sociológicos de comunidade, produzidos pelos sociólogos e etnólogos brasileiros, desde os seus primeiros contactos com algumas obras típicas das ciências sociais americanas, as quais receberam várias críticas pela limitação à observação e reconstrução segmentária de fenômenos.

Talvez, ao menos como hipótese de trabalho, fosse interessante uma investigação mais aprofundada desse aspecto, tentando desvendar como o significado dessas atividades alteraram a prática social, sendo igualmente modificado por ela, possibilitando novas configurações entre o "fora" e o "dentro" nas atividades de lazer, porém este não é nosso objetivo. Atualmente, manifesta-se uma tendência de fuga dos grandes centros, quando a população tem oportunidade para tal<sup>61</sup>, de busca pelas atividades ao ar livre, a qual parece estar se constituindo com bastante ênfase no lazer, como observado em Joaquim Egídio.

---

61- MARCELLINO (83, p.59) discute esse assunto, mostrando a conclusão de estudiosos sobre a atração exercida pelo espaço situado fora da cidade ser muito complexa e "esta afeta não só aos valores do contato com a natureza, mas também a vontade de quebrar a rotina, ficando distante de um lugar comum e sem maiores novidades".

62- Caderno Folha Sudeste - Jornal Folha de São Paulo 09/02/92.

## 2.5 - Formas de Organização da População

Quanto à organização do grupo social através de associações, grupos de interesses, etc., vários depoimentos indicaram tanto a extinção de alguns grupos visando essas finalidades, como a permanência e criação de outros.

Como dizia o artigo do Jornal, "a associação de moradores de Joaquim Egídio prega a criação de leis que fixem o horário de funcionamento dos bares, tidos como vetores para os donos. Outra, o Grupo Ecológico Vitória Régia defende a elaboração de um trabalho de conscientização dos turistas. A defesa do meio ambiente adota uma postura mais agressiva de conscientização dos turistas"<sup>62</sup>.

A Sociedade Beneficiente Amigos de Joaquim Egídio, segundo depoimento do atual presidente, existe há 14 anos e é filiada ao Conselho de Bairros de Campinas. Possui um quadro de 126 sócios, porém nem todos contribuem com o pagamento da mensalidade. Para se associar, não é necessário ser residente na cidade. Alguns sócios são de São Paulo. De dois em dois anos a diretoria da Sociedade é alterada por votação. Dentre as conquistas alcançadas, desponta a instalação da rede de esgoto

---

62- Caderno Folha Sudeste - Jornal Folha de São Paulo 09/02/92

e água. Na passagem do telefone magnético para o automático, conseguiram uma redução de 40% da companhia telefônica, a qual "estava onerando os que já possuíam telefone no local".

Porém a briga "homérica", como expôs o presidente, ainda diz respeito aos horários dos ônibus. Reclamam mais linhas, justificando serem as existentes deficitárias para atender a demanda da população. Os habitantes locais referem-se à empresa de ônibus responsável pelo trajeto como "nascida em Joaquim, porém serve mais a Sousas".

Uma luta "perdida" referiu-se à tentativa de construção de casas populares, cuja resposta negativa da prefeitura de Campinas foi justificada por Joaquim Egídio constituir-se em área de lazer. Solicitaram a doação de um terreno particular, mas a proprietária indagou se eles estavam pretendendo "levar baianada para lá".

A Sociedade igualmente defende a reconstrução do Grêmio Egidiense, o qual promovia bailes e encontros nos finais de semana. No início foi formado por italianos, tornando-se posteriormente "uma espécie de sociedade de moradores locais". Certa vez, explicou o presidente, "a prefeitura prometendo construir outra sede, derrubou a antiga, sem construir nada no lugar. Agora existe o galpão ao lado do casarão da sub-prefeitura, para festas, mas as pessoas daqui dizem que é diferente porque o galpão não é do povo, é da prefeitura".

O presidente apontou a presença de "divisionistas" no subdistrito, sendo estes um fator de desunião. Essa divisão da população representa, na sua visão, "perda de força política,

pois realizam atividades separadas. Os 'divisionistas', há pouco realizaram o Baile da Saudade".

Por volta de 1.985, um grupo de jovens empreendeu-se na organização da Comunidade Jovem, com o intuito de promover atividades para essa faixa etária, através de uma associação. Arrecadaram dinheiro, promovendo bingos no Salão da Igreja, pedágios na rua e rifas de bolo. Como eram menores de idade, foi necessário abrir uma caderneta de poupança em nome de dois membros da Sociedade de Amigos. Porém, segundo depoimento deles, "os mais velhos interferiram com intenções políticas". A junção com a Sociedade, sob o ponto de vista de alguns, foi a causadora do término da Comunidade, pois várias iniciativas dos jovens eram vetadas e "perceberam que estavam trabalhando para a Sociedade, visando seus interesses".

O presidente da Sociedade de Amigos, expondo sobre a fusão com a Comunidade Jovem, explicou que, como menor de idade não podia se associar, houve a proposta da criação de sócios proeminentes, sem direito a voto. Nesse período, o carnaval era realizado no Salão da Igreja, porém o padre proibiu. Conseguiram a escola para esse fim, com a opinião contrária da diretora. Daí, "a Comunidade doou um montante de dinheiro para a construção do galpão ao lado do casarão. Uma coisa que nem seria da cidade, pois era da prefeitura". Na sua opinião, a doação deveria ter sido feita para a reconstrução do Grêmio.

Entrevistando vários moradores, as opiniões divergiram sobre a Sociedade de Amigos : Alguns questionaram sua força política, outros opinaram que não funciona por falta de apoio dos

órgãos governamentais, e um grupo responsabilizou o não funcionamento devido a divergências políticas.

Em relação à Comunidade Jovem, alguns justificaram seu afastamento, devido ao envolvimento da entidade com partidismo político, observando que "serviu a politíqueiros para promoções".

Esse mesmo grupo adolescente, na época da implantação da Comunidade, promoveu uma manhã de lazer num domingo em Joaquim Egídio. Os próprios envolvidos organizaram, arrumaram material e atividades; um grupo destes moços realizava acampamentos na mata perto do Observatório de Capricórnio. Conheciam várias trilhas na mata, local aberto para piqueniques, cachoeiras e acampamentos. Desse grupo surgiu o "Vitória Régia", citado na reportagem do jornal e outro que atualmente organiza caminhadas com os visitantes dos bares, nos finais de semana.

A cidade possui dois times de futebol amador: Ideal Futebol Clube e o Canto da Vila.

O terreno do campo era particular e sempre quando um time era convidado para jogar, passavam uma lista de assinaturas entre o público assistente e jogadores, com o objetivo de pagar o time convidado. Os próprios jogadores realizavam a marcação do campo.

Posteriormente, o terreno foi vendido para a prefeitura e cercado. Os jogadores alegaram maior participação da população quando não era cercado. O campo permanece aberto à população, onde existe uma quadra esportiva polivalente.

O Ideal possui uma técnica há 13 anos, ex-jogadora do time desde os 16 anos e ex-subprefeita do local. Atualmente com

48 anos, trabalha como instrutora de auto-escola em Campinas e seu filho é integrante do quadro de jogadores. Declarou só existir o futebol na cidade como lazer e "sem ele tudo fica morto". Explicou que, quando jovem, o pessoal ia buscá-la em casa para jogar. Atualmente tem que "caçar jogadores nas casas".

Houve tentativa em formar um time feminino mas sem sucesso, porque "ninguém queria saber de nada".

Segundo a informação, todos os jogadores moram em Joaquim Egídio, "todos se conhecem e todos trabalham em tudo". O vice-presidente do clube é o tesoureiro da Igreja. Geralmente os jogos acontecem no sábado à tarde e a arrecadação, no bar do campo, ajuda a manutenção do time.

Os membros da diretoria (geralmente os próprios jogadores) explicaram que "tudo sempre esteve concentrado na técnica, mas daqui pra frente as funções serão mais definidas e o trabalho melhor repartido". Os jogadores participam das reuniões decisórias. A população é chamada a assistir através de cartazes confeccionados com cartolina, expondo horários e times participantes, colocados nos bares da cidade.

Durante uma partida, o juiz que apitava, pediu para a técnica um cartão de advertência e ela respondeu não possuir. Voltou-se para o meu lado, dizendo possuir o cartão mas não ia entregá-lo. "Para quê?", perguntou. "Só para dar confusão?".

No time "Canto da Vila", o técnico, no cargo há quatro meses, já havia exercido anteriormente essa função durante seis anos (78-84). O time inicialmente recebeu a denominação

"Madrugada", porém "os jogadores não achavam o nome bonito". Como havia surgido ao lado da estação de trem, "no canto da vila", terminou recebendo essa denominação.

Há um certo conflito entre os dois times. O Ideal não queria permitir o uso do campo de Joaquim Egídio pelo Canto da Vila, exigindo o pagamento de um aluguel. Isso ocorreu em 1973. Houve intervenção da prefeitura e hoje o campo é dividido nas manhãs dos finais de semana, das 9 h às 13 h para o Canto e posteriormente para o Ideal. Apesar dos conflitos, há um constante deslocamento dos jogadores entre os dois times.

O time não sai para jogar fora do subdistrito, somente quando era "Madrugada", jogava no campo da Fazenda Santa Maria (distante 6 Km). Explicou o técnico que a maior parte dos jogadores mora nas fazendas circundantes e trabalha nelas. Declarou ser o "Canto da Vila" mais humilde, sendo o Ideal, "time de rico". Apresentou as dificuldades em relação ao material utilizado no jogo, principalmente os uniformes (lavados em sua casa). Não possuem diretoria e ele admitiu a presença de um público mais numeroso nos jogos quando o Ideal participa.

A rivalidade existente não permite disputas entre eles. Organizam festivais duas ou três vezes por ano (16 times e 8 partidas). Nesses dias, a arrecadação do bar pertence ao time do Canto e o Ideal participa, jogando com algum time convidado.

Podemos constatar, pelos depoimentos e observações, ser essa forma de praticar o futebol, permeado por uma lógica

bastante semelhante à lógica do futebol de várzea, existente nas periferias dos centros urbanos, pela aproximação com aspectos informais.

A receptividade ao esporte-performance, à mercadorização e institucionalização dessa atividade parece, antes de tudo, como bem coloca NOGUEIRA, ser uma decorrência do processo de urbanização<sup>63</sup>. Foi percebida uma outra lógica, diferente dessa, permeando o futebol dessa localidade.

Na época da entrevista, as eleições municipais estavam próximas. Conversando com o técnico do "Canto", este afirmou que por enquanto nenhum candidato havia surgido para fazer campanha. Estavam esperando aparecer algum, "para ver o que poderiam conseguir dele".

Talvez esse seja o único espaço que conseguem em suas vidas para reivindicar e barganhar direta e objetivamente com o poder, tendo a possibilidade de satisfação do desejo: duas bolas para jogar, às vezes algumas chuteiras ou camisetas.

Tomando como base de análise as premissas expostas, podemos propor algumas inferências.

Os interesses de eclesiásticos e políticos, utilizando certos eventos intermediários para interesses

---

63- NOGUEIRA (62, p. 422)

próprios, têm se mostrado mais nocivos nas alterações ou destruições da cultura popular do que as invasões da indústria cultural, a qual não deixa de interferir, porém num grau menor daquele apontado por alguns autores<sup>64</sup>.

Sobre essa questão, BRANDÃO, na pesquisa sobre rituais de devoção popular, revela como os devotos e participantes das comemorações trocam mensagens entre si, utilizando-se de palavras constituidoras de uma linguagem, expressando uma "troca de mensagem com o Sagrado"<sup>65</sup>. Dessa forma, uma atenção especial é dirigida às palavras proferidas durante os eventos.

Esse fato abre uma possibilidade utilizada por autoridades eclesiásticas e políticas, tornando o acontecimento, um intermediário de suas mensagens, transformando os acontecimentos de festa, em situações de barganha pelo poder, pela acumulação de prestígio, em troca de adeptos, com interesses, geralmente, bastante diversos do grupo onde o evento se originou.

---

64- BOSI (87, p.162), referindo-se à cultura de massa, discute o "vampirismo" subjacente a ela, como sendo duplo e crescente: "destrói-se por dentro o 'tempo' próprio da cultura popular e exhibe-se, para consumo do telespectador, o que restou desse tempo, no artesanato, nas festas, nos ritos".

65- BRANDÃO (81, p.122)

Se tivermos em conta a vastidão e expansão dos meios de comunicação de massa dirigidos às sociedades ainda não-urbanizadas, como a pesquisada, vemos que a população não é tão afetada, pois aparentaram uma vida, de acordo com antigos hábitos, apoiada em aforismos (como "quem tudo quer, tudo perde", "o dinheiro não traz felicidade"), centrada em relações pessoais de parentesco e amizade. Esse é o seu espaço. Espaço constante das conversas, fofocas, da segurança. Uma elaboração cultural própria, dependendo da acumulação da experiência pessoal e da sua transmissão oral direta de contatos interpessoais<sup>66</sup> e menos dependente do rádio e da televisão. Talvez seja isso que os salve do aspecto nocivo dos meios de comunicação de massas (quando estes despersonificam os grupos sociais), lembrando HOGGART na discussão sobre a classe proletária inglesa<sup>67</sup>.

Esses traços culturais locais podem ser traduzidos como o "tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas - e sua visão de mundo - o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre a ordem", ou seja, diz GEERTZ, seu

---

66- Bem semelhante ao constatado por DURHAM em seu estudo sobre a cultura das camadas populares. DURHAM apud CALDEIRA (84, p. 103).

67 - HOGGART (73, p.4)

"ethos"68.

Evidentemente não estou querendo mostrar que o grupo preserva-se inteiramente dessas influências. Foram afetados em alguns pontos vulneráveis e isso será melhor discutido no terceiro capítulo. As interferências dos meios de comunicação de massa parecem ocorrer num grau menor com respeito à indução para determinado consumismo, e num grau um pouco mais acentuado no que diz respeito à organização social, como veremos nas fazendas.

Nesse momento da exposição, realizarei uma pausa, para refletir, com você, leitor, sobre as características e peculiaridades do nosso grupo social.

Após observados alguns quadros do cotidiano local, uma dúvida sem solução imediata se apresenta. No transcorrer das idéias pretendo construir uma posição mais definida sobre "comunidade".

Até o instante, evitei o uso deste termo, motivo de nossas reflexões, dada sua utilização equivocada, para designar agrupamentos "homogêneos" de pessoas com finalidades idênticas e convívio harmonioso. Comunidade, serve então para designar múltiplos grupos com finalidades próprias como: comunidade esportiva, comunidade brasileira, comunidade acadêmica, dentre outras.

---

68- GEERTZ (89, p. 103)

Então, surge a questão, cujo conteúdo pretendo desenvolver: Podemos identificar o grupo social estudado, como constituindo uma comunidade?

Não no sentido de oposição entre comunidade e sociedade e aqui concordamos com BUBER, "não há grupo humano que possa ser descrito pura e simplesmente como comunidade ou como sociedade. Há sempre elementos contratuais nas comunidades assim como elementos comunitários nas sociedades"<sup>69</sup>. Da mesma forma, não como um "tipo ideal", concordando com ARCOVERDE, o que a tornaria "uma cortina de fumaça a esconder posturas ideológicas e implicações relacionadas à natureza do sistema social"<sup>70</sup>.

O uso do termo comunidade não se refere no nosso caso a um "estilo de vida comum" baseado na identidade de propósitos, coesão, homogeneidade, explicando o sistema social como um todo harmônico. O coletivo deve ter preferência no lugar do comum, não se acomodando em bases psicológicas ou ações espontâneas, mas "produto de ação organizada decorrente de interesses percebidos

---

69- BUBER (87, p. 131)

70- ARCOVERDE (85, p. 75)

como comuns, numa situação de classe<sup>71</sup>.

O grupo social comunitário apresenta em comum condições de vida, interesses diversos, contradições e conflitos, reproduzindo as relações e processos sociais. A situação grupal, no caso analisado, propicia a ação coletiva a identidade, realimentando a própria comunidade. As experiências de segregação são vividas pelo grupo enquanto tal, mais do que os antagonismos de classe.

BUBER em seus estudos sobre comunidade, aponta dois fatores sobre o amadurecimento do problema antropológico<sup>72</sup>: o primeiro refere-se à decomposição progressiva de velhas formas orgânicas de convivência entre os homens, constituídas em comunidades representadas pela família, pelo companheirismo, pela conuna aldeã ou urbana. O segundo refere-se ao agravamento da solidão do homem. As formas orgânicas de comunidade ofereciam uma sensação de "estar em casa" e as novas formas sociais que

---

71- Ibid., p.36. ARCOVERDE realiza uma retrospectiva histórica do conceito de comunidade e mostra como passou a ser compreendida, não só como agrupamento populacional, mas como uma "estrutura populacional, uma constelação formada de unidades individuais interdependentes que se distribuem espacialmente e mantêm entre si determinadas relações sujeitas a constantes mudanças que são condicionadas por fatores tecnológicos" (p. 28)

72- VON ZUBEN in BURBER (87, p. 130)

tentavam recuperar "o lugar da pessoa humana nas relações sociais, como a associação, o sindicato, ou o partido, não conseguiram restabelecer a segurança perdida. A solidão crescente só foi abafada e reprimida"<sup>73</sup>.

BUBER posiciona-se a favor da restauração, criação e desenvolvimento ulterior da comunidade (denomina esta comunidade de pós-social), baseada em relações surgidas de livre escolha, no "princípio criativo" e na "lei intrínseca de vida" e não mais em ligações consanguíneas. Somente dessa forma os males da sociedade seriam superados e uma vida melhor conquistada<sup>74</sup>.

Mostrando contrastes entre Estados Unidos e Brasil, DA MATTA<sup>75</sup> esclarece a oposição da idéia de comunidade entre eles. No primeiro caso, esta funda-se na igualdade e homogeneidade dos membros concebidos como cidadãos e "a comunidade pode ser concebida como igualitária porque não seria feita de famílias, parentelas e facções que objetiva e efetivamente tem propriedades, estilos, tamanhos e interesses diferentes, mas de indivíduos e cidadãos".

Individualizar significa desvincular-se de famílias e parentelas, buscando uma ligação direta com o Estado, através de associações voluntárias (sindicatos, partido político e órgãos

---

73- Idem

74- Ibid., p.14

75- DA MATTA (87, p. 85)

representativos de classe).

Resumindo, o autor classifica a comunidade norte-americana como homogênea, igualitária, individualista e exclusiva<sup>76</sup>.

No caso brasileiro, ela é heterogênea, complementar e hierarquizada, baseada em relações e pessoas, famílias e grupos de parentes e amigos<sup>77</sup>. Aqui o "indivíduo" é expresso pela conotação de desprezo, sinônimo de "gente sem princípios" ("aquele indivíduo sem caráter"). O individualismo associa-se a egoísmo. Nesse último, vale a relação e no caso americano, o indivíduo é o cidadão.

Nossa lógica, expõe DA MATTA, "é relacional no sentido de que estamos sempre querendo maximizar as relações e a inclusão, criando com isso zona de ambiguidade permanente"<sup>78</sup>.

Tomando o caso particular interno do nosso país, esses contrastes evidenciam-se entre zonas urbanas mais industrializadas e as sociedades tradicionais rurais. Nas primeiras, onde a parte (indivíduo) é mais importante que o todo (sociedade), o coletivo e a multidão tornam-se problemáticos, pois representam o inverso do consagrado como normal e ideal.

Nos sistemas tradicionais, onde o coletivo importa mais que o individual, problemáticos são os individualismos, não

---

76- DA MATTA (83, p. 179)

77- DA MATTA (87, p. 85)

78- Ibidem (p. 116)

consagrados como normais e rotineiros<sup>79</sup>.

Na comunidade estudada, um aspecto interessante para ser analisado refere-se à inexistência de espaços privados particulares de lazer reservados a determinado grupo social. Todos os locais (bares, campo de futebol, casarão, praça) são abertos para a população em geral, não se percebendo nenhuma segregação em nível sócio-cultural.

Esse aspecto torna-se peculiar se comparada com outras localidades onde a presença de clubes recreativos, pela cobrança de mensalidade, venda de títulos, conduz a um processo de segregação entre aqueles que podem e os que não podem pagar<sup>80</sup>.

Os espaços são coletivos, sem a presença de uma nítida demarcação, criando um todo (evidentemente não homogêneo e com conflitos) com a ausência de domínios segregados e afastados.

Há uma articulação constante entre os da cidade e os da fazenda sob múltiplos aspectos: profissionais, recreativos, educacionais e outros, com os quais iremos nos relacionar adiante.

---

79- DA MATTA (87, p. 46)

80- É curioso e cômico no trabalho de WILLEMS (61) sobre Cunha a referência ao clube local, dividido em três categorias de acordo com a mensalidade que pagam: 20, 10 e 5 cruzeiros. Dito membros pagam 20 cruzeiros, Dezessete 10 e 84 figuram no rol dos sócios com a taxa de 5 cruzeiros. Quase todos os que contribuem com 20 cruzeiros, fazem parte da classe superior. Entre os que pagam cinco cruzeiros encontram-se visitantes e fazendeiros que "ocasionalmente aparecem quando estão na cidade (p.94)"

### 3. NAS FAZENDAS

Neste tópico, analisarei algumas atividades ludomotoras, desenvolvidas nas fazendas, pelos empregados rurais, pois minha investigação centralizou-se nos moradores locais - no caso das fazendas, representados pelos trabalhadores e respectivas famílias - e não nos proprietários, cujas residências localizam-se em outra cidade. Para eles, Joaquim Egídio é lazer, nos finais de semana e férias. Buscarei uma interpretação no contexto de relações, bem como influências mútuas, situadas no eixo rural-urbano.

O tratamento reservado à análise aqui apresentada não será desenvolvido numa oposição do rural ao urbano, como se fossem duas culturas entrando em choque. Serão observadas as categoriais sociais que se defrontam, podendo provocar, "além de modificações ao nível da cultura, transformações de ordem estrutural mais impositiva, podendo explicar a 'produção' do subdesenvolvimento pelo desenvolvimento"<sup>81</sup>.

---

81 - WOORTMANN (72, p. 122) cita o exemplo da substituição da produção artesanal pela industrial, "carregada de valoração positiva independentemente de sua utilidade relativa. E o que acontece em muitos lugares da Bahia, por exemplo, com o consequente empobrecimento de setores populacionais e a obliteração de uma tendência à formação de 'manufaturas capitalistas' locais".

Esse fato pode ser observado, por exemplo, em pequenas cidades, vilas ou comunidades rurais, quando são implantados grandes conglomerados turísticos, conduzindo à especulação imobiliária, aumento de impostos e taxas de água, luz, etc., provocando tanto um empobrecimento da população nativa, excluindo-a da utilização deste novo empreendimento<sup>82</sup>.

Em seu estudo sobre grupos urbanos, OLIVEN faz algumas referências a essa problemática, levantando pontos importantes para reflexão. Em algumas obras analisadas, o autor indica uma tendência do meio rural incorporar certos comportamentos originários e difusos a partir de centros urbanos, vindo reforçar "o ponto de vista que não faz muito sentido postular a existência de uma cultura rural (ou folk) e uma cultura urbana como realidades estanques"<sup>83</sup>.

Da mesma maneira, notamos alguns padrões culturais do campo serem incorporados na cidade, como o caso das festas juninas, folclóricas e as próprias relações de parentesco, vizinhança, observados principalmente em algumas localidades como

---

82- Esse assunto é desenvolvido por KRIPPENDORF (89, p.95) o qual delata a troca desigual e os custos sociais que não são pagos aos habitantes locais, pela exploração turística. Sob esse mesmo enfoque, recomendo o filme "Rebelião em Milagro" dirigido por Robert Redford, sobre a implantação de um centro de lazer, numa vila montanhosa, no México.

83- OLIVEN (85, p. 24)

bairros, vilas, deixando transparecer todo um modo de se relacionar com a vida, muito característico do meio rural.

Sob esse último aspecto, não podemos deixar de considerar que elementos da cultura não são transportados mecanicamente através de deslocamentos territoriais, como explicita BRANDÃO<sup>84</sup>, esclarecendo a importância em verificar, não a transferência da roça para a cidade, "mas a passagem de uma ordem de relações e de sujeitos sociais para uma outra e para outros sujeitos, ou os mesmos em novas posições e com novos interesses".

Quando o migrante deixa a roça em direção à cidade, significa sair de relações camponesas muitas vezes insustentáveis para ele ou fugir de relações capitalistas indesejáveis na produção agrária. Porém, para a cultura popular, significa o risco, diz BRANDÃO, de "transplantar para uma outra conjuntura, aquilo que muitas vezes só sobrevive sem perdas na rede de trocas e significados que, entre outras coisas, precisou criar a dança, os versos e os gestos, para explicar-se a si própria"<sup>85</sup>.

Em outro trabalho do mesmo autor, são discutidos rituais essencialmente urbanos, os quais não deixam de incluir várias pessoas "das fazendas". São "feitos nas cidades e deslocam pessoas 'da roça' para assisti-las. As cavalhadas e as pastorinhas de Pirenópolis estão neste caso"<sup>86</sup>.

---

84- BRANDÃO (81, p.107)

85- Idem

86- Ibid. p.159

No local pesquisado, já identificamos esses movimentos através dos times de futebol e respectivos jogos, as visitas às cachoeiras e caminhadas, a frequência aos bares pelos "das fazendas", os quais muitas vezes utilizam-se de cavalos e charretes para chegar à cidade.

### **3.1 - As Fazendas e o Espaço de Lazer**

No cenário analisado, o espaço de lazer confunde-se com o espaço de trabalho pela estreita aproximação. Os campos de futebol situavam-se ao lado das plantações e do pasto, bem como as moradias localizavam-se dentro do espaço de trabalho, sendo que os almoços de domingo reunindo parentes, compadres, agrupavam pessoas em alguma sombra debaixo de uma árvore, entre a casa e a cocheira, para conversar, jogar baralho, tocar um violão, improvisar um campo de malha.

Nessa situação, lar e trabalho não são separados e os círculos de amizade e parentesco fixam o homem no seu ambiente social, características de uma sociedade tradicional rural, diferentemente do ocorrido em decorrência do avanço industrial nos grandes centros, segregando a vida profissional da vida familiar. Nesse último contexto, escreve MILLS, "o lar não é mais o centro da vida psicológica, e como as horas de trabalho diminufram, a esfera do lazer e das diversões assume as funções

do lar<sup>87</sup>.

Numa reportagem publicada pelo jornal Correio Popular, sob o título "Joaquim Egídio integra comunidade rural"<sup>88</sup>, podemos constatar alguns aspectos das atividades de lazer. Essa comunidade, segundo a notícia, "não tem acesso ao lazer e à cultura" indicando vários motivos para tal, como transporte deficitário (o ônibus circula somente duas vezes por dia entre as fazendas) e falta de condições financeiras.

Porém, essas reclamações dizem respeito à dificuldade de acesso ao lazer e à cultura "da cidade", pois no mesmo artigo são constatados um lazer e uma cultura local, bem como uma proposta da sub-prefeitura incentivando realizações nesse aspecto, numa tentativa de integração da comunidade rural, através de uma busca entre o grupo social, dos violeiros, cantadores, repentistas "para que esses artistas rurais possam mostrar seus trabalhos"<sup>89</sup>. Daí provêm outras dificuldades e conflitos: necessidade dos fazendeiros ceder o espaço e incentivo da Secretaria de Cultura. Quanto a este último aspecto, o sub-prefeito da época declara estar "a Secretaria mais preocupada com eventos no centro com retorno financeiro do que incentivar o lazer e a cultura para

---

87- MILLS (69, p. 255)

88- COSTA, MARIA TEREZA. Joaquim Egídio integra comunidade rural. Jornal Correio Popular, 11/06/91 p. 3

89- COSTA (op.cit.p.3)

a comunidade rural", não reconhecendo como cultura as realizações do povo, completando: "gostaria de saber o que é cultura na visão desses iluminados culturais"<sup>90</sup>.

Verificando os termos utilizados nas falas de autoridades, organizadores e administradores, presentes nessa reportagem, podemos evidenciar: "incentivar o lazer e a cultura para a comunidade rural", "...uma tentativa de integrar essa comunidade começou a ser feita no distrito, levando atividades de lazer e cultura ao meio rural", "alheios às dificuldades para organizar uma festa de integração rural, os colonos que foram domingo à fazenda prometeram voltar dia 4 de agosto..."

Numa perspectiva de política cultural, buscando uma consequente democratização cultural, o instrumento norteador da ação incide na elaboração de uma arte com o povo, almejando conjuntamente um conhecimento crítico da sua realidade. Para tal propósito devemos descartar a pretensão de criar uma cultura para as camadas populares, mas "com elas", "a partir delas".

Isso não significa estarmos desprezando a iniciativa de integração explicitada na reportagem, buscando entre o grupo social, violeiros, repentistas e outros, mas sim alertando para o fato da necessidade de uma ação conjunta com esse grupo na construção de um projeto cultural. Se isso ocorresse,

---

90- Idem

contrariando o exposto na reportagem, talvez não tivéssemos tantas pessoas alheias às dificuldades para organizar uma festa de integração rural.

### **3.2 - Percorrendo as Fazendas**

Nas várias fazendas visitadas, pôde-se notar a presença de atividades ludomotoras, divididas geograficamente, separando o espaço dessas atividades destinadas aos proprietários (piscina, quadra de tênis, campo de equitação) e os espaços dos trabalhadores (área para o campos de futebol "cedido" pelo proprietário, rodinhas de mulheres conversando, crianças brincando e jogando num local de interposição com as atividades adultas), geralmente próximos às suas casas.

As fazendas apresentam, igualmente, particularidades na sua utilização para algumas atividades de lazer, relacionadas à sua configuração (os terreiros das fazendas de café eram utilizados para festas; açudes destinados à irrigação, para pesca), a atitudes dos proprietários (permissão e condescendência quanto ao uso de algumas áreas), e a vínculos empregatícios (trabalhadores volantes ou famílias residentes).

Numa delas, bem próxima à cidade, o filho do administrador expôs a intensa tramitação dos colonos<sup>91</sup>, entre ela e a cidade, bastando uma breve caminhada para realizar o percurso. Contou da existência, num passado próximo, do campo de futebol e de time da fazenda. Porém, num dia de jogo, ocorrendo uma briga com o time convidado da cidade, o futebol foi extinto. Pelo seu depoimento, o time de fora "não gostava do time da fazenda, enxergava ele como rival".

Recordou o passado, quando as famílias reuniam-se no final da tarde para conversar, o que hoje não está ocorrendo, segundo ele, devido à televisão. Relatou alguns churrascos (sem a participação dos trabalhadores, porém para eles) financiados pelos proprietários e organizados pela administração, realizados no ano de 1987.

Nessa propriedade, o rio forma uma queda d'água, sempre visitada por gente "de fora". Explicou que "por mais que fechem, não tem jeito, o povo entra mesmo".

Devido ao fato de ter ouvido insinuações sobre o uso de maconha pelos visitantes, não apreciava essa invasão. Indicou

---

91- Estamos entendendo aqui o colono como habitante das denominadas colônias, consistindo num conjunto de patrimônios familiares localizados em picadas ou linhas (pequenas comunidades). Em sentido mais geral, coloca WOORTMANN (s/d p.20), como "uma área ocupada por colonos, isto é, imigrantes europeus".

a presença de jogos de baralho ("bestia") nos domingos, por alguns grupos masculinos, em frente às casas dos trabalhadores.

Analisando a crise no país, discutiu a dificuldade em comercializar produtos agrícolas (leite e café), devido à instabilidade político-econômico do país e a relacionou, numa análise pessoal, com o espaço do lazer para o povo: "a crise contribui para acabar com as tradições, pois o povo fica apático, ninguém acredita em mais nada, e não tem vontade de dançar, fazer festa, só dá vontade de ir no bar beber pinga".

Ficou evidente na sua fala o não isolamento das atividades de lazer como determinado momento extraordinário, porém mantendo relações com o todo da vida social, contribuindo para o incentivo ou a inibição da vivência festiva<sup>92</sup>.

De outra forma, concordamos com WOORTMANN, quando diz ocorrer uma consciência intensificada sobre os valores tradicionais (dados como naturais no cotidiano) em certos momentos de crise

"numa ordem social e num ordenamento do mundo"<sup>93</sup>.

Constatamos, através do depoimento, atividades relacionadas a determinada produção, influenciando nas iniciativas correspondentes ao tempo disponível das pessoas.

---

92- Fato este comentado em RIBEIRO JR (82) na sua análise sobre a festa do povo

93- WOORTMANN (s/d, p. 21)

Numa perspectiva inversa, WAGLEY, discutindo a comunidade amazônica, evidencia a importância para o grupo social estudado, de comportamentos e atividades relacionadas ao lazer (divertimentos - principalmente as festas de santo e hospitalidade - quando são anfitriões numa festa de aniversário). Nesse grupo específico, certos bens de consumo eram inacessíveis (aparelhos eletrodomésticos, ferramentas agrícolas e mecânicas, roupas sofisticadas, alimentos industrializados). Dessa forma, adquiriam valores e significados diferenciados dos centros urbanos. Nessa outra forma de relação com a vida, a abstenção dos divertimentos e hospitalidade conduzia a "pouco desejo de ganhar dinheiro, além do estritamente necessário para satisfazer as necessidades físicas. As pessoas não prezam apenas o conforto material; fatores intangíveis, como recreação e hospitalidade, podem ser tão apreciados, como um padrão de vida material mais elevado"<sup>94</sup>. Aspectos como já comentamos, tão desprezados pelos planos e programas de desenvolvimento econômico.

Dentre as fazendas visitadas, encontramos uma situação atípica, daquela na qual várias famílias residem há muito tempo, algumas instaladas desde o período logo após a abolição dos escravos no Brasil.

---

94- WAGLEY (op. cit., pp 291-292)

Aí são contratados trabalhadores volantes, sem manutenção de um vínculo estreito com a terra e a família. Mesmo nessa situação específica, constatei a presença de famílias instaladas nessa fazenda. Possui uma escola e uma capela, onde é rezada missa mensalmente. O produto comercializado é o café e há quatro anos houve troca de proprietário, devido à venda das terras.

Quanto às atividades de lazer do nosso interesse, o administrador apontou a existência, no passado, do futebol nos finais de semana, extinto devido a brigas existentes, levando os empregados a jogarem numa fazenda próxima. Na época da pesquisa, ocorriam no local, às vezes, jogos de baralho e malha nos finais de semana.

Como tantos outros depoimentos, salientou também a maior frequência de festas e bailes em tempos passados.

Durante a conversa, o entrevistado mostrou um local, onde pretende proporcionar "recreação em favor do pessoal" (dos volantes), instalando mesas de snooker e pebolim.

Isso nos remete àquela espécie de lazer patrocinado pelas empresas, quando reconhecem sua importância para o equilíbrio biopsicológico dos funcionários. Os trabalhadores perdem a liberdade individual até nas atividades "livres". Dependendo do reconhecimento do poder exercido pelos seus chefes, tanto maior a aceitação de um lazer programado e organizado. Organização esta não originada no grupo social dos trabalhadores, de acordo com suas motivações e disposições, mas por especialistas, e aqui concordamos com BACAL, "que determinarão

critérios do que é 'bom' e do que é 'mau' para cada um. Nesta hipótese, mesmo admitindo a melhor intenção por parte dos programadores do lazer, este perderá sua essencial característica, que é a de constituir-se em ação livre"<sup>95</sup>.

Na fazenda analisada, com referência aos trabalhadores volantes, notou-se uma ordem moral oposta a uma ordem econômica. A terra é vista como objeto de trabalho, como fator de produção e não em sua exterioridade como expressão de moralidade, pensada e representada no contexto de determinadas éticas. Nesse momento, reportamos-nos a WOORTMANN no esclarecimento quando a terra não é pensada "em função da família e do trabalho, mas em si mesma, como uma coisa ou como uma mercadoria; a família é também pensada em si, sem relação com o trabalho ou a terra, o mesmo acontecendo com o trabalho, que pode mesmo ser pensado como uma abstração, como um 'fator'"<sup>96</sup>. Temos aqui um modelo individual em oposição ao relacional, onde a terra seria pensada em função da família e do trabalho.

---

95- BACAL (88, p. 60). Essa situação demonstra certa ambiguidade de algumas atividades denominadas, por seus organizadores, de "naturais" e "livres", pois não se constituem nem como trabalho, nem como descanso. Essa ambiguidade reflete uma possível tentativa da produção de um "tempo útil", através de um "tempo livre". Sobre esse aspecto, recomendo a leitura da pesquisa "Formas Arquiteturais no Estado Novo", de Magali A. Lima.

96- WOORTMAN (s/d, p.23)

Percorrendo outra fazenda, encontrei um senhor de meia idade, jogando "malha"<sup>97</sup> na estrada com mais três parceiros. Esse personagem foi indicado por outros moradores, como sendo organizador de jogos e desfiles de carros de boi, para as festas comemorativas da cidade. Possuía algumas medalhas e troféus, devido à participação nesses desfiles.

Demonstrou insatisfação quanto aos administradores das fazendas locais, por não incentivarem "atividades de divertimento" para a população nos finais de semana e criticou especialmente um administrador por ter comprado "bola de borracha de brinquedo", para o jogo de futebol, na fazenda onde trabalha.

Às vezes, declarou, "jogo truco com os amigos e futebol nas fazendas vizinhas, nos domingos".

Certa vez, acompanhei-o até uma fazenda, onde costumava jogar, porém o time convidado não havia comparecido, e os jogadores brincavam com a bola, no gramado. Moços e moças conversavam em frente a uma barraca improvisada, vendendo bebidas. Num cartaz pendurado, podia-se ler: "Pinga, pinga doze (queria dizer doce), cerveja, chiclete". Dentro da barraca, um homem tocava violão e meu entrevistado emprestou-o somente "para

---

97- A "malha" constitui-se num jogo com 2 ou 4 participantes, os quais utilizam uma chapa metálica, na tentativa de derrubar um pino fincado no solo.

tocar umas notas".

Não havendo futebol, fomos até Sousas assistir um rodeio. O preço da entrada era relativamente alto para o padrão econômico da maior parte da população local e o evento era patrocinado por uma multinacional.

Havia um público numeroso, com inscrição aberta para quem se aventurasse em permanecer montado num boi ou cavalo selvagem. Meu entrevistado conhecia muita gente presente, apresentando-me seus amigos. Expressou seu desejo de organizar um rodeio na fazenda onde reside e trabalha, "mas o povo não vai pagar nada".

O entendimento dessa fala requer a percepção da terra, não somente como objeto de trabalho, "mas como expressão de moralidade"<sup>98</sup>, um espaço onde o trabalho constrói a família enquanto valor. É necessário um distanciamento do valor-trabalho e uma aproximação do trabalho enquanto valor ético. Uma atividade como o rodeio ou a domesticação de animais relaciona-se, numa comunidade rural, às coisas da terra e, portanto, do trabalho e da família, adquirindo caráter de identidade, posicionando-se contrária à lógica da compra e venda, como simples mercadoria.

Quanto a esses rodeios, é interessante observar como orações são realizadas a vários santos, anunciadas pelo locutor, antes dos animais e cavaleiros entrarem em ação. Nesse sentido,

---

98- WOORTMANN (s/d, p.3)

nota-se uma complementaridade de domínios (sagrado e profano). Complementaridade esta, igualmente presente nas festas tradicionais religiosas, onde, ao lado de missas e procissões, tem-se a presença de circos, forrós e leilões. Nas festas modernas de rodeios, geralmente patrocinadas por grandes empresas, missas e pequenos ritos de devoção vão ganhando espaço<sup>99</sup>.

### 3.3 - O Povoado Surgido na Fazenda

Um outro exemplo de fazenda, neste caso evoluindo para povoado, encontra-se distante a 9 km de Joaquim Egídio.

Nele, vamos encontrar um núcleo de casas, uma capela, escola e "venda", cujo nome Santa Maria pertencia à antiga fazenda dividida entre 5 herdeiros há quinze anos. Alguns deles já dispuseram de suas terras, como por exemplo, onde se encontra o antigo casarão sede, vendida para um outro proprietário.

A capela foi construída com o dinheiro dos irmãos herdeiros, posto que antes funcionava na sede, onde atualmente ainda se realiza uma missa mensal.

---

99- BRANDÃO (89, p.15)

A escola também funcionou na sede da fazenda e, atualmente, encontra-se em prédio próprio.

No local, residem 30 famílias aproximadamente, numa média de 5 pessoas por família, totalizando 158 moradores.

Os meios de transporte mais comuns são carro, carroça e cavalo. Inexiste transporte coletivo. Quase todos têm aparelho de TV, "mas jornal ninguém lê, porque não chega aqui", esclareceu um morador.

### **3.3.1 - O futebol no povoado**

Todo domingo havia jogo de futebol num campo gramado e aberto, situado um pouco abaixo da antiga sede. Esses jogos tornaram-se famosos na região, atraindo espectadores de Joaquim Egídio e redondezas, constituindo-se para os habitantes locais motivo de reunião e encontro.

O técnico do time estava envolvido com o futebol local há 30 anos e, como a maior parte dos jogadores, reside em Santa Maria. Estes trabalham nas fazendas vizinhas e numa usina hidrelétrica próxima. Alguns jogavam no grupo há 20 anos, outros (como o proprietário da mercearia com 47 anos) há 29 anos.

Possuíam dois times: o aspirante e o titular. Um jogador explicou já ser estabelecido entre o grupo, que o juiz não deveria ser "um deles", mas sim alguém "de fora", escolhido no início dos jogos. O cartão não era usado "porque não há

necessidade". Geralmente, explicou o técnico, o juiz é um voluntário, "é quem quiser, mas se roubar, nunca mais apitará". Fato que se repete também com o time visitante. Se quiser arrumar encrenca ou brigar, não voltará mais. Esporadicamente, esclareceram, "aparece algum time fazendo rodinha antes do jogo para queimar fumo, dizendo que não dá para jogar sem isso". Afirmaram essa atitude não interferir no jogo, demonstrando ser um comportamento não preocupante quanto aos valores éticos locais. Em outro lugar, talvez fosse justificativa para chamar a polícia, ou então recusariam jogar com drogados. Lá não existe polícia; os próprios moradores exercem o controle e disciplina, a partir dos valores da comunidade.

A briga não é elemento perturbador, raramente ocorrendo, diferente de outras fazendas citadas, onde provocou a suspensão dos jogos de finais de semana. O jeito como visualizavam o time de fora - convidados, e não rivais, talvez contribua para a ausência de desavenças. O depoimento de um jogador, traduziu esse quadro: "Ninguém aqui quer ser mais que os outros e quando o jogo termina, todos vão beber cerveja no mesmo copo".

A violência naquele contexto não é estimulada, nem permitida. Criam-se mecanismos para isso, pois o adversário tem o significado de um convidado. A maneira de recebê-lo, bem como o

"desinteresse"<sup>100</sup> em mostrar-se superior, fazem com que a briga nesse caso não se subordine à lógica da reprodução da identidade do grupo.

Mesmo com existência de sanções (às vezes bastante severas) nos esportes espetáculo dos grandes centros urbanos, a violência é bastante explorada pelos meios de comunicação de massa, com objetivos sensacionalistas.

Alguns jogadores, em Santa Maria, já partiram para jogar em outros times fora dali, mas afirmaram sempre retornar "porque aqui é gostoso, porque todos são amigos".

A organização do futebol ocorria da seguinte forma: o dono da barraca no campo (comércio de cerveja, refrigerante e doces) pagava o time visitante e o lucro restante era dele. Sua mulher lavava os uniformes. O dono da mercearia entrava em contato com os times convidados para marcar o jogo, e o técnico cuidava dos jogadores.

Quatro garotos na faixa de 11, 12 anos apresentaram-se como catadores de bola. Estudavam na escola local e três deles trabalhavam apanhando café, sendo que um ajudava sua mãe. Aqui entra o trabalho entendido como elemento socializador, devendo a criança aprendê-lo o mais cedo possível, como igualmente

Contribuir com o trabalho, com o objetivo de não ameaçar a

---

100- Desinteresse meio ambíguo, uma vez que estão jogando para vencer, embora, talvez não a qualquer custo.

reprodução familiar, uma vez que se constituem em produtores familiares.

Para o produtor familiar, o trabalho doméstico conduz a criança a perceber a contribuição conjunta na unidade familiar, internalizar as regras reguladoras do convívio familiar e a apropriar-se de determinado conhecimento<sup>101</sup>.

Quando encontravam a bola, ganhavam cinco cruzados (padrão monetário da época). Durante o jogo dos adultos, ficavam "treinando bola" no campinho ao lado. Algumas vezes, não conseguindo achar a bola perdida, no dia seguinte permaneciam sem trabalhar, com a intenção de achá-la. Esta determinação os levava, em certas ocasiões, a passar o dia inteiro procurando, às vezes sem achar. Contaram sobre a existência do campo há 40 anos e a possibilidade de sua eliminação (para construir um tanque de peixe), pelo proprietário atual, em troca da promessa

---

101- Para melhor entendimento do assunto, consultar RASIA (87) na sua pesquisa realizada com filhos de camponeses, no Sul do Brasil. Em termos hipotéticos, o autor responsabiliza esse fazer cotidiano e obrigações específicas que o acompanham, como fatores que produzem na criança uma "predisposição à disciplina, à obediência, que dispensa em muitos casos o castigo físico e outras formas de punição" (p.101).

da construção de outro campo, "mas ninguém confia"<sup>102</sup>.

Nesse aspecto, o técnico demonstrou preocupação e o desejo da realização de um abaixo-assinado, questionando a legalidade da destruição do campo e a possibilidade de ganharem a posse do mesmo, por utilizarem há tanto tempo. Segundo seu ponto de vista, da sua esposa e filha, "um bom jogo é quando o juiz não fica fazendo rodinha, quando não há discussão e o jogo termina empatado ou mais ou menos empatado. Também é bom quando o time convidado é um time forte e sabem que vai dar trabalho".

Dessa polêmica gerada pela possível destruição do campo de futebol, podemos levantar algumas conjecturas. Se de um lado, reconhecem seu adversário - o novo proprietário - de outro, apresentam uma esperança fundada no direito legitimado por eles, mas necessitando de amparo legal: a posse do campo. Temos, portanto, um espaço político com três direções: o dominante, os dominados e a lei. Porém, na realidade, temos apenas dois pólos contraditórios, pois no dominante está implícito o poder. As três direções visam manter a idéia dos dominados, direcionada para uma suposta garantia, de que o adversário não será sempre o vencedor, e o dominante usa a separação para exercer uma

---

102- Devo esclarecer que o campo de futebol foi destruído no ano seguinte da pesquisa, em setembro de 1.989, sendo que até o momento (1.992), não foi construído outro.

dominação eficiente, contando com a própria representação dos oprimidos. Assim, se constitui uma imagem de poder igualando o que dominados e dominantes entendem ou esperam do político<sup>103</sup>.

Antes do início da partida, realizavam uma espécie de ritual, já incorporado pelo grupo. O time formava um círculo, todos de mãos dadas, o técnico rezava uma oração e passava as instruções. Somente após, o círculo era desfeito e as mãos separadas.

No passado, diz o técnico, "tentei formar um time de moças, mas dava muito trabalho, porque eu precisava correr demais no campo e acabei desistindo. Não havia ninguém para me ajudar". Sua filha era componente do time.

### **3.3.2 - Além do futebol**

Numa breve observação ao redor do campo durante o jogo, constatou-se a presença de vários grupos realizando atividades, conversando ou assistindo ao jogo.

Alguns adolescentes jogavam volei numa roda, participando moças e rapazes. Algumas mulheres conversavam

---

103- Valemo-nos aqui, da análise realizada por CHAUÍ em SOARES (81, p.60)

sentadas na grama, debaixo das árvores, com os filhos menores brincando por perto. Um grupo de idosos (homens) jogavam cartas sentados no chão, próximos à barraca de bebidas. Os garotos catadores de bola, mais alguns amigos, jogavam futebol no campinho ao lado e outros da mesma idade jogavam baralho, sentados no chão.

Aproximei-me do grupo idoso e pude perceber certa desconfiança, logo confirmada pela indagação, tentando descobrir se eu pertencia à polícia, ou se tinha alguma relação com ela. Minhas explicações acalmaram os ânimos e as pessoas se posicionaram mais à vontade.

Alguns jogavam enquanto outros assistiam. Havia colocado algumas folhas de jornal no chão, para apoiar as cartas. O jogo denominava-se "bestia" e era a dinheiro. Um dos jogadores dirigiu-se a mim, afirmando ser aquilo uma "roubalheira, mas ninguém ligava". Nesse momento, um deles trocou uma carta, já na sua mão, comprada do maço, alegando não haver prestado atenção, sem protesto dos demais.

Apesar das regras existirem em função do jogo, há uma permissividade legitimando as transgressões, num grupo não circunstancial, onde as pessoas se encontram e se visitam no cotidiano.

Esse grupo joga todo sábado e domingo, afirmando não haver briga, mas acontecendo algumas discussões esporádicas.

Indagados sobre como haviam aprendido os jogos, responderam ter sido pela convivência, olhando e jogando, uns ensinando os outros. A aprendizagem ocorreu mediante experiências

diretas e concretas.

No sábado à tarde e domingo de manhã jogam cartas em frente à mercearia, e no domingo à tarde, no campo. Nunca dentro de casa.

Aqui nos reportamos novamente a DA MATTA<sup>104</sup> na sua análise entre a casa e a rua, demonstrando que o sentir-se em casa, "fala de situações onde as relações são harmoniosas e as disputas devem ser evitadas", não podendo transformar a casa na rua, nem esta naquela. Porém na rua, "pode-se admitir contradições que são próprias deste espaço". Mesmo assim, devemos estar atentos para o fato, já comentado, da rua ser uma extensão da casa no contexto analisado e o "estar em casa" significa muitas vezes, estar no lugar em que se vive, onde habitam amigos, família.

Os garotos com o baralho jogavam "bestia" a dinheiro (dois de cartorze, um de dez, outro de doze anos). Algumas mães por perto afirmaram não se importar, porque "é tudo brincadeira".

Numa interpretação funcionalista, fugindo da ordem moral na qual todo jogo a dinheiro para criança é pernicioso porque vicia (a não ser que seja de papel, como em alguns jogos comercializados envolvendo transações imobiliárias), poderíamos nos deixar levar pela explicação sobre o fato de as crianças estarem sendo preparadas para atividades financeiras futuras.

---

104- DA MATTA (87, p. 59)

É justamente essa análise realizada por CARVALHO<sup>105</sup> em relação a uma pesquisa sobre o jogo de bolinhas de gude. O autor considera esse jogo como exercício da atividade financeira, afirmando ser esta, "masculina por excelência"<sup>106</sup>: "Enquanto não tem direito de andar livremente com dinheiro, devido à sua idade juvenil, deve administrar suas bolinhas à imagem e semelhança de como os adultos administram suas finanças", e elucida com vários exemplos: venda e compra de bolinhas, quantas bolinhas casar em cada partida.

O jogo não se constitui numa mercadoria, objeto ou instrumento, mas na relação estabelecida com eles, como tentei demonstrar em estudo anterior<sup>107</sup>. A situação do jogo é estabelecida através do movimento, ao qual o jogador se entrega, entre a fantasia e a realidade, entre a tensão e o relaxamento e assim, apresenta-se como forma de comportamento. Na sua essência, estão presentes aspectos irracionais, pré-disposições, criatividade, etc. O sujeito do movimento lúdico é o próprio jogo, pois ele "faz acontecer", ao envolver os jogadores.

Assim, o objeto (tabuleiro, bola ou outro) não garante o acontecimento do jogo, o qual não pode ser comprado como uma

---

105- CARVALHO (s/d)

106- CARVALHO (s/d, p.26)

107-BRUHNS (89)

mercadoria.

Não poderíamos negar, pela presença marcante do jogo de cartas nessa comunidade (empregada aqui nos termos já discutidos), uma aprendizagem infantil a partir do modelo adulto. Porém, a criança recria, ao nível de sua imaginação, esse elemento da cultura do seu grupo social, constituindo uma cultura infantil. Provavelmente o valor atribuído ao dinheiro deve ser bastante diferente do atribuído pelos adultos.

Percebi mais um valor simbólico, não referente ao que o dinheiro pode comprar e o que ele vale, mas, como objeto, o que faz acontecer aquele momento, ou seja, o próprio jogo. Portanto, o jogo não se constitui num fim para ganhar dinheiro, mas o dinheiro faz acontecer o jogo.

GEERTZ<sup>108</sup> faz uma comparação do significado do dinheiro no jogo de briga de galos em Bali, com a descrição de WHYTE sobre um grupo de garotos num distrito da classe trabalhadora em Boston. Constatou sobre a pouca importância atribuída pelos garotos ao elemento financeiro, - "consideram o jogar a dinheiro uma prova real de habilidade, e, a não ser que um homem se dê bem quando o dinheiro está em jogo, ele não é considerado um bom competidor".

---

108- GEERTZ (89, p. 140)

GEERTZ mostra que o jogo a dinheiro não ocorre somente na briga de galos, embora as grandes somas estejam envolvidas aí e os jogos sejam exclusivamente masculinos. Ao redor da rinha de galos funcionam através de concessionários, grande número de jogos de azar (roleta, dados, lançamento de moedas, grão sob a concha). Desses, participam mulheres, crianças, adolescentes e "outros tipos de pessoas que não se defrontam (ou não ainda) nas brigas de galos - os extremamente pobres, os desprezados socialmente, os idiossincráticos pessoais - participam desses jogos, que só envolvem moedas de pouco valor"<sup>109</sup>.

Sobre a relação jogo e dinheiro temos algumas considerações de NOGUEIRA no seu estudo de comunidade em Itapetininga. O autor evidencia os estigmas morais quanto aos jogos de baralho e azar, relacionando ainda os "atenuantes" levados em consideração pela população: "se o jogo é puramente recreativo, isto é, sem compensação material, ou se esta é bastante diminuta para não onerar sensivelmente aos que perdem; se o jogo ocorre apenas em horas de lazer, e não em período que deveria ser consagrado a outras atividades; se o jogo ocorre em casa ou no clube, entre amigos, sem cunho profissional; se a participação do jogador é ocasional e não habitual, sistemática; se, em vista da abastança do indivíduo, o que ele perde não afeta o seu padrão de vida e de sua família". Além de todos esses "atenuantes", quanto à corrida cavalos, mais um é

---

109- GEERTZ (89, p. 302)

é acrescentado: se a renda destina-se a algum fim filantrópico ou religioso<sup>110</sup>.

Num domingo pela manhã, em frente à mercearia adultos jogavam "truco"<sup>111</sup> numa mesa, enquanto outros grupos espalhados em volta de crianças e adolescentes estavam formados em círculos, também jogando (somente homens). Algumas meninas jogavam "trilha"<sup>112</sup> com tabuleiro improvisado de papelão e pedrinhas de tijolos.

Apesar da afirmação dos adultos quanto à proibição do jogo entre crianças e adultos "porque a polícia prende", ao lado deles algumas crianças de 10-11 anos jogavam com rapazes de 22-23 anos. Ouvindo o comentário dos adultos, uma criança indagou: "A polícia não prende nem ladrão, vai prender a gente?".

### 3.3.3. - As mulheres

As mulheres conversando debaixo das árvores, junto às crianças menores, reclamaram sobre o local não possibilitar lazer

---

110- NOGUEIRA (62, p. 419)

111- Outro jogo de cartas de que participam 4 pessoas. Apresenta variantes como "douradinho" com seis participantes e "douradão" com oito participantes.

112- A trilha é um jogo de mesa, de que participam 2 pessoas.

para elas. Além do trabalho (algumas na colheita do café), cuidam da casa. Não sabem e nunca jogaram "bestia" ou outra espécie de jogo de cartas.

Lembram com saudades de há vinte anos, quando havia muita festa e muito jogo: corrida de cavalo, futebol, malha, etc.

Ao lado da capela, havia um campo de "boccia"<sup>113</sup> e um barracão onde se realizava baile todo final de semana. O proprietário atual autorizou a destruição do galpão e do campo, não construindo nada em substituição.

Uma das mulheres, numa conversa em sua casa, indicou o futebol como único divertimento no final de semana. Ela sempre assiste, assim como outras suas amigas. Durante um certo tempo jogava "bisca" (um jogo de cartas) com o marido, dentro de casa, "porque mulher não joga aqui" (mostrando a possibilidade do jogo se constituir num aprendizado do papel sexual). Seu cunhado, por perto, revelou serem as torcidas, durante o jogo, organizadas tanto pelas moças do local como pelas de fora que chegam junto com os jogadores.

As mulheres do local demonstraram almejar um lazer "delas". Apesar de irem ao futebol para assistir ou ficar

---

113- A "boccia" é um jogo praticado em campo de terra batida, com 2 ou 3 jogadores em cada time, com algumas bolas.

conversando, passaram a idéia da atividade não lhes pertencer. O trabalho de casa é trabalho de mulher, os maridos são resguardados quanto a ele, mesmo porque, sua presença neste tipo de atividade pode comprometer o significado da "boa dona de casa". O marido dominado pela esposa adquire o apelido de "maricas".

O cotidiano das mulheres não trabalhadoras mostrou-se regido pelos afazeres domésticos, entradas e saídas da escola, jogos e brincadeiras das crianças<sup>114</sup>.

Nos finais de semana, o trabalho doméstico aumentava, dada a presença constante das crianças e do marido, bem como dos parentes e amigos que frequentavam a casa para almoçar, tomar café e conversar. Isso não demonstrava ser um incômodo, mas uma estrutura já incorporada.

O mundo de sua sociabilidade era demarcada pelos limites da comunidade local mesmo para aquelas que trabalhavam, pois o mundo do mercado (bancos, compras na cidade) ainda não lhes era acessível.

A existência de dois domínios, masculino (no trabalho e

---

114- Na pesquisa já comentada de FORJAZ, a população feminina da elite apanhada pela amostragem da pesquisa "não se caracteriza predominantemente pela atividade doméstica tradicional (apenas um terço delas), pois dois terços das entrevistadas são profissionais inseridas no mundo do trabalho ou estudantes..." (88, p.100).

sustento de família) e feminino (trabalho doméstico), embora opostos, apresentou complementaridade no grupo social, não produzindo grandes desagregações e conflitos, aparentando resignação na atitude das mulheres.

Num almoço de domingo, na casa do pai de um dos jogadores de futebol, entre amigos e parentes, estavam doze pessoas para comer. O dono da casa fez questão de dizer que "apesar da simplicidade, sempre há fartura" (na casa não havia aparelho de TV). Sua mulher e outras que iriam participar do almoço transitavam entre a sala e a cozinha, preparando os alimentos, a dona da casa os distribuiria mais tarde, numa afirmação da "fartura" indicada, alimentando igualmente a honra, reproduzindo o trabalho enquanto "categoria moral referida pelo pai", bem no sentido discutido por WOORTMANN na sua análise sobre a sociedade camponesa<sup>115</sup>.

Em relação às visitas para almoçar ou jantar, nesse tipo de sociedade, elucida o autor, sobre o convite não significar "alimentá-las enquanto corpos biológicos, mas para 'alimentar' e reproduzir relações sociais, isto é, para reproduzir o corpo social"<sup>116</sup>.

A comida, portanto, transforma "necessidades biológicas em necessidades sociais".

---

115- WOORTMANN (85, p.38)

116- Ibid., p. 3

O privilégio é colocado ainda, pela maioria dos grupos rurais, na comida cultivada ou criada na terra deles, pois continuando com WOORTMANN "a comida do roçado é a comida do trabalho, e por isso é forte; a comida da cidade é comprada, e por isso é fraca"<sup>117</sup>. No centro dessa moralidade está a honra do pai, do chefe de família e o correspondente controle sobre a terra, o trabalho e o tempo. Controle esse, advindo do saber (por esse saber que o pai "governa"), transformando a terra em terra de trabalho, sendo o trabalho, significado da família. A terra, mais que o objeto de trabalho, se constitui em espaço da família.

O almoço de domingo caracteriza-se pelo "mais" e "melhor". O "mais", associando-se ao descanso e o "melhor", geralmente a uma carne (churrasco ou assado ao invés de cozido).

Entre pingas e cervejas, contavam sobre o futebol, observando ausência de adaptações<sup>118</sup> - "sempre jogaram o futebol mesmo", como também sobre os jogos de cartas. Demonstraram desconhecimento pelo jogo "buraco". Conhecem "truco", "bestia" e "bisca". Também o "triunfo", "calmo no início, mas no final é uma bagunça", como disseram.

Afirmaram ser quase todos habitantes de origem italiana e "todos são parentes, amigos e se conhecem". Gostavam dali

---

117- Ibid., p.10

118- Apesar dessa afirmação, não utilizam cartões de advertência, o juiz é qualquer voluntário, o terreno do campo não é uniforme.

porque "todos se respeitam. Quem vem pra cá e não é bom, vai logo embora", disseram.

Essa última colocação nos lembra HOGGART, referindo-se à classe operária inglesa, chamando a atenção para uma frase muito repetida nesse grupo social - "gosto de gente direita", resumindo uma moral, talvez insuficiente "a nível cósmico e até presunçosa", porém quando expressa "por um homem de meia idade que viveu sempre uma vida difícil, - simboliza certamente um triunfo importante, alcançado em circunstâncias pouco propícias".<sup>119</sup>

### **3.3.4 - Um jeito de viver**

A vida nessa comunidade rural parece se resumir a uma satisfação advinda da aceitação das coisas, simplesmente por se conseguir evitar preocupações como doença, dívida, com a aquisição de "algum divertimento". É uma atitude tradicional de tolerância, não deixando de ser uma resistência à mudança, mantendo o que lhes interessa. Dentro desse quadro, a vida real do grupo social é a vida do lar, englobando e sendo englobada pelo local onde a vida acontece. O resto é a vida exterior "fora

---

119- HOGGART (73, p.144)

dali", entre as quais mantêm uma separação nítida (entre o "fora" e o "dentro") porém fictícia.

Certa vez, um morador convidou-me para mostrar as coisas que faz no seu cotidiano, construídas com as próprias mãos, fazendo parte de sua própria história. Fomos visitar duas casinhas num sítio, mostrou-me algumas ferramentas, algumas plantações. Afirmou gostar de tocar sanfona para o pessoal dançar e convidou-me para conhecer seus compadres para "poder sentir o ambiente, como as pessoas vivem, seus amigos". Em relação à cidade, expressou sua visão: "Tenho medo da cidade, por causa dos bandidos. Quando vou, procuro andar sempre rápido e voltar logo".

Valores simples que persistem na vida real, não formalmente ou na recordação. Valores aprendidos na família com antepassados, ou amigos - o jogo de futebol tem 40 anos e o grupo de idosos reúne-se já há 15 anos para jogar cartas.

Evidentemente, na tentativa de realizar uma leitura dessa sociedade, não podemos ignorar as condições concretas de existência que estruturaram a prática social. No caso analisado, é a pobreza, não a miséria. Mas, com que garantias podemos afirmar que a maior capacidade de consumir mercadorias traria mais felicidade e/ou liberdade para esse grupo social ou causaria transtornos no seu modo de vida e relacionamento social? Como temos observado, quando ocorre melhoria nos padrões materiais, com crescimento econômico, manifesta-se concomitantemente a intensificação da exploração, oportunidades desiguais e aumento da miséria humana. O crescimento econômico nem sempre corresponde a uma proporção igual de desenvolvimento, quando ocorre de forma

anárquica, ou seja, como explicita DUARTE JR., "na medida em que os indivíduos não possam harmonizar as constantes alterações com suas maneiras concretas de assumirem a vida"<sup>120</sup>.

Aqui ficamos com o alerta de THOMPSON referindo-se a esse fato na passagem para a sociedade industrial, em relação aos camponeses: "Os diretos triviais dos aldeões, como a respigadura, o uso de lenha e o confinamento do gado no restolhal, considerados irrelevantes pelos historiadores do crescimento econômico, poderiam ter uma importância capital para a sobrevivência dos pobres"<sup>121</sup>.

Para entendermos outras concepções de mundo e valores, diferentes daqueles dominantes na sociedade urbana industrial, devemos nos ater aos significados atribuídos a determinadas práticas sociais, as quais, por sua vez, modificam esses significados.

O futebol deles não é o futebol nosso. Este não se reduz a um campo, mas se relaciona com todo um modo de vida, traduzindo valores às vezes bastante diferentes dos nossos. Ele faz acontecer numa tarde de domingo, o que eles dizem para eles mesmos. Ou seja, estamos aqui nas mesmas condições de vida, garantindo um único espaço, onde não ocorre exclusão. Nem de mulheres, nem de crianças ou outros (embora com papéis

---

120- DUARTE JR. (88, p.38)

121- THOMPSON (87, p. 46)

diferenciados). Por isso, o resultado, não importa muito. Os times convidados são importantes, porque mantêm aceso, além de outras coisas, o reconhecimento do "nós" (afinal existem jogadores suficientes no local para jogar entre "eles", não havendo necessidade de chamar os "de fora").

Um aprendizado com o qual não estamos acostumados. A nossa educação não nos ensina essa leitura e quando vamos atuar num local desse tipo, desejamos introduzir medalhas, troféus e a vontade de vencer, para aprender a vencer na vida. Muitos não acreditam nisso?

Não estou sugerindo o abandono de nosso modo de vida e a substituição mecânica por outro. Nunca seremos japoneses, esquimós ou hindus (ainda que existam aqueles que se esforcem ao máximo para tal). Podemos, entretanto, aprender com eles sobre nós mesmos e talvez garantir um espaço de vida um pouco diferente deste que nos oprime gradativamente pela cobrança de resultados, por valores do "progresso" dos quais estamos sempre duvidando. Espaço este mantendo objetivos desprovidos de clareza.

Nossa estrutura de valores (aqueles não voltados para o "progresso") não está sendo confirmada pela nossa existência, ou nas palavras de ALVES, "nossos valores não coincidem mais com as tendências presentes em nosso sistema social"<sup>122</sup>. Dessa forma, mesmo executando tarefas que nos cabem, torna-se praticamente

---

<sup>122</sup>- ALVES (86, p.167)

impossível evitar sensações de vazio, da ausência de sentido, pois "nossos corações estão ligados a valores diferentes"<sup>123</sup>.

### 3.3.5 - O político e a comunidade

Retornando ao grupo social analisado, pude observar numa manhã de domingo, no mês de outubro, muita movimentação no campo de futebol, fato estranho nessa hora do dia. Vários cartazes foram colocados pelo técnico e sua filha, contendo propagandas de candidatos a prefeito e vereador de determinado partido. Haveria um torneio à tarde, patrocinado pelo candidato a vereador (o que já vinha ocorrendo há duas semanas), sendo os times participantes pagos por ele. Seis jogos seriam disputados e troféus foram comprados, destinados aos vencedores, fato este incomum no lugarejo, pois premiações não existiam em seus jogos.

O dono da barraca de cervejas e refrigerantes estava contente por ter vendido tudo na semana anterior. Alguns moradores duvidavam da vitória do partido do candidato, supondo outro como vencedor.

A rigor, ninguém levava a sério as promessas do candidato ou que este fosse um aliado aos problemas e interesses

locais, mas de outro modo não se abstinham, como já comentamos em relação ao mesmo fato ocorrido em Joaquim Egídio, da oportunidade de barganhar, negociar alguma coisa, sendo esses momentos raros no sentido da troca com o poder, dos quais eles tentavam aproveitar o máximo.

Do outro lado, temos o político utilizando-se de uma atividade altamente significativa para aquele povoado, tentando impor um capital de notoriedade e honorabilidade sempre suscetível de se converter num espaço de adeptos.

Pela ausência de autoridades marcando o cotidiano, a expectativa em relação a elas resolverem os problemas locais, praticamente inexistia ali. As pessoas reconheciam a necessidade de resolvê-los, sem recorrer a outros, agindo com receptividade e dinamismo às solicitações exteriores da sua vida pessoal e doméstica. Como diziam, "uns tentam ajudar os outros" e o dono da mercearia, conforme seu depoimento, constatado numa situação observada, deve abrir suas portas, atendendo necessidades de mantimentos, remédios e outros, fora do horário de funcionamento.

Neste momento da análise, gostaria de propor, novamente a você, leitor, uma pausa para reflexão. Considerando nossos atores sociais, seu modo de vida e suas representações face a ela, como poderíamos situá-los?

Estariam seus valores e sua visão de mundo, conduzindo a determinadas maneiras de viver, próximas às dos trabalhadores dos grandes centros urbanos, ou mais próximas de uma outra lógica, permeando maneiras de vida, com fisionomias próprias,

traduzindo valores um pouco diferentes?

HHHH           Essas questões direcionam a outra, expressando o fio condutor de nossa conversa, analisando esses personagens que nos conduziram até aqui, poderíamos considerar o trabalhador rural de Joaquim Egídio como sendo um camponês?

Para responder a essas questões (talvez não de forma afirmativa), devemos percorrer um caminho, na tentativa de reconstruir esse personagem, a partir das evidências constatadas.

Na vida diária de nossos atores sociais não foi percebida uma inflexibilidade, muito menos um rigor burocrático. Ao contrário, variações existem até para o descanso quando considerado necessário e oportuno. Como discute SOARES na sua análise sobre o campesinato maranhense, "a liberdade no processo de trabalho é muito valorizada pelos lavradores"<sup>124</sup>. Ela se constitui numa das categorias culturais centrais do universo camponês brasileiro, como família, festas de santo, comida e outros.

A diversidade em relação à posição ocupada no processo de produção parece não ser tão representativa a ponto de fazer com que hábitos, motivações, sejam condicionados somente para possibilidade de acesso a determinados tipos de consumo, mas a valores significativos para o grupo. O grupo social não se constitui através da somatória de fragmentos independentes, mas é

---

124- SOARES (p. 103)

"um conjunto de relações vividas a partir do reconhecimento coletivo de uma auto-imagem própria, distintiva e única" 125.

Talvez sejam "consócios" no sentido atribuído por GEERTZ<sup>126</sup>, ou seja, pessoas que se cruzam em vários lugares no cotidiano, compartilham do desenvolvimento na biografia um do outro, pelo menos numa margem mínima; "eles 'envelhecem juntos', pelo menos momentaneamente, interagindo direta e pessoalmente com egos, sujeitos, individualidades".

Consócios são diferentes de contemporâneos. Estes últimos partilham uma comunidade no tempo, mas não no espaço. Os grandes fazendeiros (ausentes a maior parte do tempo por residirem em outra cidade) e o pequeno sitiante local, seriam contemporâneos.

Segundo WOORTMANN, "a fazenda tradicional também pode ser um território camponês e o lugar da liberdade, na medida em que aí se dá um tempo de família"<sup>127</sup>.

Na fazenda, os espaços são diferenciados, porém o agregado decide no espaço onde estão sua família, a horta "derrubada por ele", e os animais que cria com o objetivo de alimentação. Decide portanto sobre o produto e o processo de

125- Ibid., p. 103

126- GEERTZ em BRANDÃO ("Os nomes do trabalho", p. 128)

127- WOORTMANN (s/d, p. 58). O camponês geralmente é situado como pequeno proprietário, onde predomina o trabalho familiar.

trabalho. O espaço da roça constitui-se o espaço onde é desenvolvido o tempo de família e liberdade.

No universo camponês, "não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim com não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família" sendo essas categorias vinculadas a "valores e princípios organizatórios centrais, como a honra e a hierarquia"<sup>128</sup>.

Esse acesso ao alimento, plantando, colhendo, criando, representa a autonomia e o trabalho "moral" em contraste com a comida "comprada", "de fora".

Em Joaquim Egídio (na cidade), pude observar em todas as casas que visitei, a presença de uma horta no quintal, criação de galinhas e às vezes porcos, patos, pomares, parecendo neste aspecto manter uma afinidade muito estreita com a ética camponesa.

A fazenda, com território camponês, entretanto, pode se constituir tanto no local de liberdade, como de cativeiro (às vezes o patrão não é um "homem do povo" e alguns são obrigados a trabalhar mais que o adequado). Temos, portanto, uma situação de relação patronal representada como relação entre iguais e outra onde configura a privação da liberdade. Essa mesma liberdade cria um espaço para o exercício da exploração da força de trabalho, "contradição que explica de um certo modo o sentido trágico da

---

128- Ibid., p. 22

autonomia camponesa"129.

Retomando WOORTMANN, a fazenda em si mesma não é representada "como uma situação de subordinação, nem é a hierarquia da fazenda percebida como oposta à liberdade do agregado. É a transformação da fazenda numa direção racional moderna, "econômica" que traz consigo a "ambição" e o cativoiro"130.

A mecanização e a tecnificação agrícola conduzem a uma nova forma de pensar o trabalho: "o trabalho abstrato, concebido quantitativamente em função do princípio da produtividade"131.

O autor cita um exemplo relacionado a um projeto de irrigação e reassentamento de pequenos produtores no Piauí. Só eram aceitas como "irrigantes" famílias que possuíssem adultos jovens do sexo masculino. Chefes de família considerados idosos eram descartados. Essa relação trouxe consequências sobre a posição do pai na hierarquia familiar, onde sempre lhe coube "dar direção", desarticulando a relação simbólica entre o pai de família com o respectivo saber quanto ao trabalho. Por outro lado, mostra WOORTMANN, "inventava-se o velho, transferindo para o contexto camponês uma categoria gerada pela lógica do capital, quando naquele contexto o pai idoso nunca é marginalizado pela

---

129- SOARES (81, p.216)

130- WOORTMANN (s/d, p. 60)

131- Ibid., p.18

idade: ele é dono do sítio no qual se mora e se trabalha e é também o detentor do saber e da experiência acumulados"132.

Quanto a este aspecto, RASIA vem mostrar a causa em certa medida, da separação entre trabalho e lazer, gerado pela tecnificação da lavoura, com consequente redivisão familiar do trabalho133.

Quando nossos atores sociais colocam "aqui todos se conhecem, todos são iguais", temos uma fala que oculta diferenças, pois há participação desigual nas condições sociais de produção. Porém, a diferença reduzida pela utilização dos recursos familiares no cotidiano, produz uma "aparente não-desigualdade de destinos"134.

Torna-se difícil a identificação de dominação devido às realizações solidárias de trabalho ocorrerem paralelamente num contexto de trocas sociais sedimentadas na reciprocidade.

---

132- Ibid., p. 64

133- RASIA (op. cit., p. 125)

134- BRANDÃO (85b, p. 122) dá alguns exemplos desse aspecto. "Nos giros da Folia do Divino um fazendeiro branco obedece às ordens de um rezador negro e camarada; nas noites de sábado, fazendeiros, sitiante, agregados e camaradas jogam juntos o truco no mesmo bar e, nos forrós, todos dançam com todos, indistintamente"

Isso motiva a pensar o "nós" em oposição aos "de fora" (não só os que chegam, como os que já estão lá - "os ricos que vieram um dia", "as pessoas diferentes").

Mesmo nas festas, motivo do tema do próximo capítulo, quando parentes já há muito tempo residindo em outra cidade, vêm para participar, são denominados "daqui", sendo que um proprietário de chácara para lazer, vindo todos os finais de semana, será considerado "de fora".

Temos, portanto, ainda em Joaquim Egídio, uma vida rural, mesmo estando tão próxima de um grande centro urbano e certas relações de parentesco e amizade bastante próximas de uma moral camponesa, juntam-se a outros fatores já comentados, colaborando para a estabilidade do quadro social. Os colonos ainda conservam uma lógica permeada por valores tradicionais rurais voltados para a terra, o trabalho e a família. Ainda são encontrados os colonos da festa, da viola e das histórias da terra.

A festa, em especial a festa de santo, identifica o mundo rural, com suas crenças e costumes, traduzindo um saber e um aprendizado do grupo social, do qual ela pertence.

As relações entre o comer, dançar, o rezar, revelam um aspecto da vida, que embora não tendo relação direta com determinada produção, associa-se com o trabalho, que assim como a festa, constitui um tempo de família.

Um modo de entender a vida e se comunicar entre os homens... Talvez esse seja o sentido das festas que analisaremos adiante.

### **CAPÍTULO III**

### 3 - AS FESTAS

"Iguais ou diferentes, irmanados ou em conflito, que na festa e no folguedo os homens aprendam a trocar com excesso seus bens, serviços e significados. Em nome de deuses, de antepassados e heróis, mas também em nome de pássaros, flores e desejos, que eles se troquem na festa com maior fervor e uma acentuada sabedoria"

(BRANDÃO 89, p.17)

Após nos situarmos no local pesquisado e termos analisado as relações sociais em torno das atividades que compõem o núcleo desse estudo, prosseguiremos no sentido de investigar especificamente uma atividade através da qual percebeu-se uma dedicação bastante especial pela população: as festas.

Neste capítulo enfocarei algumas festas realizadas no local estudado durante o ano da pesquisa. Serão analisadas basicamente três festas com características diferenciadas: uma

com caráter mais sagrado (festa de São Joaquim e São Roque), outra com caráter sagrado-profano (festas juninas) e finalmente, a última, com um caráter essencialmente profano (festa da primavera)<sup>1</sup>.

Porém, estamos atentos ao fato de que esses dois mundos (sagrado e profano) "definem-se rigorosamente um pelo outro. Excluem-se e supõem-se"<sup>2</sup>.

Assim, temos por exemplo o caso de um homem ordinariamente profano, podendo tornar-se sagrado quando se torna nosso hóspede; um ministro pode ter um grau ou tipo de sacralidade diante dos olhos do povo e outro diante do presidente<sup>3</sup>. Poderíamos afirmar, de forma generalizada que as festas possuem uma dimensão de sacralidade pela identidade gerada através da comunhão.

---

1 - Quanto aos termos sagrado e profano, vamos especificá-los como "duas modalidades de ser no mundo: tudo o que é objeto de interdição é Sagrado, ao passo que o Profano é aquilo a que estas interdições se aplicam", baseando-nos em RODRIGUES (86, pp. 24-25). Porém o autor mostra a complexidade de expressar a idéia do sagrado, na integralidade de seu sentido e propõe a terminologia de RADCLIFFE-BROWN (relação ritual e atitude ritual), onde a sacralidade não é centrada no objeto sagrado, mas na atitude, na relação.

2 - CAILLOIS (88, p. 19)

3 - RODRIGUES (op.cit., p.26)

A passagem da atividade sagrada à vida profana representa, segundo CAILLOIS, um alívio semelhante à passagem das preocupações e vicissitudes da vida profana ao clima do jogo. Em ambos os casos, escreve o autor, "a conduta ganha um novo grau de liberdade: sabe-se aliás que as idéias de livre e de profano são exprimidas por uma mesma palavra em muitas linguas"<sup>4</sup>.

A festa apresenta-se como acontecimento "engendrado pela confluência de uma multiplicidade de fatores, às vezes contraditórios"<sup>5</sup>, portanto não se constituindo num campo autônomo, mas numa manifestação social, envolvendo uma dramatização, dialogando com outras esferas e representações da vida social.

A categoria festa está sendo desenvolvida aqui como atividade que corriqueiramente leva essa definição, bem como na "atitude" e "comportamento" expressos pelas pessoas através de atividades constituintes do evento. O termo "festa", percebido no seu sentido mais estrutural, pode ser empregado além da acepção original ligada diretamente ao acontecimento, ou seja, "em toda ocasião em que o preponderante coincida com esta oportunidade de distração e alargamento das fronteiras"<sup>6</sup>

Nesse sentido, DUVIGNAUD nos apresenta um

---

4 - CAILLOIS (88, p. 159)

5 - SOARES (81, p. 152)

6 - PRADO (77, p. 84)

Posicionamento diferente, pois para o autor, a vida em família, passeios de domingo, noitadas prolongadas, férias, o flerte, não são festa, pois pertencem ao mundo instituído e reconhecido<sup>7</sup>.

Quanto ao assunto "férias", CAILLOIS difere-as da festa, pois apesar de tratar-se "de um tempo de dispêndio de livre atividade, de interrupção do trabalho regulado, é uma fase de repouso e não de paroxismo. Os valores encontram-se completamente invertidos: num caso, cada qual parte para seu lado, no outro se reúnem no mesmo ponto. As férias aparecem como um vazio, pelo menos como abrandamento da atividade social"<sup>8</sup>

Como categoria sociológica, mostra-se como um conceito que "pretende dar conta daquilo que uma sociedade pensa e assim institui como seu código de valores e de idéias: sua cosmologia e seu sistema classificatório; e também para traduzir aquilo que a sociedade vive e faz concretamente - o seu sistema de ação que é referido e embebido nos seus valores"<sup>9</sup>.

A festa mostra nosso desejo de conhecer muito mais dos homens e do mundo, do que a vida sem ela nos proporciona e, dessa forma, deixa transparecer uma ação pedagógica. Ação pedagógica partindo da realidade das pessoas, dos seus conhecimentos e experiências, possibilitando a partir daí a construção de um novo

---

7 - DUVIGNAUD (83, p. 194)

8 - CAILLOIS (88, p. 124)

9 - DA MATTA (87, p. 15)

saber, sempre numa perspectiva de desenvolvimento cultural e conhecimento crítico da realidade. No mesmo sentido, ela quer lembrar, é memória daquilo que se esquece fora dela (e não deveria ser esquecido). Séria e necessária, como escreve BRANDÃO, "a festa apenas quer brincar com os sentidos, o sentido e o sentimento. E não existe nada de mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto"<sup>10</sup>.

Seu saber implícito relaciona-se à aprendizagem da aparência do ethos de uma cultura e de certa sensibilidade "soletrados num texto coletivo"<sup>11</sup> através das atividades de comer, dançar, rezar, enfim, "festar". Traduz uma memória simbólica expressa através do processo "pelo qual o homem não só repete sua experiência passada, mas a reconstrói"<sup>12</sup>.

Reproduzindo simbolicamente e de modo simplificado a sociedade na qual a festa surgiu, esta possibilita uma "pedagogia social", necessária e oportuna<sup>13</sup>, ou seja, um modo de conhecer a sociedade na qual se insere e suas representações, conduzindo a determinadas práticas sociais, concomitantemente essas últimas reformulando as representações.

Durante o evento, constata-se situações pedagógicas de

---

10 - BRANDÃO (89, p. 17)

11 - Termo utilizado por GEERTZ (op. cit.)

12 - CASSIRER (77, p. 90)

13 - BRANDÃO (74, p. 22)

reprodução da ordem social e determinadas legitimações, apontadas pelas indicações de quem faz o quê e em que momento, possibilitando indícios de como a sociedade se legitima e se institui<sup>14</sup>.

Concordamos então com RIBEIRO sobre a festa ser "apenas uma dentre as inúmeras 'escolas' do povo"<sup>15</sup>. Ela encerra uma educação informal, pois incorpora elementos surgidos do horizonte interpretativo da sociedade. Pode se constituir numa educação não-formal quando se integrar com agências de educação popular, onde sua historicidade, participação na sociedade, e papel político articulador de forças antagônicas (revelando-se através dos diversos interesses), se revelarão de forma mais consciente.

Especificamente, uma dessas festas estudadas aqui (São Joaquim e São Roque) está ligada a uma tradição voltada para valores peculiares permeadores da vida local (religião, relações de parentesco, vizinhança), os quais ganham concretude através desse evento expressivo das relações sociais da localidade e de determinada visão de funcionamento da sociedade, motivações e disposições, ou seja, seu "ethos". Momentos de intensa solidariedade traduzidos pela rede das relações humanas repentinamente enriquecidas, onde a existência reencontra a sua energia e pode fluir de maneira criativa.

---

14 - Ibid., p.24

15 - RIBEIRO JR (82, p. 37)

Portanto, não encerra, numa visão reduzida e unilateral, somente razões de ordem econômica e de sobrevivência.

Algumas abordagens justificam as festas como reposição da força de trabalho, ou válvula de escape do trabalho alienante e desgastante; outras através de uma "interpretação mais vulgar ainda" como diz BAKTHIN, "da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico"<sup>16</sup>.

Aqui cabe a crítica de DUVIGNAUD a GEORGES BATAILLE, ROGER CAILLOIS e HUIZINGA sobre suas análises das atividades lúdico-festivas revelarem-se inspiradas pela mentalidade da rentabilidade e lança a questão: "O 'desperdício' a que aludem não reportar-se-ia a uma lógica da economia e da rentabilidade?"<sup>17</sup>.

A crítica de DUVIGNAUD alerta no sentido dos autores terem instrumentalizado a festa, desviando a análise dela própria e do seu significado, ou seja, forma marcante da civilização humana, transmitindo uma visão de mundo através do seu conteúdo, vindo dos ideais, muito além da vida corrente. Carregam um elemento a mais, como observa BAKTHIN - "a do espírito e das idéias"<sup>18</sup>.

Já comentamos anteriormente a possibilidade das festas

---

16 - BAKTHIN (87,p.8)

17 - DUVIGNAUD (83, p.23)

18 - BAKTHIN (op.cit., p.8)

locais representarem aquilo que essa comunidade pesquisada repele (a desordem, o tumulto) e através da qual ela faz-se significar a si própria, ou seja, por oposição, exprime-se positivamente através do que rejeita.

Temos um caráter de ambiguidade, pois ao mesmo tempo apresenta uma dilatação e uma tensão<sup>19</sup>; o último construindo-se dentro e a partir daquele (possibilidade de brigas e desavenças), pois a tensão está articulada à relaxação das regras sociais proporcionada pela situação festiva. Igualmente, a ambiguidade revela-se no caráter simbólico, pois concomitantemente representa solidariedade, comunitarismo (um ethos coletivista e expresso no amor às festas, às brincadeiras, à convivência fraterna), como desigualdades (acessos de diferentes grupos à comida e bebida, vestimentas mais e menos utilizadas).

Fundamentalmente, representa a transgressão, a inversão da ordem, não pela ruptura com a rotina, mas pela sua posse, excedendo sua lógica<sup>20</sup>. O ritual unifica as polaridades entre o sagrado e o profano, o feminino e o masculino, a devoção e a diversão, a restrição e a permissividade<sup>21</sup>.

Em relação a essa questão, DUVIGNAUD novamente posiciona-se criticamente em relação a CAILLOIS e BATAILLE, na

---

19 - PRADO (77, p. 82)

20 - BRANDÃO (89, p. 9)

21 - Ibid, p. 18

observação de que o "desregramento" ou a "transgressão" observadas por eles na festa não significam divergência, mas ruptura, questionando "se é possível compreender e analisar fatos que não se deduzem da vida social ou, a partir do coletivo, de entender o não social"<sup>22</sup>.

Essa exceção da lógica é garantida pela volta ao controle das coisas, à rotina diária, não representando uma ameaça, pela certeza da volta à vida tranquila que tanto preservam.

Tomando como preliminares essas considerações, vamos usufruir um pouco do que as festas nos oferecem, ou seja, bebida, comida, dança, atrelados ao desejo implícito provocado por elas, de ver e lutar por um mundo mais lúdico.

## 1. Festas Juninas

As festas juninas do meio rural (cuja ocorrência nas cidades é bastante presente no mês de junho) manifestam-se por sua ligação com o todo, englobando vários domínios, como já comentado.

São festas religiosas enquanto manifestação de religiosidade popular, ao mesmo tempo, profanas, envolvendo manifestações não religiosas, como as danças, os jogos e as comidas (com ausência de grandes reverências aos santos correspondentes).

Discutindo sobre o conteúdo dessas festas, IANNI

---

22 - DUVIGNAUD (op. cit., p. 74)

introduz a possibilidade de estar presente "uma manifestação autêntica do povo, no sentido de uma população rural que produziu, ao longo do tempo, assimilando inclusive influências portuguesas, toda uma sabedoria das coisas, toda uma maneira de explicar o seu relacionamento entre si, com a natureza, com Deus e com o Diabo"<sup>23</sup>.

Numa festa junina da qual participei, no terreiro de café, numa das fazendas pesquisadas, fui avisada antecipadamente, pelo administrador, que esta teria horário para início (20:00) e término (1:00).

A presença de mecanismos de controle não aparece somente em relação a horários, datas, solenidades de abertura e encerramento, como através de agentes específicos. Nas festas, em geral, eles tomam forma determinada: em algumas, são exercidos na maior parte pela Igreja, através dos padres, em outras, pelos "da festa" (festeiro ou grupo responsável pela organização) e em certas ocasiões por agentes civis (prefeito, delegado, professores, profissionais atrelados ao turismo e outros).

A sociedade "se permite" a uma entrega no ritual (sociedade representada), consciente de ser apenas uma passagem, após a garantia da volta à rotina (sociedade realizada), e ao

---

23 - IANNI (84, p. 136)

controle da ordem<sup>24</sup>.

Observando a preparação e a organização dessa festa no terreiro, constatei a presença dos trabalhadores rurais locais realizando várias tarefas como colocação das bandeirinhas (confeccionadas pelas crianças na escola da fazenda), alguns homens levantando barracas, outros colocando fios para iluminação.

O comando das atividades era realizado pela mulher do administrador, também zeladora da escola da fazenda. Explicou ser a festa para os trabalhadores daquela fazenda, alguns parentes e amigos de Joaquim Egídio. O proprietário também estaria presente e o desembolso financeiro ficaria a seu cargo, sem cobrar nada dos participantes.

Nessa fazenda, residiam vinte e duas famílias, totalizando aproximadamente cem pessoas.

Os próprios colonos trabalhavam nas barracas, realizando uma divisão de trabalho entre os sexos: como no ano passado as mulheres haviam trabalhado nas barracas, este ano a situação se inverteria, com os homens agora assumindo essa tarefa.

---

24 - BRANDÃO (74, p. 23) compara o carnaval com as festas religiosas do Brasil Central e conclui: "Em ambos os casos, o povo finge ser o que não é e finge brincar de não ser o que é, no 'tempo da rotina'".

é o segundo ano da festa junina realizada pelo atual proprietário, também realizada há alguns anos pelo anterior. Nesta situação, é percebida a substituição da figura tradicional do "festeiro" pelo patrão assumindo o papel de controlador da situação.

Um dos trabalhadores fez uma observação sobre as aquisições de fazendas pelo seu patrão, cujo objetivo é atingir um milhão de pés de café. Caracterizou o patrão de "muito bacana", diferente do antigo dono que "andava com guarda-costas e era esquisito".

Numa barraca já levantada, as crianças (algumas estudam na escola da fazenda até a 4a. série e outras são levadas diariamente para estudar, com transporte da fazenda, em Sousas) realizavam um jogo dramático de compra e venda de produtos alimentícios. Outro grupo brincava, cobrindo-se com palha esparramada na terra, sob o pau de sebo, outros realizavam um jogo de provocação e zombaria, uns correndo dos outros.

Neste cenário, constatou-se o grau de variedade de atividades envolvendo elementos criados pelas próprias crianças com organização e iniciativa internas. O terreiro tornou-se subitamente, por entre os materiais destinados à festa, uma espécie de parque para as crianças.

O educador quando atento à possibilidade de exploração desse saber infantil, percebe a riqueza da situação, nunca encontrada em qualquer manual de jogos e brincadeiras, mas na própria relação das crianças com a vida e com o momento vivido, expressos na representação simbólica de suas realizações.

As crianças da escola, durante a festa, dançaram quadrilha e aconteceu o casamento "caipira". Alguns outros jogos foram realizados: corrida de saco, corrida de colher, pau de sebo, morder a maçã dependurada.

Na noite da festa, barracas de melancia, mandioca, doces, canjica, quentão, suco, faziam parte do cenário. Num canto estava um carrinho de pipoca trazido da cidade. O acesso às barracas de comidas e bebidas era livre. Enquanto uma grande fogueira queimava, um conjunto "caipira" tocava num galpão aberto.

Durante o forró, muita gente dançava: homem com mulher, mulher com mulher e mulher com criança. Porém, somente as mulheres mais moças dançavam. As senhoras ficavam sentadas, olhando ou conversando, rindo, mas não dançavam. Esse fato nos faz retomar BRANDÃO na sua análise sobre essa exceção. Coloca o autor que "a moça camponesa ainda pode dançar, mas a 'mulher' nunca - enquanto os homens podem ser francamente dionisiacos, sem o que o modo, não raro grosseiro e ostensivamente 'macho' de fazer sua parte da festa católica, em nada seja condenado, desde que realizado no momento certo e com o repertório adequado de gestos coletivos e falas"<sup>25</sup> e prossegue, concluindo: "... aos homens se permite jogar com todo o corpo nos ritos da festa, às mulheres se obriga que virtualmente contenham o corpo e falem

---

25 - BRANDÃO (89, p. 141)

apenas através da fala e do olhar"<sup>26</sup>.

Nesses momentos de dança, a festa parece adquirir um caráter mais criativo, e essa criatividade provém do âmbito das formas que reveste no curso da sua manifestação. Isso não ocorre necessariamente sempre. Acontece quando o espontâneo se organiza e este não surge simplesmente de um impulso no vazio. Ao contrário, como expõe SOARES, "emerge por pressão de móveis diversos e articulados no interior das redes sociais, das estruturas. Estas, por sua vez, não devem ser vistas como exteriores aos movimentos e às iniciativas criativas, mas como momentos internos à dinâmica dos próprios impulsos"<sup>27</sup>.

Num determinado momento, por volta das 23:00, o mastro foi levantado e fogos foram distribuídos para todos aqueles interessados em soltá-los.

Alguns trabalhadores de meia idade entrevistados, lembraram-se das festas juninas do passado nas fazendas, apontando diferenças. Segundo esses depoimentos, havia a reza e após, reuniam-se na casa das famílias para tomar quentão e fazer pipoca. No dia 23 de junho, faziam fogueira e perto da meia noite (véspera do dia de São João), após passarem cinza nas plantas dos pés, andavam sobre a brasa espalhada (como sinal de fé). Aproveitavam a brasa para fazer pipoca e amendoim torrado.

---

26 - Idem

27 - SOARES (op. cit., p. 226)

Depois, levantavam o mastro, um sanfoneiro tocava e a dança começava.

O carpinteiro da fazenda, igualmente mostrou diferenças, dizendo não haver antes aquelas piadas contadas pelo conjunto de música ao microfone. Na sua opinião, "isso é bobagem pois ninguém presta atenção. A festa era menor, com menos gente".

Nota-se portanto, uma reorganização social em torno do evento, devido a muitos fatores. Uma das causas poderia ser identificada nas transformações ocorridas na estrutura produtiva da sociedade, levando a alterações nas relações sociais no campo<sup>28</sup> (já comentamos isso anteriormente), surgindo uma nova ordem, alterando a organização simbólica com conflitos gerados entre "novos" e "antigos" valores.

As mudanças são notadas na estrutura, ao nível da forma e organização, como o uso de instrumentos sonoros diferenciados (uso de guitarras, violões elétricos), equipamentos não mais produzidos artesanalmente (um senhor acusou a "sofisticação" do carrinho de pipoca alugado na cidade) e na realização de jogos e brincadeiras (não se anda mais em cima da brasa e, raramente,

---

28 - MORIGI (88, p. 3)

pula-se fogueira)<sup>29</sup>. Ao nível da disposição espacial, observam-se alterações no local (uma festa tipicamente rural, amplamente desenvolvida na cidade), e na decoração (as bandeirinhas continuam, mas as flores de São João são raras).

Alterações no "espírito da festa"<sup>30</sup> indicam outra época. É comum ouvir a opinião sobre o interesse económico permeando as atividades da festa, com todo um comércio desenvolvido para tal objetivo. Hoje em dia, comentam as pessoas, "tudo é vendido". Porém, mais sagrada ou mais profana, a festa conspira não somente contra o trabalho produtivo instituído pela economia e a ordem social advinda daí, como também contra a casa e seu domínio<sup>31</sup>.

No meio rural, o "comércio da festa" não se mostra tão desenvolvido e explorado quanto na zona urbana<sup>32</sup>. Mesmo assim,

---

29 - Em trabalho anterior, mostrei como era comum, durante a Idade Média, nas festas europeias, o costume de pular fogueira, acesas com maior intensidade no solstício de verão. Deveriam ser realizados sete saltos seguidos, os quais eram considerados prevenção contra cólicas, preservação da saúde dos olhos e prevenção contra dores nas costas na época da colheita (BRUHNS 86, p. 74).

30 - MORIGI (op. cit., p. 18)

31 - BRANDÃO (89, p. 14)

32- No passado, o espírito da festa" possuía, como escreve MORIGI (op. cit.), "toda uma magia, todo um encantamento que se perdem no tempo, pois eram outras as regras e princípios que regiam a vida em sociedade" (p. 18)

sua finalidade primordial, a reunião do grupo social envolvido, revela-se disseminada, pois o comércio torna-se cada vez mais presente, como também outras formas de lazer. Apesar dessa concorrência, a festa camponesa ainda expressa a identidade desse grupo, com valores dessa cultura.

Para os mais jovens (principalmente aqueles que saem para trabalhar na cidade grande), tudo o que vem de fora, interessa mais, e tudo é melhor "fora daqui", tradução da não aceitação, muitas vezes, dos valores internos permeadores de uma estrutura familiar rígida e bastante delimitada quanto aos domínios masculino e feminino.

Temos então, um palco de conflitos de gerações entre valores "novos" e "velhos", entre a manutenção de algumas formas e as novas que chegam, trazidas pelos "filhos do lugar", os quais conhecem outras formas de lazer sedimentadas pelos meios de comunicação de massa (música "rock", "punk", estilos de se vestir, lambada - espetáculo e outros). Um espaço onde o "tradicional" e o "moderno" se mesclam. As formas do "velho", do "antigamente", não só sobrevivem, como se articulam e mantêm vínculos com o "novo". O termo adequado para esse processo, expõe MORIGI, "chama-se bricolagem, que com fragmentos de diferentes épocas e origens elabora um novo arranjo onde são visíveis as marcas das antigas matrizes e de algumas de suas regras"<sup>33</sup>.

---

33 - MORIGI (op.cit., p. 23)

A tradição e o apego a ela (não significando ausência de modernização), pode-se constituir num meio de sobreviver às grandes mudanças, às vezes desmanteladoras de uma ordem social sustentada por certos costumes e valores.

O tradicional constitui-se na força para continuar existindo, e serve de ataques por outras camadas da população, levando os rótulos de "atrasado", "ingênuo", "pobre". Percebe-se pois que "...um conceito vazio de tradição e tradicional faz parte do repertório burguês de explicação da sociedade"<sup>34</sup>. Fato este servindo inclusive para justificar a introdução de ideologias "necessárias" para legitimação do poder, "promotoras do avanço", "modernidade", "desenvolvimento", abrindo as mais diversas brechas para todo tipo de exploração econômica, política, etc.

O administrador de outra fazenda expressou sua crítica à grande festa comentada, promovida pelo proprietário. Argumentando que antes não era assim, diferenciou a situação na qual tudo parte do patrão, "de cima", não da manifestação e iniciativa das pessoas. Dessa forma, não achava a festa

---

34 - Fala de BRANDÃO (81, p. 247), esclarecendo o tradicional na crença e na prática de rezas e danças, dos atores sociais que os elaboram:.. "é justamente o atual do que fazem e a garantia da atualidade de sua prática ritual-religiosa"

tradicional<sup>35</sup>. Tempos atrás, declarou que houve tentativa de realização de uma festa na fazenda onde estava trabalhando, porém "ninguém cooperou, então fica difícil a realização da festa".

Duas outras fazendas foram visitadas durante o mês de junho, quando essas festas costumam acontecer, e numa delas, os trabalhadores, após assistirem à missa, reuniram-se todos na casa de um deles para tomar quentão e conversar. Na outra, levantaram o mastro e se reuniram na casa de outro trabalhador.

Nas vésperas da festa junina da cidade, a Igreja promoveu um bingo para arrecadar dinheiro. O prêmio seria parte do dinheiro pago pelas cartelas (outra parte ficava para a Igreja); as crianças podiam participar até as 22:00.

Retomando, agora sob outro ângulo, a discussão já empreendida sobre a relação jogo e dinheiro, observamos a permissividade às crianças, de jogarem a dinheiro, contrariando a fala de que a polícia "prende porque é proibido". Porém, agora, temos uma situação na qual o jogo é realizado sob a produção do Sagrado, retirando o caráter de perversidade ou elemento pernicioso, ainda mais quando parte da soma envolvida é destinada ao santo.

A festa junina de Joaquim Egídio realiza-se na rua da praça, em frente à Igreja. Em 1988, foi realizada e promovida

---

35 - O tradicional no caso parece estar sendo empregado como significando participação da população no evento.

pela Secretaria Municipal de Cultura, quando ocorreu, paralelamente, a inauguração do casarão destinado a abrigar a sub-prefeitura, e o local para promoção de eventos (exposições, filmes)

Algumas barracas de jogos estavam montadas na rua da festa. Uma delas com roleta, onde as apostas eram realizadas, não em número, mas em nomes de times de futebol. Outra apresentava um jogo de argolas, onde deveria se acertar um cachorro de porcelana colocado em cima de uma caixa. Em outra, foram colocados dois pinos de madeira, para serem derrubados com uma bola de "boccia".

Esses jogos podem representar a possibilidade das pessoas se "colocarem em jogo" no sentido de "correr riscos", "entregar-se ao desafio", formas de comportamento diverso da rotina diária, onde devem acatar o "jogo da vida" e seguir suas regras, com as quais nem sempre concordam ou acreditam.

Além disso, todas as formas de jogo, exijam ou não conhecimentos específicos, são emocionantes, constituindo um desafio à sorte. Segundo HOGGART<sup>36</sup>, "o jogo está não tanto em ganhar, mas em correr o risco de ganhar ou perder".

A população envolvida com maior frequência nesses tipos de jogos pertence à classe menos favorecida (o que pôde ser observado), a qual parece se dispor, com maior frequência, a

---

36 - HOGGART (73, p. 165). No trabalho "A dinâmica lúdica", já havíamos alertado para esse elemento do jogo - o risco.

apostas e jogos de azar. Isso pode ser consequência da própria situação de vida, da necessidade de "aguentar", e, ao mesmo tempo da perda de esperanças quanto a uma vida mais digna conquistada por esforço gradual; daí "o desejo de adquirir sem dar nada em troca"<sup>37</sup>.

Frente a um cotidiano, onde muitas vezes a carência e a opressão constituem fenômenos bastante familiares, a festa se apresenta como um contraste de excesso e liberdade, inserida numa dialética sócio-cultural, apresentando-se como chegada de carências e aspirações<sup>38</sup>.

Numa vida situada entre a resignação e a esperança, a festa parece aproximar as pessoas desta última, no sentido da descoberta de um mundo menos sofrido. Porém, esse mundo deve ser conquistado e para isso é necessária uma tarefa política. Esse pode ser um dos grandes aprendizados implícitos nesse evento.

Barracas de camelô vendendo desde espelho, bijouterias, enfeites, relógio, até ioiô de papel, espalhavam-se pela rua. Outras vendiam churrasco, quentão, cachorro quente, pastel, doces, cerveja, refrigerantes, batidas, etc.

Na decoração das barracas, havia bandeirinhas e galhos de bambus. Não havia fogueira na festa. A música era produzida por um som estridente vindo de uma espécie de trio-elétrico, com

---

37 - Idem

38 - NOEL RIBEIRO JR (82, p. 12)

aparelhagem eletrônica.

é cômico observar, em algumas festas juninas realizadas nos centros urbanos, a presença de uma pseudo-fogueira, construída com alguns troncos, entremeados com papel celofane vermelho, e no meio algumas lâmpadas acesas, na tentativa de imitar o fogo.

Retornando a Joaquim Egídio, integrantes da localidade (crianças, jovens, casais) participaram da quadrilha, cujo grupo representava a comunidade local e não uma instituição particular (Escola, clube, etc.). A participação foi aberta e, minutos antes da apresentação, ensaiaram no galpão, ao lado do casarão.

Terminada a quadrilha, os jovens não quiseram permanecer a caráter, principalmente as moças sentiam-se envergonhadas por trajarem "vestimentas de caipira", retornando às suas casas para trocar de roupa.

O traje de "caipira", num local ainda rural, vem reforçar o significado da nomenclatura dirigida ao "nós" pelos "de fora". Isso incomoda os jovens, para os quais, como já vimos, tudo o que vem de fora, interessa mais, e tudo é melhor "fora daqui", por um contacto maior com os modismos expostos pelos meios de comunicação de massa e pela susceptibilidade advinda daí, numa aceitação (nem sempre passiva, pois o corpo humano não é um mero receptor de mensagens, existindo com seus desejos e sua fome)<sup>39</sup> de vestimentas, corportamentos, músicas e outros,

---

39 - DUVIGNAUD (83, p. 101)

atrelados aos valores do "progresso" (diga-se também comércio), em oposição ao "atrasado" (justificativa para muitas explorações, como vimos).

Ao contrário, os mais adultos e os de meia idade (na maioria homens) mostraram o desejo em expor o traje típico da zona rural, com grandes chapéus, peixeira ou canivete na cintura, lenços amarrados no pescoço, botas de cano longo (não seria mais próximo do vaqueiro americano?). Demonstraram orgulho por estarem trajando uma roupa que os identificava como sendo do lugar, do trabalho na terra onde possuíam residência onde era igual (ou supostamente igual) ao amigo, parente ou vizinho.

No almoço de domingo (a festa havia se iniciado na sexta à noite), o movimento era intenso nas barracas de comida, bebidas e mesas localizadas debaixo das árvores e galpões de lona construídos para tal finalidade, com maior concentração nas barracas de churrasco, cerveja e refrigerantes. Muitos esperavam com grande expectativa o forró programado para acontecer à noite, com um conjunto composto por sanfoneiros, quando se daria a grande animação, segundo alguns, com muita dança. Estavam aguardando a "festa" da festa, o momento do encontro mais próximo entre as pessoas, quando, talvez desejos contidos pudessem aflorar com menos repressão, como o desejo da conquista, antes limitado a simples troca de olhares, ou desejo de se relacionar através da dança, numa comunicação por meio do próprio corpo.

Essa festa junina, pelos depoimentos prestados, é organizada pela diretoria do galpão, a qual administra a arrecadação para promoção de eventos (bailes, festas, teatros,

filmes).

Na programação paralela, realizada pela Secretaria da Cultura, aconteceu a inauguração do casarão. A maior parte das salas encontrava-se vazia. Pinturas realizadas por um residente de nacionalidade americana estavam expostas, como algumas fotos antigas da cidade de Campinas. Nada que representasse a cultura local. No casarão, o vazio; fora, a venda e apresentação de artesanatos em barracas. Seria a separação entre o popular e o erudito? O casarão como símbolo do muro, da separação. Dentro, apenas contemplação destituída da expressão de valores locais. Fora, a vida acontecia entre a música, os jogos, a bebida.

Houve também na programação paralela, no domingo, a apresentação da Orquestra Sinfônica de Campinas, no campo de futebol, com aproximadamente 300 pessoas assistindo, terminando com um mesclado de sambas e frevos, com quase todos dançando no gramado. Nessas articulações da festa com o político, ocorre tanto a possibilidade da promoção do novo, como uma legitimação da ordem dominante. As alternativas então podem evoluir com contaminações de idéias, contribuindo para a manutenção de uma ordem social injusta.

Devemos considerar aqui a dificuldade da oposição dogmática entre atuação ritualizada e formas de comportamento exclusivamente políticas, econômicas, como expõe SOARES. Prossegue o autor na argumentação de que "essa distinção só teria sentido se dispuséssemos de uma teoria convincente da especificidade do ritual. Ou vendo a questão pelo ângulo inverso, se dispuséssemos de uma teoria rigorosa da especificidade

irredutível do econômico e do político"<sup>40</sup>.

Nesse momento, poderíamos introduzir a discussão sobre a diferença entre a festa oficial e a não-oficial.

No meio rural, as festas cívicas raramente são comemoradas (às vezes à escola da fazenda promove alguma manifestação entre as crianças) sendo às vezes ignoradas. Esse fato pode ser explicado pela possível pouca importância atribuída a essas datas como ritual de inclusão, onde o sistema é visto como uma totalidade. As outras festas revitalizam o cosmos, buscando unificação dos opostos na sociedade, mobilizando-a e/ou transformando-a.

Na busca dessa caracterização, podemos nos reportar a RIBEIRO JR. quando o autor expõe duas possibilidades da festa: a "festa-para-o-povo" e a "festa-do-povo". Na primeira, o povo comparece em massa, atribuindo-lhe um papel passivo (nem sempre aceito) de "atribuidor mecânico de homenagens". Nessas ocasiões "sua cultura é pasteurizada". Na segunda, o povo é dono da "sua" festa, expressando-se livremente, onde sua "condição de oprimido é trabalhada pedagogicamente e são anunciadas possibilidades de uma vida que ainda não existe"<sup>41</sup>. Obviamente, não se constitui

---

40 - SOARES (op.cit., p. 150)

41 - RIBEIRO JR. (82, pp.42-43)

num espaço livre de interesses estranhos a ela, como já comentado anteriormente.

A festa oficial apresenta a possibilidade, como mostra DUVIGNAUD, do controle sobre a forma, mas certamente não sobre o conteúdo, e exemplifica com um desfile oficial onde havia "uma monotonia que gerava uma espécie de torpor irritante"<sup>42</sup>.

As oficiais mantêm as regras que conduzem a vida: tabus religiosos, políticos e morais, valores dominantes privilegiadores de determinada classe, etc., com destaque intencional dos personagens que carregam títulos, insígnias, etc, ocupando lugar determinado reservado a eles.

Nas não-oficiais, a quebra das hierarquias, às vezes, é notória. Há uma alteração entre papéis estabelecidos no cotidiano e uma convivência mais próxima entre pessoas.

Nesse sentido, BAKHTIN discutindo sobre a cultura popular na Idade Média e Renascimento, posiciona a festa oficial: "...era o triunfo da verdade pré-fabricada, vitoriosa, dominante, que assumia a aparência de uma verdade eterna, imutável e peremptória (...) o princípio cômico lhe era estranho (...) Essa festa tinha por finalidade a consagração da

---

42 - DUVIGNAUD (83, p. 117)

desigualdade"<sup>43</sup>. Nas festas oficiais, as posições sociais são claramente definidas (há uma nítida separação entre "povo" e "autoridade", conduzindo a uma visão de cosmos super-ordenado), com o poder e a autoridade concentrando-se e reafirmando-se através de símbolos de máxima evidência.<sup>44</sup>

A festa quer lembrar, ela é memória. Talvez o melhor exemplo para tradução disso no local pesquisado, seja a festa para o santo, do qual a cidade leva o nome: São Joaquim.

## 2 - A FESTA DE SÃO JOAQUIM E SÃO ROQUE

Sob o título "Joaquim Egídio faz festa para seus padroeiros"<sup>45</sup>, o Jornal de Domingo anunciou a comemoração do dia dos padroeiros do sub-distrito. Essa festa, que acontece há mais de 30 anos, teve, como membro de sua primeira comissão, Joaquim Egídio de Sousa Aranha, e tinha como objetivo principal, angariar fundos para a construção da capela.

---

43 - BAKTHIN (87, pp. 8-9)

44 - BRANDÃO (74, p. 156)

45 - Jornal de Domingo 19/08/90

Atualmente, concretizada essa construção, a festa passou a fazer parte do calendário cultural de Campinas.

Diferentemente de outras pesquisadas, ela não possui relações estritas com o tempo do dinheiro (verão, seca, festas) e tempo de escassez (inverno, chuvas, falta de dinheiro), existentes, por exemplo, na festa de São Sebastião, na baixada maranhense<sup>46</sup>.

Talvez, a única relação com o "tempo de dinheiro" da população refira-se à data oficial do pagamento de salários, como argumentou um morador, indicando ser costume realizar a festa no início de agosto, porque "as pessoas têm mais dinheiro proveniente do pagamento por volta do dia 10". A festa sempre acontece por volta do dia 15 de agosto e esta data não coincide com o dia de São Joaquim que é o dia 26 de julho.

Essa festa é realizada, como a festa junina, em frente à praça na rua da Igreja, no centro do subdistrito.

Abrindo parênteses, vamos nos deter brevemente sobre o significado, do centro. Essa necessidade derivou da percepção do significado marcante que tem o centro para o local. Como espaço de encontro, representa a possibilidade da segurança, a possibilidade de discutir idéias e expressar desavenças, como também a busca da identidade, através do grupo a que se pertence.

---

46 - Festa essa pesquisada por PRADO (77)

A concepção de centro é desenvolvida nas teorias de ELIADE E CAILLOIS, apontando uma relação com o sagrado. O segundo autor, referindo-se a HERTZ, escreve que "a comunidade vê-se a si mesma como que encerrada numa espécie de cerca imaginatória. No interior do círculo, tudo é luz, legalidade e harmonia, espaço referenciado, regulado, distribuído; ao meio, a Arca da Aliança ou o altar fizeram o foco material e ativo da santidade que irradia até à circunferência. Para além, estendem-se as trevas exteriores, o mundo das cidades e das armadilhas..."<sup>47</sup>. Fazendo uma analogia com a configuração das cidades modernas, mostra a percepção do valor em parte mítico<sup>48</sup>, em parte objetivo, desta disposição: no centro, sempre a presença das grandes catedrais ou igrejas, edifícios oficiais, teatros, museus e outros. Ao redor deste núcleo tranquilizador, uma cintura sombria de miséria é desenvolvida, percebendo-se a presença de ruas estreitas, mal iluminadas, onde se imagina reunidos os fora da lei.

---

47 - CAILLOIS (88, p.53)

48 - Estamos entendendo o mito como uma crença, cuja verificação ou negação não pode ser realizada pela evidência dos sentidos. Não podemos confundir o mito nem com a realidade objetiva, nem com a pura fantasia. Ele é, como escreve MORAIS (89, p.43), "um marco de vida que se finca entre a realidade em sentido próprio e a realidade em sentido hipotético".

Dessa forma, conclui o autor, "a oposição do puro e do impuro, passada do domínio religioso para o domínio laico, convertida na da lei e do crime, da vida honrada e da existência crapulosa, conservou a antiga topografia dos princípios místicos: o bem ao centro, o mal na periferia"<sup>49</sup>.

ELIADE situa o "centro" como a zona do sagrado por excelência, da "realidade absoluta". Do mesmo modo, prossegue o autor, "todos os outros símbolos da realidade absoluta (Árvores da Vida e da Imortalidade, Fonte da Juventude, etc.) encontram-se num centro". O acesso a ele corresponde a uma consagração, uma iniciação; "a uma existência, ontem profana e ilusória, sucede agora uma nova existência, real, duradoura e eficaz"<sup>50</sup>.

Uma festa de santo, na qual serão trocadas mensagens com este, costumeiramente é realizada perto ou em frente à Igreja (no centro), um espaço sagrado, "de respeito" como as pessoas dizem.

Por outro lado, temos HEERS, indicando na Idade Média, a utilização das igrejas, como os únicos espaços consagrados aos espetáculos. Afirma o autor "que foram os únicos lugares para jogos e representações, já que tinham desaparecido da paisagem urbana as pesadas massas dos circos e dos anfiteatros dos odeões e dos teatros antigos, das basílicas. E isto durante muito tempo,

---

49 - CAILLOIS (88, p. 53)

50 - ELIADE (s/d, pp. 32-33)

até surgirem, no século XVII e no seguinte, novos teatros"<sup>51</sup>.

Fechando parênteses e retornando à festa analisada, esta realiza-se em frente à igreja, no centro.

A igreja é parte integrante dessa comunidade, da vida local. Os moradores referem-se à "nossa igreja", e mesmo os não muito devotos, consideram as festas promovidas por ela como "nossa" e sempre frequentam-nas, como às atividades de caráter diverso (bingo, bazares e outros).

Essas festas de santo e a presença marcante da igreja desenvolvem uma educação religiosa, esta última refletindo não só a identidade da família com uma comunidade de fé, mas igualmente com certo valor definidor da condição de homem no mundo, sua relação com a transcendência e o próprio sentido da vida humana.

Sobre as transações financeiras, a arrecadação desse evento destina-se à Igreja (ou a São Joaquim como dizem). As barracas (de doces, bebidas, comércio de pequenos objetos) pagam o aluguel do solo para a comissão organizadora formada pelo padre, freira e mais seis casais da cidade, substituídos a cada dois anos.

Novamente devemos analisar essa estrutura da festa (comissão organizadora) dentro de uma reorganização social da

---

51 - HEERS (p. 37). Essa colocação do autor não condiz com as observações de ARIES (81, P. 109), nas quais "a igreja medieval condenava o jogo sob todas as suas formas, sem exceção nem reservas..."

mesma, ou seja, um novo posicionamento do festeiro existente na tradicional festa de santo camponesa. O festeiro era aquele que assumia um compromisso de organização em todos os níveis e deveria ter um "começo", isto é, alguns recursos necessários para levar adiante o empreendimento, submentendo-se aos prováveis riscos de uma festa.

Talvez a forma adequada para se manter a tradição tenha sido essa encontrada, em forma de comissão, não assumindo uma só pessoa a responsabilidade integral do evento. Dessa forma, a divisão da administração entre uma equipe e a Igreja garante a continuidade, demonstrando uma relação não utilitária, mas moral com a festa (com o santo e a própria comunidade).

Essa comissão igualmente funciona como "autoridade pedagógica", ajudando a evitar por parte de autoridades pedagógicas ilegítimas, a invasão e apropriação indevida do espaço popular. RIBEIRO JR. atenta para o fato da comunidade se tornar seu próprio festeiro ao se aproximar da festa e, nessa escola, o povo seria a autoridade pedagógica, conferindo mandatos a certas pessoas, "tanto mais legítimas em sua função quanto mais forem capazes de expressar as aspirações e necessidades da comunidade"<sup>52</sup>.

No cartaz da programação de 1988, constava impresso o apoio da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, com o nome do prefeito de Campinas, bem como da sub-prefeitura

---

52 - RIBEIRO JR. (op.cit., p.44)

de Joaquim Egídio, citando o nome do responsável pela administração. A abertura estava marcada para sexta-feira com missa às 19:00 e logo após, o funcionamento das barracas com show de forró. No sábado, haveria o funcionamento das barracas com início às 10:00 e show de forró à noite.

A programação mais intensa estava marcada para o domingo: alvorecer às 5:00 com queima de rojões e bateria com repique de sinos da igreja. Às 9:00, missa em homenagem aos santos, aos festeiros e visitantes. Às 11:00, banda e às 11:30, chegada da romaria de cavaleiros, saída de Sousas; 14:00 hs - quebra-pote, pau de sebo e congada; às 15:00, corporação musical "24 de junho", de Arthur Nogueira; às 16:00, procissão, leilão com prendas, destacando-se aves e garrotes e, para finalizar, queima de fogos de artifício.

No mesmo cartaz, ainda constavam os dizeres: "Funcionamento das barracas com o já famoso e muito apreciado churrasco", "funcionamento das barracas com serviço de som com música a gosto de todos"; "saída da tradicional e imponente procissão"; "trinta e duas imagens em andores ricamente ornamentados pelas famílias da localidade"; "horas agradáveis com acontecimentos que fazem parte do folclore da História do Povo Brasileiro"; "Visto Pároco: (nome); Visto: A comissão".

Não estava presente qualquer referência a campeonatos ou competições, mostrando que essa festa existe independentemente de resultados, diferente de certas comemorações dependentes da vitória e do seu correspondente tamanho.

Na mesma época, Santa Gertrudes, uma pequena cidade no interior do Estado de São Paulo, na data de comemoração do seu aniversário, expunha sua programação no cartaz: campeonato de futebol, disputa de volei, bem como inauguração de obras de iluminação, implantação de guias e sarjetas, campo de futebol, conjunto habitacional".

Nota-se a diferença entre os propósitos das duas programações. Enquanto na de Joaquim Egídio havia a expressão de eventos realizados em conjunto pelos moradores, provocando uma união, na outra localidade, expressava a realização de eventos cujo fim poderia evoluir para uma separação por meio da competição, ao mesmo tempo que as outras atividades estavam relacionadas diretamente à promoção do poder público e seu interesse e não à realização da coletividade.

Na festa do sub-distrito analisado, não há predominância de agentes civis (prefeito, delegados, secretários). Apesar do incremento do comércio local e respectivo lucro advindo daí, competindo com as vendas da própria festa<sup>53</sup>, na sua organização participam os moradores e não agentes estranhos ou contratados "de fora". Percebe-se que os

---

53 - Há grande absorção de bens e de dinheiro das populações propriamente rurais (moradores de fazendas, etc.) quando a festa, nas sociedades rurais, é concentrada nas áreas urbanas (BRANDÃO, 74, p. 29).

recursos não são abundantes e o material não é sofisticado (praticamente somente barracas de tábuas e palanques), havendo uma mobilização por parte da população, contribuindo de um modo, ou de outro: trabalhando nas barracas, organizando bingo, doando animais e comidas para o leilão, enfeitando barracas, etc. Observa-se certa cooperação necessária para que a festa consiga vir a termo (característica de uma cultura popular onde o povo é consumidor daquilo que ele mesmo produz). Situação diferenciada daquela onde recursos são abundantes, tudo é adquirido através da contratação de serviços de terceiros e onde se nota a ausência da "mão do povo". A primeira, uma festa de pobres, a segunda, de ricos.

A cooperação e a reciprocidade são notadas na preparação e serão vivenciadas na execução, traduzindo a festa como mecanismo de aglutinação. Essa festa de santo continua sendo uma prática comunitária, não obstante tenha sofrido modificações e influências de valores individualistas existentes no capitalismo (explícitos no "cada um por si", "cada um faz o que quer" e outros). Esses espaços sociais de ocupação do tempo disponível dos moradores, para serem vividos, exigem organização interna da vida local combinado com certa dose de trabalho.

No sábado à tarde, as barracas funcionavam com pequeno movimento. Na sua maioria, eram as mesmas da festa junina.

Os moradores indicaram o domingo como o dia mais esperado, quando o movimento torna-se mais intenso, principalmente os jovens que declararam ser melhor, "porque vem bastante gente de fora".

À noite no forró, a dança descontraída acontecia entre os participantes. Como se viu ali, uma festa parecia estar embutida em outra<sup>54</sup>. Não se manifestava o tédio das atividades ordenadas, cuidadosamente elaboradas, onde um gesto, um movimento não podem destoar e os detalhes são construídos passo-a-passo<sup>55</sup>. Ao contrário, nessa acentuada dilatação, os passos "errados", o riso, a agitação são incorporados e a relação com o evento ocorre de maneira unívoca. Quando nada mais existe para respeitar, como expõe DUVIGNAUD, do que "a exatidão de um gesto", fica difícil reter o significado do genuíno respeito.<sup>56</sup>

Alguns folguedos separavam as classes sociais de modo mais marcante, atribuindo aos mais abastados, papéis mais importantes (como o locutor, o leiloeiro, o supervisor do churrasco). Entretanto, na hora de dançar e brincar, muitas vezes ocorreu a inversão de papéis, os "ricos" igualando-se aos "pobres", como num coro improvisado, com participação conjunta, ou como exemplifica BRANDÃO<sup>57</sup>, submetendo-se a um "pobre", dirigente do "coro".

---

54 - Nesse momento, escreve DUVIGNAUD (op.cit., p. 66) ocorre a passagem do domínio da percepção, para a esfera do imaginário.

55 - Ibid., p.79

56 - DUVIGNAUD (op.cit. p.59)

57 - BRANDÃO (74, p.150)

O elemento de imprecisão no evento está presente (não sei quem vou encontrar, com quem vou dançar, como vou me divertir), conduzindo a uma incerteza, com ausência de uma relação precisa e racional entre meios e fins, pois não há objetivos rigidamente definidos. O que surge no momento da participação do evento, conduz os participantes a dançarem, conhecer novas pessoas, comerem e beberem (às vezes em excesso), ou simplesmente observarem, traçando uma trajetória que, concretizando-se, orienta a adesão maior ou menor a determinadas atividades, podendo conduzir ao ápice do ritual, através de um "espontaneísmo", já comentado.<sup>58</sup>

Nos primórdios da festa de São Joaquim, um boi era abatido (doado por alguma das fazendas arredores) e sua carne preparada especialmente para o churrasco. Segundo depoimentos, desistiram desse procedimento porque dava muito trabalho e prejuízo, solucionando o problema com a contratação desse serviço, com os moradores locais também trabalhando na barraca, servindo ou assando, constituindo-se este, num aspecto a mais da reorganização do evento.

---

58 - Esse ápice é gratuito e portanto, diz RIBEIRO JR. (op.cit., p. 59), "não pode ser pro-duzido, mas somente in-vocado, não dependendo diretamente da organização dos preparativos, mas brotando quando menos se espera"

O churrasco na festa, como modo de comida, marca a diferença entre um tempo de trabalho e um tempo de não-trabalho, uma vez sempre realizado no tempo disponível.

A carne torna-se a comida por excelência, não devido ao seu custo, mas pelo significado social subjacente.

Na sua discussão sobre a sociedade ocidental enquanto cultura, SAHLINS demonstra a presença da carne como elemento central no modelo de refeição, com o apoio periférico de carboidratos e legumes. Essa centralidade, também indicação de sua "força", "evoca o pólo masculino de um código sexual da comida o qual deve originar-se na identificação indo-européia do boi ou da riqueza crescente com a virilidade"<sup>59</sup>.

Ainda por ter conotação de produto do pasto (boi), domínio masculino, como também por não ser preparado na cozinha de casa, domínio feminino, poderíamos argumentar, tendo como base essas diferenças, o motivo de o homem se apropriar da carne para assar. Outro fator estaria relacionado ao "negócio", pois a carne é vendida nessa situação, o que a aproximaria do racional (homens), opondo-se e complementando-se nas representações

---

59 - Nessa análise, SAHLINS descreve a carne bovina como a "comida de maior prestígio social, e consumida nas ocasiões sociais mais importantes. Um assado de carne de porco não é tão solene como um corte de primeira de carne de boi, nem parte alguma do porco se pode comparar a um filé de carne de boi" (79, pp. 191-195).

coletivas, com a mulher, essencialmente emocional e afetiva.

No domingo pela manhã, enquanto a banda tocava (há 17 anos a banda de Arthur Nogueira toca na festa), a romaria dos cavaleiros (trajeto Sousas-Joaquim Egídio) com aproximadamente 100 participantes foi entrando na cidade, contornando a praça e descendo em frente à igreja, recebendo a bênção do padre, enquanto o locutor ia anunciando a chegada de cada um.

Numa das charretes encontravam-se somente mulheres e crianças, após, vieram os cavalheiros, prosseguindo com a participação de moços, homens adultos, idosos, crianças, moças, sem a presença de mulheres de média idade.

O entendimento desse ritual requer o conhecimento da vida cotidiana local, do seu universo de valores, bem como da sua visão de mundo. É um ritual de vida reconstruindo o mundo, tocando o espaço de liberdade e do essencialmente humano, com uma dramatização, integrando os acontecimentos, através do sentido atribuído, conduzindo a uma certa consciência das coisas, as quais passam a ter significado social. Assim, um homem sobre um cavalo torna-se símbolo dos valores dessa sociedade, representando o coletivo, não predominando nesse instante, valores como o utilitarismo e o individualismo<sup>60</sup>.

---

60 - É no ritual, como expõe DA MATTA (83, p. 32), "sobretudo no ritual coletivo, que a sociedade pode ter (e efetivamente tem), uma visão alternativa de si mesma. Pois é aí que ela sai de si própria e ganha um terreno ambíguo, onde não fica nem como é normalmente, nem como poderia ser, já que o cerimonial é, por definição, um estado passageiro".

Nota-se a passagem da montaria, utilitariamente um veículo ou instrumento de produção, para algo com um significado social expressivo do sistema de valores da comunidade. Portanto, essa situação-ritual<sup>61</sup> utiliza um elemento rotineiro do cotidiano local (a montaria), acusando o seu deslocamento para um momento extraordinário, no qual passa a ser um símbolo de um conjunto de relações sociais.

Esse desfile de cavaleiros como situação-ritual desdobra-se em formas: aglutinação para a saída, trajeto-romaria de Sousas até Joaquim Egídio, chegada e passeio pelo sub-distrito, desfile em frente à igreja, recebendo a bênção do padre.

Após o desfile, todos se dirigiram para um picadeiro ao lado do posto de gasolina, saída para a Estrada do Observatório de Capricórnio. O espaço estava preparado com locais apropriados para se amarrar os cavalos e barraca de churrasco (os cavaleiros recebiam dois espetos gratuitamente) e bebida.

Nesse local, ocorreu uma premiação, tanto para o cavalo mais bonito, como para o mais feio, assim como para o cavaleiro e

---

61 - Empregamos o termo "situação-ritual", concordando com a posição de BRANDÃO (74, p. 26): "Entendo a festa como um acontecimento de ritualização. Uso este conceito, acontecimento, para dar uma idéia situacional de alguma coisa incluída dentro de uma continuidade que, por um tempo determinado, modifica e altera"

amazonas mais caracterizados. O locutor, em vários momentos, referiu-se ao que estava ocorrendo, como sendo "brincadeira e não era para ninguém levar a sério".

Muitos participantes não tiveram conhecimento prévio sobre a premiação, e uma moça declarou ter participado "para fazer companhia para o namorado".

Na barraca de churrasco montada para receber os cavaleiros, fui informada que parte dos lucros seria destinado à criação do "Clube de Cavaleiros" de Joaquim Egídio, para o qual dedicaremos atenção especial adiante.

Na mesma época da festa em Joaquim Egídio, a cidade de Valinhos organizava uma festa do folclore e houve um desfile de cavaleiros, organizado pelo respectivo clube da cidade, com a presença do prefeito, entregando troféus para os cavaleiros.

O anunciante transmitia com poucas palavras a chegada dos cavaleiros, não criando um clima envolvente, nem uma recepção calorosa, diferente do ocorrido em Joaquim Egídio, com a participação dos assistentes brincando e recebendo os cavaleiros que chegavam. Havia um tom sério e pomposo, com destaque para as autoridades (o prefeito tendo uma proteção especial), adquirindo um caráter solene oficial.

Percebe-se desta forma como o mesmo evento pode ser lido de formas diversas, dependendo do contexto no qual está inserido. Pode-se transformar numa manifestação lúdica, com a presença do riso e do cômico, conferindo ao acontecimento uma força dinâmica de união coletiva, ou numa situação-ritual vazia desses conteúdos.

Próxima à igreja, no local de maior concentração da festa, uma barraca vendia doces e bolos, com uma placa indicando "Clube de Mães". A senhora que trabalhava nessa barraca indicou a existência do clube há 10 anos, sendo que a barraca era armada na festa, já há 18 anos. Segundo seu depoimento a dificuldade em colocar a barraca na festa aumenta a cada ano "por causa da intransigência da igreja, que vê a iniciativa das mulheres como coisa separada". O dinheiro arrecadado pela venda dos doces e bolos (doados pelos residentes) é destinado ao clube para compra de roupas, sapatos, cobertores, os quais são vendidos a preços simbólicos para os mais carentes da comunidade. O padre quer que o dinheiro obtido seja revertido para São Joaquim.

No início, como contam, o clube era composto por quinze mães. Reuniam-se toda terça-feira para tomar chá e comer bolo, com o objetivo de se organizarem. Atualmente está reduzido a 3 mães que arrumam um bazar toda terça-feira, ao lado da igreja, "para o pessoal das fazendas, principalmente para aqueles vindos de fora, sem lugar para trabalhar, precisando de ajuda até receber o primeiro salário". Esse bazar também é aberto no primeiro sábado de cada mês, após o dia 10, das 14:00 às 16:00, para os que não podem vir durante a semana. No segundo domingo do mês, arrecadam mantimentos da população e as freiras distribuem para as pessoas necessitadas.

Retornando à programação da festa, no domingo à tarde, tomou lugar o jogo de quebra-potes (o jogador tinha os olhos vendados e, com um pedaço de pau na mão, deveria tentar quebrar o pote dependurado) e a subida no pau-de-sebo (cujos prêmios no

alto do pote deveriam ser alcançados pelo jogador). A premiação consistia em peças de mortadela e vinhos.

Essa "parte profana" da festa é tão indispensável na sua composição quanto a "parte sagrada", tornando o evento uma espécie de bricolagem de ritos e festejos de devoção e simples diversões. É onde, diz BRANDÃO<sup>62</sup>, "o devoto católico, resolvidas suas contas com o sagrado, entrega-se sem culpa a outros jogos de sedução".

Anualmente, nessa festa, a congada marca presença, porém naquele ano não compareceu. Anteriormente, segundo alguns moradores, vinha de Morungaba e agora vem de Campinas.

Num estudo sobre o significado de ritos populares de devoção católica, BRANDÃO<sup>63</sup> analisa a congada da Festa de São Joaquim em termos da diferença entre rito e espetáculo<sup>64</sup>, identificando-a com este último. Vamos discutir esse

---

62 - BRANDÃO (89, p.13)

63 - BRANDÃO ( 81, p. 143)

64 - Numa outra pesquisa, o autor fazendo a distinção entre ritual, rito e espetáculo, posiciona o ritual como "o que há de propriamente expressivo e popular em uma forma de folclore", os ritos como "as cerimônias que se passam dentro de um contexto religioso-erudito sobre o controle direto dos agentes eclesiais" e o espetáculo como "um ritual oferecido para ser visto e deslocado de seu próprio complexo de ritualizações" (BRANDÃO 85b, p. 71).

posicionamento, examinando-o sob uma perspectiva da necessidade de reorganização social, verificando a importância da presença, numa festa de santo, de um ritual dessa natureza.

Mesmo sendo contratada, já faz parte há muito tempo do conteúdo dessa festa, causando, sua ausência, decepções e espantos por parte do povo. Diferente seria uma apresentação de congada fora da situação-ritual analisada, como numa praça de jardim, no meio de barracas vendendo artesanato ou num palanque ou concha acústica.

Embora o autor posicione os congadeiros como "equipe de espetáculos", apresentando-se sem cerimônias devocionais "como a de cantar diante do mastro do santo ou na porta da igreja (...) escolhe onde há mais espaço (...) ao lado da barraca de leilão"<sup>65</sup>, devemos observar a localização da barraca de leilão, na calçada do lado oposto à entrada da igreja, num momento em que as portas desta encontram-se abertas, pois a procissão dos andores sai em seguida, de acordo com a programação. Deste modo, santos, homens e mulheres misturam-se, tornando terrenas as relações. Coloco em dúvida se a fala dos congadeiros, por não residirem no local, são ditas sem valores sagrados nesse espaço, pois o contexto religioso está legitimando e expondo esses valores.

---

65 - BRANDÃO (81, p. 143).

Outra questão que eu gostaria de levantar refere-se sobre um fato (congada) poder se apresentar, ao mesmo tempo, como ritual devocional para uns e espetáculo para outros, uma vez que, nessas festas de santo, sempre aparece um público curioso, estranho ao local. Essa observação é feita pelo próprio BRANDÃO<sup>66</sup>, na pesquisa sobre congada na Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Goiás, onde relata o depoimento de um morador, fazendo uma comparação entre com o seu tempo de menino: "o sujeito Olhava assim, ó, é festa dos pretos, bobajada de pretos dançando, que nem macaco", e os tempos atuais: "Hoje não, hoje o pessoal gosta de ver. Quando a pessoa é de outra religião, não entra ali mesmo, mas tá olhando".

Geralmente nessas festas, notamos a presença, como diz o autor, referindo-se especificamente à festa de São Joaquim, de pessoas "que se apertam para 'ver os congos' e espiam com olhos iguais aos que rezariam se ali estivesse um camelô exótico, engolindo vidro ou deitando sobre pregos"<sup>67</sup>.

O entendimento desta questão requer a distinção entre os que chegam para assistir e participar de alguns momentos do evento e os moradores locais, organizadores do evento, "donos" da festa. Somente situando dessa maneira, poderemos entender as situações-rituais e o seu significado no contexto da vida local,

---

66 - BRANDÃO (85, p. 74)

67 - BRANDÃO (81, p.143)

bem como as formas de reorganização.

Os "de fora" participam por diversão e os "do lugar", além disso, por tradição e devoção. Portanto, a origem social realiza essa separação antes da festa, e não no momento do acontecimento. Esse aspecto pode se constituir num dos fatores legitimadores da participação (quem atua e quem assiste, a relação entre atuantes e assistência e outras).

Retornando com a programação do evento no último dia, a procissão ocorreu às 16:30, no domingo. O locutor anunciava o nome do santo, sua breve história e a família ou pessoa idealizadora da decoração do respectivo andor. As imagens saíam da igreja carregadas por pessoas, totalizando trinta e duas. Cada andor concentrava um grupo de pessoas, as quais revezavam-se para carregá-lo durante todo o percurso.

O corpo era instrumento para unir-se com o santo. Esse é o sentido do sacrifício, não importa o quanto seja difícil. Para se colocar a serviço do sagrado, o corpo, segundo DA MATTA, deixa de agir como instrumento de prazer<sup>68</sup>. O autor, discutindo sobre a procissão, mostra como todos se irmanam com o santo, e por meio dessa relação (que assume a forma de uma ligação típica de proteção e mediação) ficam ligados a todos os outros fiéis, seguindo ou assistindo ao santo. A questão é, pois, ligar-se com e pelo santo.

---

68 - DA MATTA (84, pp. 81-82)

A banda segue a procissão, tocando. É um ritual de ordem, uma cerimônia do reforço das estruturas locais, porém, nesse caso, diferencia-se do complexo missa-procissão, pois não há reza de terço, nem a presença do padre, situando-se próxima aos rituais devocionais populares.

Vamos nos reportar novamente a BRANDÃO na sua breve análise da festa de São Joaquim, referindo-se à procissão: "A própria entonação com que um admirador anuncia pelos seus nomes os santos que saem da Igreja, sobre andores, denuncia entusiasmos de competição quase esportiva entre Nossas Senhoras e outros santos de seu reino"<sup>69</sup>.

Não vejo essa procissão sob essa forma. Podemos situar esse ritual, mantendo certa margem de distância em relação aos ritos controlados diretamente por agentes eclesiais. Talvez aos olhos canônicos da Igreja, tal fato possa representar uma secularização do sagrado, mas aos olhos desse povo e seu agir, é a transformação de um sagrado descontextualizado num sagrado devocional, capaz de ser, como aponta BRANDÃO referindo-se a esse tipo de situação intermediária, "simbolicamente, da religião e da sociedade local"<sup>70</sup>.

Nas vésperas da festa, visitei uma família responsável pela decoração de um andor. Constatei a importância e o

---

69 - BRANDÃO (81, p. 143)

70 - Ibid p. 158

significado desse empreendimento, devido às explicações apresentadas. A família deve se sujeitar a uma lista de espera, aguardando até chegar sua vez. Na chegada desta (um ano antes da próxima festa), a família se prepara para elaborar o enfeite do andor.

Na tentativa de fotografar o andor sendo decorado, fui proibida, sob a alegação da arrumação não ter sido completada.

Há certo orgulho da comunidade na apresentação dos andores, pois o santo representa "minha" família, o qual representa a cidade da qual fazem parte "meus" parentes e amigos. Talvez seja esse o momento máximo dessa religiosidade que os une e o grau de importância e significado reside no fato da construção e criação, com papéis, flores, galhos, de algo representando essa devoção.

Nesse caso particular, os andores parecem exercer uma complementaridade de domínios entre a casa (onde é enfeitado) e a rua (onde é exposto), fazendo a festa oscilar entre eles, terminando numa viagem entre as casas, pelas ruas.

À noite, após a procissão, ocorreu o leilão: patos, garrações de vinho, pinga, sacos de batata, sacas de café, louças, etc. (doados por moradores, visitantes e fazendeiros) eram leiloados entre o público.

A festa conserva o mesmo leiloeiro há 36 anos, "filho legítimo de italiano", e como acrescenta, "aqui é região de imigrantes italianos".

Iniciou-se nessa atividade para se livrar, como conta, de uma enrascada em que se meteu: "minhas cinco namoradas

apareceram na festa e o jeito foi subir no palanque". Após seu casamento, quando os filhos eram pequenos, construiu uma barraca ao lado do palanque do leilão, somente para estabelecer a mulher e as crianças, pois assim ficava perto da família. Relata que durante um tempo essa festa foi conhecida como "festa da bolinha", porque todos andavam com ioiô de papel jogando uns nos outros (uma barraca era armada especialmente para vender ioiô). Dava confusão porque sempre havia alguém que não gostava da brincadeira. No próximo ano, completará 37 anos de leilão e 57 anos de vida, portanto, diz: "devo ir pensando num substituto". Possui troféus de leiloeiro na reigão de Joaquim Egídio e Sousas.

Devemos analisar a eliminação das bolinhas, tendo em conta que os símbolos, hábitos, valores e modos de comportamento das pessoas na festa expressam uma ordem social internalizada. A partir do momento em que ocorre a confusão generalizada causada pelas bolinhas, alterando nessa ordem e ao mesmo tempo, ameaçando a continuidade do evento, deveriam ser extintas, como garantia da tradição. Por outro lado, essa alteração causada pela eliminação das bolinhas revela a presença da mediação de interesses e alianças entre grupos sociais, representada através de autoridades "que garantem certo espaço para legitimar o seu arbítrio. Uma forma portanto, discute MORIGI, de "solidificar a desigualdade e as diferenças sociais"<sup>71</sup>.

---

71 - MORIGI (88, p. 23)

A preocupação em buscar um substituto revela o valor atribuído à atividade, bem como a compreensão de sua importância para a vida local e, particularmente, para a festa de São Joaquim.

Em tempos passados, conta o leiloeiro, algumas brincadeiras ocorriam durante o leilão. Alguém pegava um cabresto e dizia: "dou tanto para esse cabresto ficar para fulano". Como esse instrumento tem a representação simbólica de "burro", ninguém queria permanecer com ele, oferecendo sempre quantias superiores para passá-lo adiante, conduzindo a brincadeira durante mais de uma hora, em certas ocasiões. O mesmo acontecia com um pedaço de fumo. Alguém dizia: "Dou tanto para fulano ficar com o fumo" (representação simbólica de "levar fumo") e um passava para o outro, da mesma forma. Ainda hoje essas brincadeiras ocorrem, como pude presenciar na festa pesquisada, em relação ao pedaço de fumo.

No leilão da festa deste ano, aconteceram episódios cômicos. O leiloeiro segurava uma pata para ser leiloada e esta botou um ovo em sua mão. Alguém gritou entre o público: "Dou sete mil para fulano beber o ovo!" O homem desafiado subiu no palanque, quebrou o ovo e tomou-o inteiro, enquanto todos batiam palmas. O homem que tomou o ovo teve de ficar policiando o seu chapéu durante toda a festa, porque os amigos queriam pegar para leiloá-lo.

Um moço "de fora", usando chapéu, iniciou uma brincadeira com os homens do palanque. Alguém passou a mão no seu chapéu e entregou-o para ser leiloado. No final da história, o

próprio dono cobriu a oferta, para ter seu chapéu de volta.

No decorrer do leilão, surgiu a idéia de leiloar o lenço do leiloeiro. Enquanto ninguém "de fora" oferecia nada por ele, os moradores atingiram um preço bastante elevado.

Essas somas de dinheiro envolvidas nessas atividades são justificadas "porque vão para São Joaquim" e, por outro lado, sabem que a festa continuará acontecendo todo ano, através dessas contribuições complementares.

Esse desembolso de dinheiro por uns, enquanto outros moradores somente assistem e se divertem, às vezes levando uma quantia monetária suficiente apenas para comer alguma coisa, vem mostrar como os folguedos separam as classes sociais (sem se esquecer aqui da vontade de participação dessas pessoas)<sup>72</sup>.

Esses "foliões", como são denominados por alguns, são religados a cada festa, através da abertura e dilatação que ela proporciona, uns com os outros e com o povo em geral. A busca é sempre direcionada para o divertimento, e a sorte, envolvendo todos

---

72 - Na pesquisa de NOGUEIRA (62, p. 360) sobre festas associadas ao culto católico em Itapetininga, este observou a participação maior na parte profana recreativa, pela camada mais pobre da população e quando havia promoção paralela de bailes ou outras atividades nos clubes recreativos da cidade, a população da classe mais favorecida (cujos sócios delas provinham) mostrava nítida preferência em frequentá-los. Em Joaquim Egídio, isso não ocorre dessa forma marcante, mesmo porque, como já comentei, os espaços de lazer são públicos.

sem corporativismo.

Não se torna difícil perceber as duas barracas que mais "falam" do local: a do leilão (através dos produtos doados e suas espécies, e das brincadeiras desenvolvidas) e a barraca do Clube de Mães (onde os doces e bolos são doados pela comunidade). Novamente, temos a presença, na primeira, do domínio masculino e, na segunda, do domínio feminino.

Após o leilão teve início o espetáculo de fogos, atividade sempre presente na festa de São Joaquim.

A organização teve problema com o pároco anterior, o qual, alegando perigo, pretendia eliminar os fogos, porém, foi-se embora e o atual não se envolveu com o assunto.

O povo manifesta certa reação contra a intervenção de autoridades civis e eclesiásticas, afirmando ser "deles" a festa, não do padre, o qual "não deveria se meter" (não se esquecendo do seu caráter sagrado). Quando autoridades civis intervêm, o mesmo ocorre. O povo deseja que o compromisso da festa seja com ele mesmo e a própria festa que o representa. Não um compromisso com o político, o econômico ou o religioso, conduzindo a uma correlação de forças desiguais, devido à imposição pelo poder, tomando medidas nem sempre condizentes com os interesses da população. Quando ocorre essa situação da exercício do poder, permanecendo um controle através da imposição, é aberto um precedente para o conflito, podendo o povo ganhar força através da organização, oposição, com abertura para várias manifestações culturais, envolvendo novas propostas de ação.

Um dos fatores de continuidade da festa, reside na organização do grupo social contra determinadas intervenções abusivas, sendo a manutenção de sua dimensão lúdica e pedagógica diretamente relacionada com a participação do povo no processo, participação essa, como discute RIBEIRO JR., "tanto mais efetiva e envolvente quanto mais os fatos celebrados e os símbolos empregados disserem respeito às necessidades e aspirações do grupo festejante"<sup>73</sup>.

Alguns estudos de comunidade mostraram a indesejável interferência do padre nas festas. Assim temos WAGLEY, na comunidade amazônica, cujo relato das festas juninas, mostra o desejo do povo em manter afastados os padres católicos pois "se o padre estivesse presente, disseram, não teria havido danças e bebidas na festa"<sup>74</sup>. Das festas juninas, segundo essa pesquisa, somente a de Santo Antonio apresenta grandes formalidades, pois "o padre católico que nessa ocasião vai a Itá não aprova a mistura de religião e prazeres, motivo pelo qual são praticamente nulos os aspectos festivos das celebrações"<sup>75</sup>.

O autor conclui sobre o antagonismo Igreja/povo, existente em algumas festas, como prejudicial para a Igreja, a qual não percebe o valor potencial desses eventos, para suas

---

73 - RIBEIRO JR (op.cit., p. 132)

74 - WAGLEY (57, p. 265)

75 - Ibid., p. 273

intervenções com a comunidade, argumentando ser notório "que a cooperação dos líderes de uma comunidade é indispensável a qualquer programa de ação coletiva"<sup>76</sup>.

Percebe-se nessa posição de WAGLEY, uma análise no sentido de instrumentalizar a festa, com a finalidade de manutenção da ordem social vigente.

Já em outro estudo, WILLEMS mostra essa oposição existente na Festa do Divino, em Cunha, através dos depoimentos, atestando que "se deve pagar o padre e que este não tem mais nada que ver com a festa, que é do povo". Segundo sua análise, "a interferência da Igreja ameaçou diretamente as funções principais atribuídas a essa festa"<sup>77</sup>.

Em relação a essas agressões locais, nota-se que as provocadas pelas autoridades eclesiásticas são em menor grau e, por isso, menos sentidas do que as das autoridades de fora (relacionadas a prefeituras e governo do Estado), na maior partes das vezes, destruindo obras ou abandonando-as (como aquele exemplo citado pelo morador referente à área de lazer) sem qualquer diálogo com a população local, sem o seu conhecimento, ou menos ainda, consentimento, contribuindo muitas vezes para o aniquilamento de uma cultura e um saber relacionado.

---

76 - Ibid., p. 290

77 - WILLEMS (61, p. 178)

O espetáculo pirotécnico foi apresentado na rua lateral da Igreja, num terreno alto, com o público assistindo da rua. Chuvas de prata eram formadas no céu e arcos com fogos giravam, conforme iam estourando.

No final, a explosão dos fogos provocava a descida de um grande painel com a imagem do santo e os dizeres: "Viva São Joaquim", com aplausos do público.

A festa havia terminado... mas não as esperanças e projetos que ela encerra, os quais nascem através dela. Ela se alimenta da devoção, uma vez que renova os anseios, a esperança, a vitalidade, renovando o sagrado, como mostra CAILLOIS <sup>78</sup>.

O evento se repetirá no próximo ano, como vem acontecendo há mais de 36 anos, para reencontrar ciclicamente a mensagem que fala do local onde acontece, justamente com a renovação cíclica da ordem das coisas, começando, acabando e recomeçando sempre, sem profundidade, nem passado, nem futuro.

Torna-se confuso esse entendimento, uma vez que a noção de tempo que prevalece na nossa sociedade é sequencial e histórica. Por outro lado, estamos acostumados, nas grandes cidades, com a experiência do novo, do renovado, o que nos leva a uma idéia presente do ultrapassado, do efêmero. Torna-se difícil compreender a necessidade e a insistência da repetição de uma festa que, há todo ano retorna à mesma programação, aos mesmos

---

78 - CAILLOIS (op.cit., p. 118)

rituais e como alguns moradores revelaram, "já tentaram mudar, mas não deu certo, porque o povo está acostumado".

Nessa fala presencia-se dois aspectos interligados e complementares: o costume e a tradição.

O costume, segundo HOBSEBAWM, nas sociedades tradicionais, não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, mas é "tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente". Ele não é invariável pela própria dinâmica social. Já as tradições, inclusive as inventadas<sup>79</sup>, têm como característica a invariabilidade, impondo práticas fixas, referindo-se a um passado real ou forjado<sup>80</sup>.

No caso analisado, a festa como tradição, surgiu através da proposta de uma finalidade prática (construção da igreja), tendo continuidade após desvincular-se desse propósito, com a comissão organizadora bianualmente constituída, fazendo-a acontecer através do povo. Dessa forma, podemos aproximá-la mais daquilo que HOBSEBAWM denomina "invenções sociais", "geradas por

---

79 - Para HOBSEBAWM (84, p. 10), por tradição inventada "entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas". Essas práticas inculcam valores e normas de comportamento através da repetição, implicando uma continuidade em relação ao passado.

80 - HOBSEBAWM (ibidem) exemplifica dizendo que "costume é o que fazem os juizes; 'tradição' (no caso, tradição inventada) é a peruca, a toga..."

grupos sociais sem organização formal, ou por aqueles cujos objetivos não eram específica ou conscientemente políticos...", do que por "invenções oficiais", "surgidas acima de tudo em estados ou movimentos sociais e políticos organizados ou criados por eles"<sup>81</sup>.

Aparecem novas tradições, quando as "velhas" se incompatibilizam com os padrões sociais em mudança, ou quando mostram haver perdido parte da adaptação e flexibilidade, ou quando são eliminadas de outras formas<sup>82</sup>.

A tradicionalidade da festa de São Joaquim, ao mesmo tempo que é a garantia de sua continuidade, pode tornar-se suscetível de ataques por agentes desejando introduzir inovações, às vezes, ameaçadoras do ritual.

Nessa festa, como mencionado, estava surgindo o projeto do Clube dos Cavaleiros e aqui, mais do que razões de ordem econômica e de sobrevivência, estão presentes valores, padrões de comportamento compartilhados pelo grupo social, bem como determinada visão de funcionamento dessa sociedade.

---

81 - HOBBSBAWN (op.cit., p.271)

82 - Ibid., p.12

## 2.1. - O Clube dos Cavaleiros

Pela observação através de depoimentos, o Clube dos Cavaleiros de Joaquim Egídio parte de princípios não muito semelhantes entre si. De um lado, indica mais para a exploração comercial através da venda de artigos para montaria, sendo representante desse grupo um proprietário de uma loja, em Sousas, de artigos para montaria e agro-pecuários. Segundo ele, a procura por cavalos está aumentando, nunca imaginando que tanta gente adquirisse objetos de cavalaria, explicando: "gente que não montava há 20 anos, comprou cavalo e foi adquirir objetos. O objetivo é incentivar a montaria, como uma atividade típica da região".

Outro morador contou sobre a intenção do sub-prefeito de implantar a festa anual dos cavaleiros em Joaquim Egídio.

Por outro lado, não percebi interesses comerciais, mas a vontade de aglutinar o pessoal com desejo de montar, para organizar romarias e encontros. Temos aqui como representante o barbeiro de Sousas, enfatizando que há cinco anos incentiva essa prática e já foi escolhido de antemão para presidente benemérito do clube.

Colocando ser "melhor participar com o povo direto no acontecimento para sentir as coisas e observar melhor", convidaram-me para uma romaria no dia 7 de setembro.

Nesse dia, saímos de Sousas às 10:00 com os outros cavaleiros. Apenas uma moça participava do grupo e fui na charrete do futuro presidente benemérito, o qual relatou seu

cotidiano: "De manhã sempre remo no rio durante mais ou menos uma hora. Depois vou cuidar do meu cavalo, cortar capim numa chácara que tomo conta e à tarde trabalho na barbearia". Fez uma observação sobre o "caráter político" daquela romaria, afirmando não gostar de políticos e o desejo de manter distância deles. Tomou conhecimento do passeio, no dia da festa de São Joaquim, após ter sido combinado pelo proprietário da loja com um fazendeiro, cujo amigo era candidato a vereador em Morungaba e ia oferecer um churrasco em sua fazenda.

Quando chegamos na fazenda, havia um caminhão com uma dupla caipira em cima cantando e gritando em intervalos, o nome do candidato, e realizando brincadeiras com a platéia. Distribuíram balas para as crianças e churrasco, chopp e refrigerantes para o público, constituído na sua maioria pelos colonos das fazendas vizinhas.

Novamente, temos a intervenção do político na comunidade, utilizando eventos como canal de comunicação para suas mensagens, bem como para ganhar adeptos, geralmente com interesses estranhos à população.

O clube dos cavaleiros pode se apresentar como um projeto inconstante e anti-econômico, quando analisado por defensores da racionalização do tempo ("tempo é dinheiro"). Sob esse prisma, passa a ser desprovido de sentido para a lógica da produção e do consumo, onde o homem vale pela quantidade de bens produzidos e sua realização sedimenta-se na capacidade de consumir.

Para THOMPSON, padrão de vida não significa modo de vida, o primeiro, medindo quantidades e o segundo sendo uma descrição de qualidades. Elucida o autor a grande possibilidade

de médias estatísticas e experiências humanas conduzirem a direções opostas, pois "um incremento per capita em fatores quantitativos pode ocorrer simultaneamente a um grande transtorno qualitativo no modo de vida do povo, no relacionamento tradicional e sanções sociais. O povo pode consumir mais mercadorias e sentir-se menos feliz ou livre ao mesmo tempo"<sup>83</sup>.

Não é possível igualar, na lógica da personalidade, o bem-estar econômico à felicidade e à realização humana. Os "sacerdotes do desenvolvimento econômico" esqueceram, como elucida ALVES, o que foi dito há muito tempo, ou seja, "nem só de pão vive o homem". O problema, diz o autor, "é que tal sociedade se tornou tão materialista que a produção somente pode ser medida em termos de dinheiro"<sup>84</sup>.

A expansão da disciplina fabril e dos negócios condicionada por campainhas e relógios, com um tempo sempre controlado, demonstrará hostilidade, visualizando irracionalidade em projetos dessa natureza.

No espaço urbano de nossas grandes cidades, prevalece um ritmo desgastante, identificado pelo rápido e transitório. As pessoas reclamam desse fato, apontando a ausência de "tempo para pensar". Porém quando deparam com um ritmo diferente de vida, vários sinônimos surgem como "lento demais", "devagar", e até "insuportável".

---

83 - THOMPSON (87, p. 37)

84 - ALVES (86, p.159)

Mas estamos falando de festas, como elas traduzem a vida e como estas acontecem entre as pessoas, num grupo social determinado. Identificadoras do povo, elas desejam mostrar um mundo no qual não estamos acostumados a viver, pois somos sempre cobrados pelo tempo improdutivo. Tempo é dinheiro e tempo de festa não é produtivo, porém, ele nos ensina sobre relações humanas, um aprendizado naturalmente sem técnicas aparentes, mas com grande capacidade de revelar aos homens como podem se organizar para desfrutar e conquistar direitos. E aqui vamos nós para o encontro com a análise da nossa última festa, neste espaço de reflexão.

### **3 - A FESTA DA PRIMAVERA**

Diferente das outras, esta foi a que apresentou caráter mais profano, embora igualmente realizada na rua da Igreja, tendo o palanque montado em frente à sua porta, mostrando certa complementaridade dos espaços sagrado e profano.

Segundo a técnica do Ideal Futebol Clube, esta festa é promovida pelos jogadores e diretores, a arrecadação destina-se ao clube de futebol. Realizou-se em outubro (apesar do início da primavera ser em setembro), para evitar proximidade com a festa de São Joaquim.

Comparando com as outras duas anteriormente analisadas, foi a menor em número de barracas (somente bebidas e comidas, sem

jogos e vendas de artesanato e roupas), bem como em número de participantes, com duração de apenas dois dias, não existindo qualquer tipo de programação impressa ou propaganda referente a ela.

No domingo (16 de outubro), fez parte da programação, uma corrida a pé entre Sousas e Joaquim Egídio. O percurso tem 6 km e a classificação foi estipulada por grupos de idade. No grupo dos idosos (acompanhei com maior proximidade), o primeiro lugar ficou com um senhor de 55 anos, o segundo, com um de 57 e o terceiro, com um de 60 anos. Foi registrada a participação de 157 "atletas", não atingindo, segundo a comissão organizadora, a expectativa de 300 corredores.

Essa foi a única festa em cuja programação foi incluída competição dessa espécie, conduzindo para determinada exclusão no final, no sentido de ganhadores e perdedores.

O trajeto Sousas-Joaquim Egídio é bastante utilizado nos finais de semana por grupos de caminhada, grupos de corrida e ciclistas, e a programação da Festa da Primavera parece ter desejado incorporar o "movimento" desse percurso em seu conteúdo, através da escolha de uma das atividades desenvolvidas, no caso a corrida.

O trânsito desses grupos de corrida, caminhada e ciclismo, conduziu em novembro de 1990, à inauguração de um espaço destinado a lazer, com aparelhos de ginástica, ciclovia e local para piquenique. O espaço escolhido localiza-se na antiga via férrea que ligava o subdistrito a Campinas. O caminho tem uma extensão de 1550 metros e, na verdade, o projeto atende uma

antiga reivindicação dos moradores para adequar a área destinada a atividades de lazer.

Após a chegada dos corredores, o desfile de cavaleiros novamente marcou presença, com premiação para o cavaleiro mais caracterizado, amazonas mais caracterizada, cavalo mais típico, etc. Um garoto de aproximadamente nove anos recebeu uma premiação por estar montando num filhote de burro.

O leiloeiro da cidade, embora não fazendo parte da comissão organizadora, estava no palanque, irradiando o desfile. Porém, disse ele, "isto não estava programado, me pegaram de surpresa".

Conforme os cavaleiros iam chegando, ele ia anunciando e indicando alguns cavalos como "já acostumados com a festa", e a Festa da Primavera, como mais um evento local, tornando-se tradicional.

No palanque, junto com o leiloeiro, encontravam-se a técnica, um dos jogadores e um ex-jogador, representando, junto com a comissão organizadora, uma das formas do lazer local (futebol).

Após o desfile, as pessoas presentes continuaram nas barracas de comidas e bebidas, com encerramento na parte da tarde.

No espaço aberto por essas festas, nos entregamos em momentos de convívio social, onde elementos vitais de nossa existência emergem, enriquecendo-a e criando esperança. Esses

elementos podem ser agrupados na festividade que é a capacidade de folia, celebrações, congraçamentos e consagrações, bem como a fantasia, que é a faculdade de enfocar situações de vida radicalmente alternativas<sup>85</sup>

Dessa forma, não concordamos com posições teóricas como as desenvolvidas por WILLEMS<sup>86</sup>, justificando o espaço de festas como aquele onde "o povo encontra, dentro dos padrões centrípetos da cultura local, a compensação tradicional pelos encargos que lhe impõe a vida social", muito menos quando o autor tenta esclarecer a existência, no espaço onde ocorrem, de uma "exacerbação paulatina das diferenças de classes", no sentido de atenuar antagonismos e conflitos sociais, o que não ocorre por mais que sejam dissimulados pelo simbolismo coletivo do espetáculo.

Não vejo a festa como compensação da vida desgastante ou reposição da força de trabalho, nem mesmo como atenuante das diferenças de classe. Vista sob esse prisma, sua função seria a manutenção da ordem social vigente. Porém, a festa não tem a função de conduzir o homem a se adaptar a uma ordem social injusta, nem se constitui numa sublimação das frustrações. Pelo contrário, ela mostra um estado de alegria e prazer, os quais exigem organização e ação política para serem alcançados, fora da

---

85 - COX (74)

86 - WILLEMS (61, pp. 206-207)

feira. Nesse sentido, ela estimula a busca por uma sociedade mais justa.

Muitos enxergam nessas festas, a presença do rude, do precário, do grotesco, uma vez não exibidoras das parafernalias da indústria cultural, a qual poderia chegar à "sofisticação" de um desfile composto de cavalos de plástico, movidos mecanicamente através de dispositivos eletrônicos. Certamente, esse desfile seria, para um público bastante diferenciado do nosso analisado. Além disso, lembrando HOBBSBAWM, "os gostos e as modas, especialmente na área do divertimento popular, podem ser 'criados' apenas dentro de limites bastante estritos, têm de ser descobertos antes de serem explorados e modelados"<sup>87</sup> e a moda do cavalo de plástico pode não ter muita receptividade nesse local.

Prefiro ficar aqui com essas festas adquirindo o caráter do grotesco, mas entendendo-o de acordo com BAKTHIN<sup>88</sup>, como função de "liberar o homem das formas de necessidade humana em que se baseiam as idéias dominantes sobre o mundo". O grotesco descobre o caráter relativo e limitado dessa necessidade, derrubando-a, pois historicamente, são sempre relativas e versáteis, as idéias sobre necessidade. Concluindo, o autor: "O riso e a visão carnavalesca do mundo, que estão na base do grotesco, destroem a seriedade unilateral, e as pretensões de

---

87 - HOBBSBAWM (84, p. 316)

88 - BAKTHIN (87, p. 43)

significação incondicional e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis Para o desenvolvimento de novas possibilidades"<sup>89</sup>.

---

89 - Dai, diz BAKHTIN (op.cit., p. 43) que uma certa "carnavalização" da consciência precede e prepara sempre as grandes transformações, mesmo no domínio científico".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu propósito foi expor um quadro social, onde algumas atividades ludomotoras foram observadas, na tentativa de realizar uma leitura, com traços característicos desse mesmo quadro social.

O entendimento da questão voltou-se para a compreensão de um conjunto de valores, constitutivos de uma ordem moral. Uma forma de perceber as relações dos homens entre si e com as coisas.

Este trabalho constitui-se num ponto de partida do processo educativo, considerando um universo cultural de referência, processo através do qual, os membros do grupo social adquirem traços característicos (maneiras de ser, pensar e agir). A educação significativa, como tentei demonstrar no primeiro capítulo, encontra-se intimamente relacionada à especificidade cultural dos envolvidos, num nível vivido, ainda não refletido.

O processo educativo implica portanto, numa primeira instância, a percepção das "diferenças", que abre espaço e perspectivas para a compreensão de determinada realidade cultural.

A sociedade analisada, embora apresentando traços de influência do urbano, pôde ser identificada como marcadamente rural tradicional. A ruptura trabalho/lazer diferencia-se aqui, do centro urbano, apresentando-se menos acentuada, e as relações sociais, ocorrendo num convívio mais próximo e intenso, como também mais personalizado. O contrário acontece, quando presenciamos a industrialização, na sociedade urbana moderna, sedimentando uma divisão social do trabalho, tornando este mais

especializado e fragmentado, submetendo-o a um tempo mecânico e ao ritmo da máquina. As relações sociais desenvolvem-se numa participação em grupos variados, sem o estabelecimento de ligações entre eles.

Nos dois casos, embora não estanques, devido às mútuas influências do rural e do urbano (podendo inclusive estar presentes numa mesma sociedade através de estilos de vida diferentes, como os observados entre centro e periferia), as ações sociais desenvolvem-se de formas diferenciadas, como demonstra MARCELLINO.

Na sociedade tradicional rural, as ações se desenrolam "como na representação de uma peça teatral, com os 'atores' atuando de forma integrada e linear, dominando toda a história de seus personagens". Na moderna urbana, as ações "se desenvolvem como na gravação de um filme, onde os 'atores' participam de cenas estanques, cenas essas frequentemente interrompidas para serem retomadas em sequências totalmente diferenciadas"<sup>1</sup>.

Nessas diferenças "gerais", devem ser observadas as diferenças "específicas", ou melhor, as particularidades.

Alguns aspectos serão retomados do desenvolvimento do trabalho, como parâmetros utilizados na análise pretendida.

---

1- MARCELLINO (83, p.21)

Os jogos revelaram-se em muitos instantes, como espaço de treinamento social, relativo ao desempenho sexual de papéis.

O futebol, embora apresentado como permissível, tanto no povoado rural, como na cidade, com tentativa malograda para formação de um time feminino, mostrou-se como domínio masculino na ação do jogo, embora a participação feminina tenha se revelado na assistência, ou na torcida.

Já no jogo de cartas, a proibição foi mais taxativa, como na fala exposta: "mulher não joga aqui", revelando uma nítida separação entre domínios masculino e feminino.

No grupo do povoado rural, o mundo dos negócios, do dinheiro, é o masculino por excelência, mesmo com a presença de mulheres trabalhadoras. O jogo de cartas expressa esse mundo, enquanto que no futebol, há um espaço do encontro (com ausência do dinheiro), embora com papéis definidos (homens jogando, mulheres assistindo ou torcendo).

Quanto às crianças, não observei a participação de meninas no futebol, e os garotos jogavam, como brincadeira, ao lado do campo onde estavam os adultos. O mesmo foi observado quanto ao jogo de cartas (jogavam ao lado dos adultos), embora neste, a atitude de brincadeira não tenha se manifestado, o jogo desenvolvendo-se com apostas a dinheiro.

Esses jogos evidenciam certa aprendizagem de papéis, não na direção de preparar a criança para ser adulta, mas no de compreensão da sua sociedade, enquanto membro dela. Isso não significa adaptação, pois as situações são ambíguas, sendo a imagem de homem, renovada historicamente, estando presente a

possibilidade de um posicionamento frente ao reconhecido. O mundo é revisto de acordo com uma interpretação interiorizada.

Ainda com as crianças, na passagem relacionada aos jogos e brincadeiras desenvolvidas no terreiro de café, por ocasião da festa junina, explicitarei a necessidade da educação estar atenta para a possibilidade da exploração do saber infantil, surgido na relação das crianças com o seu mundo, ao invés de remeter-se constantemente ao uso de manual de jogos.

Esses jogos traduzem, de certa forma, relações sociais próximas e estreitas, caracterizando uma fisionomia peculiar, onde todos se cruzam constantemente e se conhecem, numa informalidade do cotidiano.

Não presenciei excessos de rigidez em relação a atitude de juízes e capitães - punições, advertências (usos de cartão), obediência a certas disciplinas (beber e fumar antes do jogo e outros).

A aceitação do grupo, igualmente, parece fazer parte de um aprendizado social, presente nos jogos, evitando certos atritos, como foi traduzido na fala de um dos jogadores no povoado rural: "Todos se respeitam. Quem vem para cá e não é bom, vai logo embora".

Essas atividades informais acontecem num clima mais cooperativo do que competitivo. Nos finais de semana, há toda uma organização, visando à realização dessas atividades, como os convites entre as fazendas, construção de barracas para vender bebidas, instrumentos trazidos por pessoas, distribuição do material (uniformes). Organização envolvendo jogadores e

assistentes, cada um com a devida função. A ausência dessa cooperação provoca a não ocorrência do jogo. Não é uma atividade acontecendo "para" outros, mas para acontecer deve contar "com" a colaboração de todos.

Mesmo no futebol, no campo da cidade, a técnica expressou esse quadro bastante informal, traduzindo a maneira das relações sociais acontecerem no momento da sua afirmação, quando falou sobre a necessidade de "caçar jogadores nas casas".

Quando a população opinou sobre suas atividades de lazer, particularmente as ludomotoras, houve uma tendência em enfatizar sua diminuição, atualmente, quando se comparou com um passado não muito distante (20 a 30 anos aproximadamente). Essa posição evidenciou-se através de vários momentos da pesquisa. As mulheres de Santa Maria, além de reclamarem um lazer "delas", explicitaram a presença, no passado, de muita festa (nos finais de semana havia encontro de dança no salão), corrida de cavalo, jogo de malha e boccia, etc. Esse conjunto de atividades teve seu término devido ao desaparecimento dos campos e galpões, causado pela venda das terras para um novo "patrão".

Alguns administradores, durante as entrevistas, fizeram alusão à "frequência de bailes e festas, nas fazendas, no passado".

Na cidade, esse sentido de ausência igualmente mostrou-se patente na fala de alguns moradores. Os bares tinham outras funções, além de vender comida e bebida, como o do Rubão (talvez o mais tradicional), onde havia campo de boccia, mesa de pebolim, snooker e um canto para os idosos jogarem cartas.

A população, em geral, referiu-se ao extinto "Grêmio Egidiense", como algo "deles", desejando sua reconstrução e o retorno à animação das festas de outrora.

Alguns moradores queixaram-se da extinção dos campos de boccia, existentes próximos à igreja.

A ausência dessas atividades indica uma desagregação do grupo social, pela perda de oportunidades para o encontro, rompendo com relações mais espontâneas e possibilidades de organização em torno de opções informais.

Esses fatos acusam uma destruição sem substituição, não se desenvolvendo aquela bricolagem entre valores "novos" e "velhos", num espaço onde o "tradicional" e o "moderno" mesclam-se, sucedendo num palco de conflito de gerações. Não surgiram alternativas, vendo-se a população desprovida de locais significativos, contribuindo para a concretização de encontros.

Muitas atividades revelaram-se atreladas a associações de moradores, comunidade jovem (extinta), associações de futebol, indicando uma organização da população, propondo inclusive soluções para seus problemas, como o da "invasão de turistas", nos finais de semana.

O tempo de lazer, em várias ocasiões, foi percebido como um tempo de família, num modelo relacional, englobando a casa e o trabalho, onde um elemento é capaz de totalizar o outro, em situações específicas. O lazer não foi percebido como um 'fator' externo à vida no seu conjunto.

No depoimento de um administrador, essa ausência de separação evidenciou-se quando relacionou o desaparecimento das

festas, das tradições, a apatia do povo, a descrença, com a situação atual da vida desse mesmo povo e as crises que o afetam.

Nas festas, a relação existente entre lazer e trabalho, mostrou-se diversa daquela observada quando as festas constituem-se em lazer para alguns e trabalho para outros, isso acontecendo quando contratadas equipes de marketing, organização, som etc. Apesar da presença de alguns contratos desse tipo, as festas desenvolveram-se num espaço onde mesclaram-se agentes externos e internos. Para alguns moradores, que participaram mais intensamente, ela foi concomitante, lazer e trabalho, pois as pessoas eram os organizadores, trabalhavam nas barracas, na animação e na fiscalização.

Nesse caso, o trabalho não representou ganhos econômicos, traduzidos em horas/trabalho, produtividade. Não é um trabalho medido em termos de valor, mas é o trabalho enquanto valor, significando não uma perda de dinheiro, porque inútil, porém importante, contribuindo para a manutenção de relações sociais de festas, as quais proporcionam sentido à existência dessas pessoas.

Por outro lado, essas festas evidenciam o sagrado e o profano dessa sociedade, sem esquecer seu caráter relativo. A festa é sagrada, não só pela identidade gerada através da comunhão, mas porque, diante dos olhos do povo, ela se tornou assim por uma tradição e expressão de vida. Encerra uma educação religiosa, na qual estão presentes valores de fé e devoção, onde estão contidas definições da condição do homem no mundo, sua relação com a transcendência e o próprio sentido de vida humana.

Por meio das festas, o homem repete e reconstrói sua experiência. A história de mais de 30 anos referente a uma festa, como a de São Joaquim, identifica-se com a própria história de Joaquim Egídio, pelos personagens que por lá passaram, aspectos da cidade relacionados ao evento (mantidos e ou transformados), projetos despertados durante o acontecimento.

As festas de santo diferenciam-se das festas cívicas, estas últimas não revelando muita importância no meio rural, por não cumprirem a função de rituais de inclusão, como as primeiras, onde o povo se sente unido, por meio do santo, tornando terrenas as relações.

Quando a educação formal não atenta para esse fato, não percebendo essa relação com os eventos locais, pode assumir a atitude de substituição/imposição, não se preocupando com a continuidade da formação cultural, consequência de uma negação de valores e visão de mundo do grupo para o qual se destina.

Observa-se nesse caso, a aprendizagem da condição de oprimido, não só pela desconsideração com o modo de vida local, mas porque vem reforçar os rótulos "atrasado", "grosseira", "sujo", "coisas que não servem para nada" e outros. Situação essa podendo possibilitar aberturas para intervenções, sob a justificativa do "progresso", visando a interesses alheios, numa destruição dos elementos da cultura em determinada ordem de relações.

Nessas intervenções, estão presentes os meios de comunicação de massa, na sua tentativa de padronizar comportamentos, costumes e aspirações, direcionando o consumo, ou

criando mercados.

Porém, como já discutido no decorrer deste trabalho, esses meios não demonstraram tanta influência nessa sociedade, onde há tentativa de preservação de alguns costumes, eliminando o que não lhes interessa.

O poder dos meios de comunicação deve ser relativizado, uma vez que a criação de gostos e modas acontece dentro de certos limites, devendo, primeiro, serem descobertos. No caso analisado, esses limites apresentam-se estreitos.

Mesmo assim, eles afetam a ordem social, e, pelo observado, a televisão encontra-se dentre estes, como foi apontado por um administrador, acusando a televisão pela responsabilidade de alterar e ocupar o espaço da conversa entre as pessoas, nos encontros antes do anoitecer, nas fazendas.

Mostrei como os jovens, na descoberta do mundo (muitos estão saindo de casa para trabalhar ou estudar), tendem a privilegiar essas "inovações" propagadas por esses meios, apresentando uma suscetibilidade maior a determinadas caricaturas (como a do "caipira", significando "atrasado"), com as quais não desejam se identificar, por residirem num local considerado por muitos como "atrasado".

Nessa situação, há possibilidade da ocorrência de uma negação de valores e visão de mundo do próprio grupo a que se pertence, com a conseqüente repulsa do "velho", não se percebendo os movimentos sociais articuladores das formas do "velho" e do "novo", mascarando condições reais de existência.

A montaria, a romaria de cavaleiros (conduzindo ao projeto do clube de cavaleiros), o leilão na festa, a barraca do clube de mães (na iminência de não marcar mais presença na festa, por divergências com o padre), a procissão, o futebol, o jogo de cartas, o forró nas festas, simbolizam um conjunto de relações sociais, uma sabedoria na qual estão contidos aspectos existenciais.

O processo educativo deveria ser um constante diálogo com esses elementos do cotidiano, orientando o grupo social num aprofundamento do conhecimento de sua realidade, onde encontram-se suas aspirações, necessidades, e uma melhor compreensão dessa realidade poderia surgir, possibilitando a interpretação, o posicionamento e a recriação do elemento dado.

Dessa forma, a relação ensino-aprendizagem se tornaria mais significativa, tomando o rumo da superação do "senso comum", a partir dele, onde estaria presente, não uma negação de determinado saber, mas a busca pela mediação de saberes.

Dentre outros, um elemento garante a dimensão lúdica e a dimensão do conhecimento: a participação do povo no processo educativo, tendo como ponto de partida, a sua realidade cultural.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBANO, Maria C. e LEMOS, Celina B. Reflexões sobre o consumo como forma de sociabilidade e lazer nos centros urbanos contemporâneos. Belo Horizonte, Depto. Sociologia e Antropologia, s/d.
- ALVES, RUBEM. A gestação do futuro. Campinas, Papirus, 1986.
- ARCOVERDE, Ana Cristina B. O coletivo ilusório - Uma reflexão sobre o conceito de comunidade. Recife, Ed. Universitária, 1985.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- BACAL, Sarah S. Lazer: Teoria e Pesquisa. São Paulo, Loyola, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento. São Paulo, Hucitec/Editora. Universidade de Brasília, 1987.
- BITTENCOURT, Luiz Cláudio. Subsídios para um possível desenho urbano da república em Campinas. In: LAPA, José R. do A. História Política da República. Campinas, Papirus, 1990.
- BOSI, Alfredo. Cultura Brasileira. In: MENDES, Dumerval T. Filosofia da educação brasileira. 3a. edição, Rio de Janeiro, 1987.

- BOSI, Ecléa. Problemas ligados à cultura das classes pobres. In: Valle, Edenio (org.) A cultura do povo, 3a. ed., São Paulo, Cortez, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: \_\_\_\_\_ Questões de sociologia. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero Limitada, 1983.
- BRANDÃO, Carlos R. Cavalcadas de Pirenópolis. Goiânia, Ed. Oriente, 1974.
- BRANDÃO, Carlos R. Sacerdotes de viola. Rio de Janeiro, Vozes, 1981.
- BRANDÃO, Carlos R. A Educação como Cultura. São Paulo, Brasiliense, 1985a.
- BRANDÃO, C.R. A festa do Santo de Preto. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore. Goiânia, 1985b.
- BRANDÃO, Carlos R. Os nomes do trabalho. In: Anuário Antropológico 85.
- BRANDÃO, C.R. Festim dos Bruxos. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Icone, 1987.
- BRANDÃO, C.R. A cultura na rua. Campinas, Papirus, 1989.

- BRANDÃO, C.R. O que é Educação. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- BRUHNS, Heloisa T. A dinâmica lúdica. Tese de Mestrado, UNICAMP, Faculdade de Educação, 1989.
- BRUIT, Héctor. Região, Estado e Capitalismo. In: História Regional. Série Seminários 1, Campinas, Ed. Unicamp, 1987.
- BUBER, Martin. Sobre Comunidade. São Paulo, Perspectiva, Debates 203, 1987.
- CAILLOIS, Roger. O homem e o sagrado. Lisboa, Edições 70, 1988.
- CALDEIRA, Teresa P. do Rio. A política dos outros. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- CASSIRER, Ernest. Antropologia filosófica. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1977.
- CARVALHO, José Jorge. O jogo de bolinhas de gude: uma simbólica da masculinidade. Universidade de Brasília, Série Antropológica no. 56 s/d.
- COX, Harvey. A festa dos foliões. Rio de Janeiro, Vozes, 1974.
- CURY, Carlos R. J. Educação e Contradição. Cortez/Autores Associados, 1985.

- DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. 4a. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- DA MATTA, Roberto. Explorações, Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- DA MATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.
- DORFLES, Gillo. Novos ritos, novos mitos. Lisboa, Edições 70 s/d.
- DUARTE JR., João F. Fundamentos Estéticos da Educação. Campinas, Papirus, 1988.
- DURHAM, Eunice. A dinâmica cultural na sociedade moderna. In: Ensaio de opinião 2+2, Rio de Janeiro, Ed. Imúbia, 1977.
- DURHAM, Eunice. A Família Operária: Consciência e Ideologia. Dados, Vol. 23, no. 2.
- DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. (org.) A aventura antropológica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- DURHAM, Eunice. Cultura e ideologia. In: Revista Dados, Vol. 27 no. 1, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1984.

- DUVIGNAUD, Jean. Festas e civilizações. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/Universidade Federal do Ceará, 1983.
- ELIADE, Mircea. O mito do eterno retorno. Lisboa, Edições 70 s/d.
- FORJAZ, M. Cecília S. Lazer e consumo cultural das elites. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vértice/Anpocs no. 6 vol. 3, fev. 1988.
- GARAUDY, Roger. Dancar a Vida. 4a. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- GEBARA, Ademir. A importância dos estudos regionais para as ciências sociais. In: História Regional. Série Seminários 1, Campinas, Ed. Unicamp, 1987.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan S.A., 1989.
- HEERS, Jacques. Festa de loucos e carnavais. Lisboa, Publicações Dom Quixote. 1987.
- HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- HOGGART, Richard. As utilizações da cultura (1). Lisboa, Editorial Presença, 1973.

- IANNI, Octavio. Texto comentário: Cultura do povo e autoritarismo das elites. In: Valle, Edêmio e Queiroz, José J. (orgs.) A cultura do povo. São Paulo, Cortez Editora, 1985.
  
- KOSIK, Karel Dialética do concreto. 2a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra s/d.
  
- KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.
  
- LIMA, Magali Alonso. Formas arquiteturais esportivas no estado novo (1937-1945): suas implicações na plástica de corpos e espíritos. Rio de Janeiro, Funarte, 1979.
  
- MAGNANI, José G.C. A festa no pedaço. São Paulo, Brasiliense, 1984.
  
- MARCELLINO, Nelson C. Lazer e humanização. Campinas, Papirus, 1983.
  
- MARCELLINO, Nelson C. Lazer e educação. Campinas, Papirus, 1987.
  
- MARCELLINO, Nelson C. Algumas considerações sobre a polêmica questão do lazer. In: Revista Reflexão 43. Filosofia no 2o. grau, Campinas, PUCC, 1989.
  
- MARCELLINO, Nelson C. Pedagogia da animação. Campinas, Papirus, 1990.

- MENDES, Dumerval T. Existe uma filosofia da educação brasileira? In: MENDES, D.T. (org.) Filosofia da educação brasileira. 3a. edição, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1987.
- MILLS, Wright C. A nova classe média. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- MORAIS, Regis de. Cultura brasileira e educação. Campinas, Papirus, 1989.
- MORIGI, Valdir J. Antigamente era assim. As mudanças sociais no campo e na festa camponesa. Curitiba, I Encontro Regional PIPSA/SUL, 1988.
- NOGUEIRA, Oracy. Família e comunidade. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1962.
- OLIVEN, Rubem G. A Antropologia de grupos urbanos. Rio de Janeiro, Vozes, 1985.
- PIETROCOLLA, Luci Gati. O que todo cidadão precisa saber sobre sociedade de consumo. São Paulo, Global Editora, 1987.
- PRADO, Regina P.S. Parentesco e compadrio: Análise da estrutura social do cabloco maranhense. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1972.

- PRADO, Regina P.S. Todo ano tem Tese de Mestrado, Antropologia Social - UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.
- RANGER, Terence. A invenção da tradição na África Colonial. In: HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.) A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- RASIA, José Miguel. Criança e trabalho no campo (Socialização, Trabalho e Educação): A criança na força de trabalho rural. Tese de Doutorado, Unicamp, Faculdade de Educação, 1987.
- REZENDE, Antonio M. Crise cultural e subdesenvolvimento brasileiro. Campinas, Papirus, 1983.
- REZENDE, Antonio Muniz. Concepção fenomenológica da educação. São Paulo, Cortez: Autores associados, 1990.
- RIBEIRO JR., Jorge C. N. A festa do povo. Rio de Janeiro, Vozes, 1982.
- RODRIGUES, José Carlos. Tabu do Corpo. 4a. edição, Rio de Janeiro, Dois Pontos Ed. Ltda, 1986.
- SAHLINS, Marshall. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

- SALVADOR, A. D. Cultura e educação brasileiras. 2a. edição, Rio de Janeiro, Vozes, 1971.
- SCHAFF, Adam. A concepção marxista do indivíduo. In: Moral e sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
- SÉRGIO, Manuel. Motricidade Humana - Uma nova ciência do homem! Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, Direção geral dos Desportos, Antropologia de Textos 24, 1986.
- SHANIN, Teodor. A definição de camponês: Conceituações e desconceituações. São Paulo, Estudos Cebrap 26, 1980.
- SOARES, Luiz Eduardo. Campesinato: ideologia e política. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- TUAN, Y. Fu. Espaco e lugar. São Paulo, Difil, 1983.
- VARINE-BOHAN, Hughes de. Patrimônio cultural. A experiência internacional. USP-Fan, 1974.
- VON ZUBEN, Newton A. In: BUBER, Martin. Sobre comunidade. Posfácio. São Paulo, Perspectiva, Debates 203, 1987.

- WAGLEY, Charles. Uma comunidade amazônica. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957.
  
- WILLEMS, Emílio. Uma vila brasileira - Tradição e transição. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
  
- WOORTMANN, Klaas. A antropologia brasileira e os estudos de comunidade. In: Revista Universitas no. 11, janeiro/abril 1972.
  
- WOORTMANN, Klaas. A comida, a família e a construção do gênero feminino. in: Dados, vol. 29, no. 1. IUPERJ, Rio de Janeiro, 1986.
  
- WOORTMANN, Klaas. Com parente não se educa. Brasília, Departamento de Antropologia, Série Antropológica 69, UNB, s/d.

**JORNAIS, ARTIGOS DE JORNAIS E REVISTAS**

- Artigo "Nos tempos da casa grande e senzala". Revista Manchete 27/07/1982.
- Artigo "Joaquim Egídio terá novo espaço de lazer". Campinas, Jornal Diário do Povo 07/10/1990, p.21.
- Artigo "Joaquim Egídio faz festa para seus padroeiros". Campinas, Jornal de Domingo, 19/08/1990.
- Jornal Folha de São Paulo, Caderno B, p. 10, 09/04/1989.
- Artigo "Lixo e pichações ameaçam as cachoeiras de Joaquim Egídio" - Jornal Folha de São Paulo, 23/02/1992.
- COSTA, Maria Tereza. "Joaquim Egídio integra comunidade rural", Jornal Correio Popular. 11/06/1991, p.3.
- LOURENÇO, José M. "Moradores de subdistrito protestam contra os turistas de fim-de-semana" - Jornal Folha de São Paulo, Folha Sudeste - 09/02/1992.
- GOMES, Zuleika G. Monografia: História e estatística do Distrito de Sousas, Campinas, 1973.

- LUCHINI, Atilio L. "Ontem e Hoje - Memórias dos imigrantes", Campinas, 1989.
- Artigo "Indústrias em Joaquim Egídio: lei regulamentadora", Campinas, Jornal Correio Popular, p.5, 21/06/78.
- Artigo, "Joaquim Egídio: A vida simples de um distrito onde o progresso não chegou", Campinas, Jornal Correio Popular, 22/01/78.
- Artigo "Ruas de Joaquim Egídio já recebem pavimentação". Campinas, Jornal Diário do Povo, 22/05/1975.
- Artigo "Terra do 'Papa Vermelho' não deseja indústrias". Campinas, Jornal Diário do Povo, p. 20, 14/09/75.